



FUNDAÇÃO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES
Centro de Modernização e Desenvolvimento da Administração Pública.



Educaparavencer
O Ensino Público do Novo Século



**GOVERNO
DA BAHIA**
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA

O PROFESSOR COMO EDUCADOR

- Um Resgate Necessário e Urgente -

**Salvador
2001**

© 2001 by Antonio Carlos Gomes da Costa

Direitos para a língua portuguesa cedidos
À Fundação Luís Eduardo Magalhães
Foi feito o depósito legal

Coordenação e orientação técnica:

João Batista Araújo e Oliveira / JM Associados

Coordenação editorial:

Instituto Sérgio Costa Ribeiro

Capa:

Jey Viana de Castro

Fotografias:

G. Schuster/Stock Photos (capa);

Blake Litte/Tony Stone (p. 18-19)

Charles Thatcher/Tony Stone (p. 60-61)

Ray Massey/Tony Stone (p. 94-95)

Stuart McClymont/Tony Stone (p. 138-139)

C 87 Costa, Antonio Gomes da

O professor como educador: um resgate necessário e urgente. / Antonio Carlos Gomes da Costa – Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

180 p

Bibliografia.

1. Educação – Práticas educativas. 2. Relações Interpessoais na Escolas
I Título

CDD 370.733

Ficha catalográfica elaborada por Josenice Bispo de Castro – CRB/5-581

Fundação Luís Eduardo Magalhães

3ª Avenida, 310 – Centro Administrativo da Bahia

41.746-900 – Salvador, BA – Brasil

Tel: (+ 55 71) 3115-3039 – Fax: (+ 55 71) 3115-3010

www.flem.org.br

*“De fato, não se pode negar que este período de mudanças rápidas e complexas deixa, sobretudo os jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, com a sensação de estarem privados de pontos de referência autênticos. A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a vida pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim a possibilidade de alcançar o verdadeiro sentido da existência.”**

João Paulo II

* Encíclica **Fides Et Ratio**

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

Palavra Inicial

1. QUEM SOU EU?

- O educador como pessoa
- O professor como Profissional
- O professor como cidadão
- Como vejo o mundo
- Como vejo a educação
- Como me vejo neste novo mundo
- A Escola, Meu Espaço de Atuação
- Ser Professor: significado e sentido

2. QUEM SÃO OS ALUNOS?

- A Onda Jovem
- Adolescência, Tempo de Encontros e Travessias
- Adolescentes e Adolescentes
- Para Ouvir e Entender Adolescentes
- As Ciladas da Adolescência
- Relações Perigosas
- O adolescente que queremos
- Adolescer é crescer

3. COMO É MINHA RELAÇÃO COM OS ALUNOS?

- Colocando-me no lugar do aluno
- Como os alunos me percebem?
- Minha relação com os alunos
- Como lidar com disciplina e limites?
- Escola, lugar de aprendizagem e crescimento
- Ossos do Ofício
- Educar é Criar Espaços

4. COM QUEM MAIS EU ME RELACIONO?

- Um Dente a Mais na Engrenagem?
- O poder na Comunidade Educativa
- Educadores familiares e educadores escolares
- A Relação escola-programas sociais da comunidade
- Fazendo a democracia funcionar na escola
- O walkman da educação
- O exterminador do futuro
- Ser educador

Palavra Final

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

Atenção, leitor: o livro que você tem em mãos não é um livro qualquer. É desses raros livros que podem marcar para sempre a vida dos que o lêem.

Assim, se você é uma professora ou um professor que julga ser impossível, como dizem alguns, “mudar a educação e a escola no Brasil”, pode deixá-lo de lado. Irá perder seu tempo. Porém, se você acredita que a educação e a escola podem mudar, e que você, mudando também, pode desempenhar um papel nessa mudança, então leia este livro com atenção e empenho. Ele será um companheiro insubstituível na sua participação pessoal nesta que talvez seja a causa maior, o desafio mais importante da sociedade brasileira no limiar do terceiro milênio – transformar a educação e a escola que temos na educação e na escola que precisamos ter.

Por tudo isso este é um livro urgentemente necessário para os milhões de profissionais da educação como você, para os milhões de educandos como os seus e para os 160 milhões ou mais de cidadãos como todos nós.

Igual a toda obra portadora de futuro, esta é fruto de uma trajetória de vida. Uma vida com sentido de missão. Conheci o Professor Antonio Carlos Gomes da Costa em 1986, nos primórdios da campanha nacional pelos direitos da criança e do adolescente, antes ainda da instalação da Assembléia Nacional Constituinte. Tenho orgulho de ter sido seu companheiro muito próximo nessa caminhada cívica, a qual resultou no art. 227 da Constituição de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990. Antonio Carlos foi o grande ideólogo dessa conquista civilizatória, atuando tanto no debate das idéias e na formulação de propostas como na mobilização e articulação de organismos governamentais e de movimentos e organizações da sociedade.

Acompanhei a sua carreira como funcionário do UNICEF e depois como dirigente da política pública federal, como incansável e competente defensor do novo paradigma legal, como orientador e consultor de programas e projetos governamentais e privados nessa área e na área da educação por todo o Brasil, particularmente voltados para o trabalho com adolescentes. Orgulho-me de ter sido o editor do seu primeiro livro – *“Uma Aventura Pedagógica”*, na coleção Pedagogia Social, da Editora Columbus, de São Paulo, em 1989. Como os demais que se lhe seguiram, esse livro pioneiro situa Antonio Carlos como um pedagogo original, capaz de realizar com maestria a difícil e rara junção da teoria e da prática no cotidiano do processo educativo.

Portanto, este livro que você tem em mãos foi escrito por quem sabe bem o que você enfrenta todo dia, dentro e fora das salas de aula: sabe bem o que significa ser professora ou professor no Brasil de hoje. Ele se dirige a você como você é, não a um profissional imaginário, que só existe na teoria. Ele parte, porém, da compreensão do que você pode ser: do seu potencial de vir a ser, mais do que um professor, um educador completo.

Com ele você vai estar sob a orientação de um mestre experiente, ao decidir exercitar essa articulação de ação e reflexão e de proximidade e distanciamento que caracteriza um autêntico educador. Ele ajudará você a praticar o *realismo pedagógico*, que se opõe tanto ao sentimentalismo ingênuo e à indiferença preguiçosa quanto ao espontaneísmo irresponsável, assumindo o papel de líder consciente, democrático e eficaz da ação educativa. Ele estará sempre ancorando você no terreno fértil do compromisso ético-político e da relação presencial (do encontro verdadeiro com os educandos), integrando as suas inseparáveis dimensões de pessoa, profissional e cidadão ‘produtor’ de outros cidadãos, como diz Antonio Carlos.

Ele ajudará você a nunca perder de vista a necessidade de aprender sempre com os acertos e, principalmente, com os erros, e a trabalhar corajosa e resilientemente no *modelo do desafio*, não no *modelo do dano*, contra e apesar de todas as dificuldades: salários baixos, carreiras deficientes, condições precárias, desprestígio social do magistério etc. Ele será seu guia e seu estímulo na ingente e patriótica tarefa de mudar a educação através da mudança da escola por dentro - silenciosa, lúcida e cotidianamente: não jogando-se de cabeça contra o muro dos obstáculos, mas procurando superá-lo com inteligência, perseverança, criatividade, confiança nas próprias forças, convicção nas próprias metas e fé nos valores superiores em que estão fundadas.

Ele estará ao seu lado no esforço de combinar, na prática pedagógica cotidiana, o *discurso das palavras* da docência, o *curso dos acontecimentos* das práticas e vivências e os *encontros enriquecedores* da presença.

Longe de ser um repertório de receitas, este livro é uma partilha de experiências e visões, um catálogo de desafios e convites à crítica e à autocrítica, ao bom senso e à sabedoria, à coerência entre o desejo e a realidade, entre o sonho e a concretude, entre a utopia necessária e as árduas e transformadoras mediações do aqui e do agora.

Escrito com coragem, realismo, clareza pedagógica, sólido embasamento teórico-prático e compromisso ético-político com as crianças e jovens, com a educação e seus profissionais e com o nosso povo em geral, este livro, estou certo, terá um brilhante destino.

Esse destino, contudo, leitor, só se tornará realidade se entrar em sintonia com o seu próprio projeto de vida, pessoal e profissional, com a sua decisão de ser, mais do que um transmissor de conhecimentos, um autêntico educador: um forjador de consciências, um difusor de valores, um modelo de atitudes e compromisso, um formador de cidadãos.

Porque as idéias por si só não mudam o mundo e a vida: são as pessoas, imbuídas de idéias e ideais portadores de futuro, que o fazem – com seus desejos e sonhos, trabalho e audácia, esperanças e convicções, paixão e lucidez.

DEODATO RIVERA

Nota do Editor – Deodato Rivera, 65 anos, graduado em Filosofia e pós-graduado em Ciência Política, foi professor na FLACSO (Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, Chile), “visiting fellow” na University of Essex, Inglaterra, pesquisador convidado do Instituto Internacional de Pesquisas da Paz, de Oslo, e membro da Comissão de Educação para a Paz, da Associação Internacional de Pesquisas da Paz. Participou da campanha nacional pelos direitos da criança e do adolescente, tendo sido membro da comissão elaboradora do ante-projeto do Estatuto da Criança e do Adolescente. Atualmente é consultor, pesquisador e conferencista na área do desenvolvimento humano.

PREFÁCIO

A primeira edição deste livro ocorre exatamente na data do 10^o aniversário do Estatuto da Criança e do Adolescente. O Professor Antonio Carlos foi o protagonista maior das ações que levaram à elaboração, negociação e aprovação do Estatuto pelo Congresso Nacional. Sua ação não pára aí. Seguindo sua modelar trajetória de educador, Antonio Carlos vem participando ativamente de todas as ações mais importantes relacionadas com a implementação do plano. Dentre essas, de longe a educação, no seu sentido amplo e no seu sentido estrito, vem merecendo sua especial atenção. Ninguém melhor do que um protagonista para falar a respeito de protagonismo.

Este livro é destinado a educadores. Foi concebido originalmente para apoiar as ações dos professores do Programa de Regularização do Fluxo Escolar de 5a. à 8a. série iniciado pela Secretaria de Educação da Bahia como parte do programa de reforma educativa “Educar para Vencer”. Seu público, no entanto, são todos os professores e educadores que lidam com jovens.

Dentro desse projeto, além da função de ensinar, cada professor recebe uma atribuição adicional, a de tornar-se um elo de ligação entre o aluno e a escola – elo perdido na crescente onda de burocratização e formalização do ensino que caracterizou muito do que se fez nas últimas décadas. Dessa forma, o que se pretende é trazer de volta para a escola a consciência de que sua missão não se resume a ensinar: a escola, antes de tudo, deve educar. O objetivo do livro é claro: dar aos professores os conceitos e instrumentos que lhes permitam lançar um novo olhar sobre o jovem que se encontra a seus cuidados.

O tema do protagonismo é central: o jovem adolescente é e deve ser visto como sujeito e condutor de seu processo educativo. Isso não diminui, ao contrário, aumenta a responsabilidade do professor como educador. Para confiar no jovem, o professor precisa confiar em si mesmo. Para acreditar no jovem, o professor precisa acreditar em si mesmo e na importância de seu exemplo, de seu papel como adulto, guia e modelo. Tratado como protagonista, o jovem adolescente – e a adolescência – deixam de ser problema e passam a fazer parte da solução.

Este livro combina reflexão e ação. É uma inestimável oportunidade de leitura, reflexão, planejamento, intervenção na realidade concreta, e de crescimento pessoal para o educador. Ele inaugura um novo capítulo na educação brasileira: a retomada da dimensão educativa do trabalho docente.

Salvador, 13 de julho de 2000

JOÃO BATISTA ARAÚJO E OLIVEIRA

PALAVRA INICIAL

Este livro é, antes de tudo, uma obra de resgate. Seu propósito é recuperar o educador que existe em nós, que optamos pelo magistério. Trata-se de uma tarefa necessária e urgente. Todos os que vivem o dia-a-dia da escola sabem muito bem do que estamos falando.

Vamos, portanto, direto ao assunto: as relações entre professores, alunos, técnicos, funcionários e a direção de nossas escolas estão se tornando cada vez mais difíceis. A indisciplina, o desgaste e a indiferença estão substituindo o sentido democrático de ordem, a harmonia e o empenho gratificante de ensinar e de aprender, que tanto os professores como os alunos e seus familiares têm o direito de esperar de uma escola que realmente funcione como tal.

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien, Tailândia, em março de 1990, definiu a satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, como sendo o acesso aos conteúdos da educação (conhecimentos, valores, atitudes e habilidades) e aos instrumentos da educação: expressão oral, leitura, escrita, cálculo e resolução de problemas.

Neste nosso pequeno guia para a ação, vamos nos preocupar menos com o professor como transmissor de conhecimentos e mais com o professor como transmissor de valores, atitudes e habilidades, que permitam aos seus alunos crescerem como pessoas, como cidadãos e como futuros trabalhadores e trabalhadoras no contexto da nova e desafiante economia em que o Brasil tem se esforçado por ingressar.

Não estamos, de modo algum, querendo negar ou obscurecer a importância do processo de transmissão de conhecimentos como o eixo principal da atividade escolar.

Ao contrário, não temos dúvida alguma de que a produção, a acumulação e a difusão do conhecimento serão as matrizes básicas, tanto da economia, como da organização da nova sociedade que está emergindo neste limiar de um novo século e de um novo milênio. À escola, certamente, caberá um papel fundamental no processo de preparação da infância e da juventude para fazer frente a esta nova realidade.

Porém, é preciso reconhecer que, neste momento, nossas escolas estão confrontadas com enormes desafios relacionais, isto é, dificuldades na construção de um convívio harmônico e produtivo entre educadores e educandos. O propósito deste livro é ajudar os professores a atuarem como educadores, ou seja, adultos capazes de exercer sobre as crianças e adolescentes uma influência verdadeiramente construtiva.

Além da expressão oral, da leitura, da escrita e do cálculo, a escola deverá ensinar seus alunos a resolver problemas, isto é, a enfrentar as situações cada vez mais desafiadoras, complexas e exigentes com que eles têm de se defrontar na escola, na família e na comunidade, se quiserem, realmente, desenvolver o seu potencial como pessoas, como cidadãos e como futuros trabalhadores.

Continuar ignorando, ou colocando em segundo plano esta dimensão do trabalho educativo, pode prejudicar tremendamente ou mesmo inviabilizar o trabalho da escola no plano da transmissão do conhecimento, ou seja, da atividade que mais define e caracteriza a instituição escolar.

Lidar com as dificuldades e impasses dos adolescentes, que a cada dia trazem para o interior da escola um número crescente de problemas não resolvidos na família e na comunidade, é uma tarefa que deve ser encarada de frente e isto requer, certamente, que nos preparemos para tanto. Este trabalho foi escrito justamente para preencher uma lacuna que existe em nosso campo de atuação.

Não é um trabalho sobre os problemas vividos pelo professor no seu relacionamento com os adolescentes no dia-a-dia de nossas escolas. É, antes, um trabalho dirigido ao próprio professor, com o firme propósito de ajudá-lo a compreender, enfrentar e vencer esses problemas. Sabemos que este é um grande desafio e por isto nos entusiasma ainda mais a oportunidade de enfrentá-lo.

Antonio Carlos Gomes da Costa

“O propósito desse livro é ajudar os professores a atuarem como educadores, ou seja, adultos capazes de exercer sobre as crianças e adolescentes uma influência verdadeiramente construtiva.”

Capítulo 1 - QUEM SOU EU?

- O educador como pessoa
- O professor como profissional
- O professor como cidadão
- Como vejo o mundo
- Como vejo a educação
- Como me vejo neste novo mundo
- A escola, meu espaço de atuação
- Ser professor, significado e sentido

• O EDUCADOR COMO PESSOA

Contam os historiadores da Filosofia que no frontispício do templo de Apolo, em Delphos, estava escrito: “Conhece-te a ti mesmo”. Este foi e continua sendo o ponto de partida todas as vezes que buscamos nos confrontar conosco mesmos à procura da nossa identidade, ou seja, daquilo que nos torna únicos, daquilo que nos faz ser o que somos.

Milton Nascimento imortalizou esta busca nos versos de uma linda canção: “Eu, caçador de mim.” Onde, porém, devemos começar essa “caça” de nossa identidade? Será que devemos mergulhar em nosso próprio interior e perscrutar os abismos da alma? Creio, sinceramente, que não é preciso tanto. Há um outro meio mais simples e objetivo de realizarmos esta tarefa.

Jean-Paul Sartre, o mais famoso filósofo francês do pós-guerra, cunhou uma sentença lapidar a respeito desta questão: “o homem é aquilo que ele faz”. Portanto, em vez de mergulhar nos abismos da alma, pense um pouco na sua vida, na sua trajetória, nos caminhos que você percorreu para chegar até aqui. Procure se lembrar de tudo o que foi mais importante, mais significativo para sua vida, aquilo que mais contribuiu para que você fosse aquilo que você é hoje.

Apenas para ajudar no seu itinerário, é interessante lembrar uma das bases do paradigma do desenvolvimento humano, que pode ser resumida assim: “Aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende fundamentalmente de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez”. De fato, se pensarmos bem, cada um de nós é fruto das oportunidades que tivemos e das escolhas que fomos fazendo ao longo da vida. E algumas escolhas são determinantes em nossa trajetória pessoal. Como a escolha daquela ou daquele com quem vamos compartilhar nossas vidas ou a escolha da profissão que vamos seguir.

Fazer escolhas, tomar decisões, definir o rumo de nossa própria existência, é o que faz o homem, no dizer de Erich Fromm, “o parteiro de si mesmo”, isto é, as nossas decisões na vida e as ações delas decorrentes é que nos fazem ser o que somos.

Muitas vezes, porém, quando a gente se debruça sobre este tema e se faz estas indagações, temos uma irreprimível tendência de ficar procurando os responsáveis por aquilo que aconteceu ou deixou de acontecer em nossas vidas. É sempre mais fácil a gente responsabilizar alguma pessoa ou circunstância e, assim, tirar a responsabilidade de cima de nossos ombros e colocá-la nos de outras pessoas. Esta é uma tentação muito freqüente, não só hoje, mas em todos os tempos. Não é verdade?

É o mesmo Sartre, no entanto, que nos dá uma orientação precisa a esse respeito, quando afirma: “O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós

próprios faremos com aquilo que fizeram de nós”. Quando a gente olha o nosso passado, o nosso presente e as nossas opções futuras por esta ótica, as coisas assumem uma outra forma e a vida parece nos dizer: Vai nessa! A bola é sua! Assuma a condução do seu próprio destino! O melhor lugar é aqui. A melhor hora é agora. Comece com aquilo que você já sabe, construa sobre aquilo que você já tem. Não deixe passar a flor do mundo que, a cada manhã, desabrocha em nossas vidas. Colha-a!

É muito importante que a gente se compreenda e se aceite como realmente é. Sem isto, não podemos falar de identidade, que é a continuação da nossa personalidade, daquilo que nos faz únicos e irrepetíveis, no tempo. É a clareza acerca da nossa identidade que nos permite mudar sem deixar de ser a gente mesmo. Sem deixar de ser aquilo que se é.

É muito importante, professor ou professora, que neste início de nossa caminhada ao longo do trajeto contido neste livro, que você pare um pouco e pense em si mesmo como pessoa, como indivíduo, como um ser humano que ocupa um lugar neste mundo. Alguém que tem uma história de vida, alguém que, neste momento, está confrontado com um conjunto de situações em sua existência, e, sobretudo, alguém que tem ideais, projetos, sonhos e esperanças.

Portanto, pare um pouco, e se pergunte: quem sou eu? Responder claramente a esta pergunta é sempre um importante primeiro passo no caminho da mudança em nossas vidas. E é por aí que pretendemos começar a construção de um novo caminho na sua trajetória de educador. Não podemos mudar, porém, a nossa atitude básica diante do nosso trabalho se, antes, não formos capazes de mudar nossa atitude básica diante da vida. Por isso, decidimos começar pelo começo de tudo, que é a sua relação consigo mesmo.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como me sinto, como pessoa, perante mim mesmo?
2. Como foi minha trajetória para chegar até aqui?
3. Diante das oportunidades que tive, quais foram minhas decisões?
4. Qual é minha atitude básica diante da vida? Eu assumo a responsabilidade por tudo que me aconteceu ou tento responsabilizar outras pessoas?
5. Eu sou uma pessoa que se compreende e se aceita? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Faça uma relação de alguns momentos cruciais da sua vida, daqueles momentos em que sua trajetória poderia ter tomado um ou outro rumo. Momentos em que você se viu, realmente, diante de uma encruzilhada. Lembre-se, em relação a cada um desses momentos, quais eram as alternativas, que se dispunham diante de você e da sua opção, do rumo pelo qual você optou naquele instante. Pense agora no que lhe motivou a agir daquela forma e, não, de outra. Veja bem o quadro que você tem diante de si. Se você se esforçar para entendê-lo com honestidade e franqueza para consigo mesmo(a), ele ajudará você a compreender-se e aceitar-se melhor.

UM PEQUENO EXERCÍCIO DE AUTOCONHECIMENTO

<i>Alguns momentos cruciais da minha vida...</i>	<i>Neste momento minha decisão foi...</i>	<i>Minha principal motivação para seguir este rumo foi...</i>

• O PROFESSOR COMO PROFISSIONAL

Existe uma grande empresa brasileira, uma de nossas poucas multinacionais, onde todos os líderes empresariais e seus colaboradores fazem periodicamente o seu P.A., ou seja, o seu Programa de Ação. Quando cada pessoa vai discutir o seu Programa com o dirigente máximo da organização, três perguntas são comuns a todos: Qual seu plano de vida? Qual seu plano de carreira? Qual seu programa de ação para o próximo período?

A idéia por trás destas perguntas, é a de que uma pessoa deve ter um projeto de vida, ou seja, todos devemos ser capazes de ter uma visão de como queremos que a nossa vida venha a ser dentro de um número definido de anos. Para que indagar sobre o projeto de vida das pessoas? É que o plano de carreira de uma pessoa só tem verdadeiramente sentido para a sua vida, quando a sua realização contribui para a realização do seu projeto de vida. Se o plano de carreira está desvinculado do plano de vida, nós sabemos que a vida daquela pessoa não está centrada em objetivos coerentes.

O Programa de Ação da pessoa é o que nos diz, por exemplo, o que ela pretende fazer no próximo ano. Este Programa de Ação só tem um sentido pleno, se ele for capaz de contribuir verdadeiramente para a realização do plano de carreira da pessoa e, este, para a realização do seu plano de vida. Quando isto ocorre, é como se o sol, a lua e a terra estivessem alinhados, enfileirados no espaço.

O magistério público é a carreira que conta com o maior número de profissionais em todo o país. É a nossa maior categoria de trabalhadores. Estes profissionais, todos os dias, mantêm contato direto com milhões e milhões de crianças e adolescentes na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio, sem falar na educação profissional. A escola pública é o equipamento social mais difundido em todo território nacional. Ao contrário de outras categorias profissionais, o trabalho dos professores está longe de ser ameaçado pelas novas tecnologias, como a telemática, a informática e a robótica. No entanto, é muito freqüente nos depararmos com um mar de queixas e reclamações, quando ouvimos os professores acerca de sua profissão e das suas perspectivas diante da vida.

De fato, poucas categorias reclamam tanto como a nossa. Os motivos de tanta queixa giram invariavelmente em torno de alguns eixos básicos: salários, carreira, condições precárias de trabalho e desprestígio social do magistério. Estas percepções freqüentemente estão entranhadas de modo tão profundo no senso comum do professorado, que ninguém mais se preocupa em comparar esta situação com a de outras categorias e aquilatar, realmente, o que há de verdadeiro e de ilusório em tudo isto.

Mais do que constatarmos as origens e as causas de tais problemas, é a nossa atitude básica diante deles que contará de modo decisivo para seu correto equacionamento e solução. E, aqui, nos defrontamos com dois modelos de atuação diante dos quais devemos fazer uma opção: o modelo do dano e o modelo do desafio.

O modelo do dano ocorre quando optamos por nos deter nos aspectos negativos de uma situação e neles nos fixamos de tal maneira, que fica muito difícil para nós identificarmos os pontos positivos, ou seja, nossas vantagens comparativas, aquilo que conta a nosso favor para termos condições de enfrentar e de vencer as situações que temos pela frente. O modelo do dano opera o paradigma da inércia, da lamentação e da desesperança.

Já o modelo do desafio é convite permanente ao pensamento e à ação transformadores diante da realidade, ou seja, é o modo de entender e agir, que nos possibilita não nos deixarmos abater pela adversidade e, até mesmo, de utilizá-la para crescer. Quem adota esta perspectiva diante da vida sabe a importância de se ter um projeto, de não enxergar apenas o lado escuro, o lado negativo da realidade. Sabe da importância do senso de humor diante das situações difíceis, sabe que, para se atingir as metas distantes devemos dar pequenos passos todos os dias, sabe admirar sinceramente o que há para ser admirado nas pessoas e, assim, ir assimilando o bem em sua própria vida, em sua própria pessoa.

Hoje, existe na educação brasileira uma questão do tipo o ovo e a galinha. Todos temos consciência de que é preciso ressignificar, isto é, revestir de um novo valor, de um novo sentido e de um novo significado a educação, a escola, o professor e o aluno. Todos nós sabemos que o Brasil precisa mudar profundamente o seu modo de ver, entender e agir diante da educação. Disto depende a solução de todos os demais problemas: salário, carreira, condições de trabalho, formação inicial, capacitação em serviço e prestígio social do magistério. Para os que atuam no modelo do dano, tudo isto deve ocorrer antes, para que, só depois, as escolas comecem a mudar para melhor. Para os que operam no modelo do desafio, a escola é que deve sair na frente e começar a mudar, para que, então, a sua ressignificação ampla e profunda pelo Governo e pelo conjunto da sociedade comece a ocorrer fora da retórica das campanhas políticas e do blá-blá-blá de sempre a que todos já nos acostumamos. Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Operar no modelo do dano ou no modelo do desafio não é uma decisão que deva ser tomada em conjunto por centenas de milhares de profissionais do magistério em todo o país. Esta, meu caro professor ou professora, é uma decisão que você deve tomar diante de sua própria consciência. Ninguém poderá fazê-lo em

seu lugar. Pois, ao fazer isto, você está fazendo a escolha do profissional que você pretende tornar-se, ou seja, você pretende seguir as tendências como um objeto na correnteza ou, ao contrário, pretende chamar a si a responsabilidade pelas suas ações no dia-a-dia da escola, na construção de sua carreira e na consecução dos objetivos maiores de sua vida? A decisão é sua.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. O magistério é ou tem potencial para tornar-se um bom campo para a sua auto-realização como profissional? Por que?
2. Você conhece colegas que operam no modelo do dano, que optam por enxergar apenas o lado escuro da realidade? Em caso positivo, faça uma lista dos principais argumentos de que eles se utilizam para justificar sua posição.
3. Você conhece colegas que operam no modelo do desafio? Em caso positivo, proceda como solicitado na pergunta anterior.
4. E você? Em qual dos dois modelos você se enquadra? Justifique sua opção.
5. E a história da resignificação (mudança de valor, revalorização) da educação? Você acha que a escola e seus profissionais devem mudar para serem revalorizados, que devem ser revalorizados para mudar ou que estas são coisas que devem acontecer ao mesmo tempo? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Converse com alguns colegas. Verifique aqueles que funcionam no modelo do dano e aqueles que funcionam no modelo do desafio diante do magistério como profissão. Procure conhecer os argumentos de que eles se utilizam para fundamentar seu posicionamento. Depois, complete o quadro com seu próprio posicionamento, diante desta questão e dos argumentos que você se utiliza para fundamentá-lo.

POSICIONAMENTO DOS PROFESSORES ENQUANTO PROFISSIONAIS

*Os argumentos dos meus colegas
que operam no modelo do dano*

*Os argumentos dos meus colegas que
operam o modelo do desafio*

*O modelo pelo qual optei
e meus argumentos...*

• O PROFESSOR COMO CIDADÃO

A história da cidadania e a história de educação pública praticamente se confundem. Darcy Ribeiro costumava dizer que o Brasil é um país que sabe fabricar carros, submarinos, computadores, televisores, videocassetes, aviões e até mesmo satélites, mas que tem, historicamente, fracassado na sua tarefa de fabricar cidadãos.

E por que isto ocorre? Segundo ele, a razão deste fracasso reside no fato de que “a fábrica de cidadãos”, que é a escola pública, não estar funcionando como devia. Nós, professores, somos produtos e também produtores desta escola. E é dentro deste quadro que devemos pensar a nossa cidadania e o papel que ela desempenha na vida do país como um todo.

O Brasil chega aos 500 anos do encontro de povos, que deu início ao processo histórico que resultou no que somos hoje, como um povo-nação, convocado a enfrentar três grandes desafios.

O primeiro, é o de nos tornarmos uma economia verdadeiramente competitiva, numa economia internacional cada dia mais globalizada. Este é um desafio de desenvolvimento econômico.

O segundo, é a erradicação das desigualdades sociais intoleráveis, que tanto nos envergonham como pessoas e como Nação. Este é um desafio de desenvolvimento social.

O terceiro, é a elevação dos níveis de respeito aos direitos humanos e de participação democrática da população em questões relativas ao bem-comum. Este é um desafio de natureza política.

Se repararmos bem, o enfrentamento a todos estes grandes desafios do Brasil começa na sala de aula do Ensino Fundamental. De fato, uma economia competitiva, uma sociedade mais justa e um estado democrático de direito forte e consolidado dependem quase que totalmente da qualidade da educação recebida pelas novas gerações (crianças e adolescentes) no início de suas vidas.

Realmente, sem educação de qualidade para todos, será praticamente impossível termos uma economia competitiva. Hoje em dia, diz o professor Vicente Falconi, “nosso sistema de ensino disputa com o sistema de ensino de outros países nas prateleiras de nossas lojas e nas gôndolas de nossos supermercados”, ou seja, os produtos e serviços produzidos por um país são, cada vez mais, o reflexo da educação básica de sua força de trabalho.

Quando pensamos em nossas gritantes desigualdades sociais, a mesma situação se repete. Cada brasileiro que vai à escola e repete uma, repete duas, repete

três vezes a mesma série e sai da escola sem ter aprendido o que devia, depois de perder ali vários anos, torna-se um brasileiro a mais despreparado para a vida. Ele estará condenado a ser um cliente dos programas de renda mínima, de cesta básica, das frentes de trabalho e outros nesta linha, ou seja, será sempre um dependente do Estado ou da sociedade. Por outro lado, por maior que sejam a pobreza e a ignorância dos pais, se uma criança ou um adolescente consegue ir adiante nos estudos, ali, naquela vida, rompe-se o ciclo de reprodução da pobreza, a pobreza não passa de uma geração para outra.

E a situação não é outra, quando nos voltamos para a brutalidade, que, desde os primórdios coloniais, tem sido a marca das relações do Estado e da nossa elite social com a maioria empobrecida da população deste país. O desrespeito sistemático a todos os direitos humanos (civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais) da população e a falta de transparência e de participação dos cidadãos nas questões relativas aos seus interesses só podem ser rompidos se a escola for capaz de gerar um cidadão de tipo novo. Um cidadão capaz de conhecer os seus direitos e de lutar por eles, fazendo as conquistas da democracia funcionarem em seu favor.

Como se vê, o professor é mais do que um simples cidadão, é um cidadão produtor de cidadania, que atua na “fábrica” onde se produz a esmagadora maioria dos cidadãos deste país, que é a escola pública.

Por tudo isso, mais do que ensinar cidadania, o professor está chamado a viver a cidadania dentro e fora da sala de aula. Para isso, é imprescindível que tenhamos uma consciência límpida e madura do papel que devemos ter diante dos educandos, de suas famílias e de toda a comunidade onde a escola está inscrita.

O ministro Hélio Beltrão costumava dizer que via o Brasil mais como um país de súditos do que como um país de cidadãos, ou seja, um país marcado pela timidez, a insegurança, a passividade e o conformismo das pessoas e das organizações em face de um poder público, que, em vez de servir, julga-se no direito de ser servido pelos cidadãos.

Diante deste quadro, você acha que a responsabilidade do cidadão-professor é a mesma dos demais cidadãos? Da resposta amadurecida e clara a esta questão dependerá o modo com que você, enquanto cidadão responsável pela formação de outros cidadãos, lidará com esta questão dentro da sala de aula e fora dela. Reflita bastante sobre isso.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Diante deste quadro você acha que a responsabilidade social do professor é a mesma de outros cidadãos? Por que?
2. Em termos de cidadania você acha que o que a escola ensina aos alunos é coerente com a sua prática, ou seja, com o que ocorre em seu dia-a-dia? Por que?
3. A que você atribui a atitude de passividade e de conformismo da grande maioria dos cidadãos brasileiros diante do que ocorre e do que deixa de ocorrer em políticas públicas como educação, saúde, assistência, segurança, meio-ambiente e outras que afetam diretamente as condições de vida da população?
4. Você acha que a escola, ou seja, o modo como as pessoas foram educadas tem alguma coisa a ver com o seu posicionamento como cidadão? Por que você pensa assim?
5. Você acha que a educação para a cidadania é assunto de uma única disciplina ou de todas? Justifique sua posição.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Pense numa escola que fosse capaz de produzir o tipo de cidadão de que o Brasil precisa para enfrentar e vencer os seus grandes desafios. Visualize o funcionamento desta escola no seu dia-a-dia. Com base no modelo de escola que você imaginou, faça quatro sugestões que, do seu ponto de vista, contribuiriam para melhorar este aspecto da educação na escola onde você trabalha. Para isto, preencha o quadro anexo.

Para melhorar a formação de nossas crianças e adolescentes no sentido de torná-los cidadãos críticos construtivos, criativos e solidários, eu penso que nós, educadores, deveríamos:

1.

2.

3.

4.

• COMO VEJO O MUNDO

O mundo está mudando e isto está ocorrendo com uma velocidade sem precedentes na evolução histórica da humanidade. Alguns dinamismos, algumas forças estruturadoras de uma nova ordem mundial estão agindo em escala planetária e o resultado disto tem sido realmente fazer com que, de repente, “tudo que é sólido se desmanche no ar”.

A globalização dos mercados tem forçado países como o Brasil a abrirem seus portos e expor seus produtos e serviços a uma concorrência com os produtos e serviços de outros países, que freqüentemente são mais baratos e de melhor qualidade, devido ao maior avanço tecnológico de nossos concorrentes. Para competir com eles de igual para igual, nosso país terá de realizar mudanças muito profundas na estrutura e no funcionamento da produção e do Estado. Se não fizermos isto, mais uma vez, perderemos o trem da história.

No entanto, a globalização dos mercados não vem sozinha. Ela se faz acompanhar pelas mudanças decorrentes do ingresso na era pós-industrial, ou seja, o surgimento de novas tecnologias, como a robótica, a telemática e a informática, que estão mudando inteiramente as feições do mundo do trabalho, que conhecemos ao longo do século XX. As novas máquinas já não substituem apenas o esforço muscular dos homens e dos animais. Elas já substituem boa parte das atividades que antes dependiam do cérebro dos trabalhadores.

Este novo mundo do trabalho está a exigir da escola um novo trabalhador, polivalente, flexível, motivado, criativo, apto à participação e à interação com seus pares na geração de soluções para os problemas do cotidiano na produção de bens e serviços em quantidade cada vez maior, de qualidade cada vez melhor e a um custo cada vez mais reduzido.

No plano da política internacional, estamos assistindo ao fracasso dos países que abraçaram o modelo socialista de organização econômica, social e política, e, ao mesmo tempo, o triunfo histórico sem precedentes do capitalismo e da democracia. A queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética fizeram com que o mundo voltasse a ser unipolar, ou seja, os Estados Unidos da América são hoje a grande superpotência econômica, política e militar do nosso tempo.

No que diz respeito à cultura, muitos pensadores importantes estão apontando o fim da modernidade e o início da chamada cultura pós-moderna. Uma visão da vida caracterizada pela crise dos grandes sistemas explicativos do homem e do mundo, pelo individualismo exacerbado, pelo consumismo, pelo hedonismo (busca do prazer acima de outros valores), pelo narcisismo e pelo relativismo ético e religioso.

Diante deste vasto elenco de transformações, como você se situa em termos de visão de mundo? Que posição assumir diante de tantas e tão fundamentais mudanças, que afetam diretamente o modo como vivemos, trabalhamos e criamos nossas famílias?

Mais do que nunca, o que somos e fazemos dependerá de nossa capacidade de discernir o que é essencial do que é acessório, aquilo que é permanente daquilo que pode e deve mudar com o tempo e as circunstâncias. Trata-se de ter claro o modo como percebemos o mundo à nossa volta e o nosso posicionamento frente à compreensão que construímos da realidade em nossas mentes.

Uma consideração que deve ser feita, quando a gente se dispõe a indagar sobre qual a nossa visão do mundo, é situarmos e datarmos a posição em que nos encontramos ao buscar nossa resposta. Estamos situados no Brasil, um país que, como diz um de seus maiores educadores e pensadores, o professor Darcy Ribeiro, ainda não deu certo. Somos uma economia situada na periferia do capitalismo moderno, nossos indicadores sociais (inclusive os da educação) estão melhorando, mas ainda deixam muito a desejar, as relações do Estado e das elites sociais e econômicas com a maioria da população são ainda marcadas pela indiferença, a manipulação e a brutalidade, tanto em termos de denegação como de violação sistemática dos direitos básicos da maioria empobrecida.

Como professor público, você atua no quadro de agentes de uma política social, que foi capaz de expandir-se notavelmente em termos quantitativos nas últimas décadas, mas que ainda não se mostrou em condições de assegurar a qualidade necessária, para fazer realmente do ingresso na vida escolar um fator de mudança efetiva e real no curso da trajetória de milhões de crianças e adolescentes, que todos os dias freqüentam as nossas escolas.

Qual deve ser o nosso posicionamento ético-político como educadores, em face deste quadro? Podemos e devemos lutar por nossos direitos e os direitos de nossos educandos, mas não devemos nos esquecer de que a melhor forma de compromisso político com nossos educandos, com suas famílias e com o Brasil, é sermos, como diz a Prof^a Guiomar Namo de Melo, tecnicamente competentes na realização do nosso trabalho. A competência técnica é verdadeiramente uma forma de compromisso político. E disto nós não podemos abrir mão.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você vê a globalização apenas como uma ameaça, apenas como uma oportunidade ou como uma oportunidade e uma ameaça? Fundamente sua resposta.
2. Como você vê a importância da educação diante deste novo quadro?
3. Essas transformações afetam o seu trabalho? De que modo isto ocorre?
4. O que você acha da idéia de que ser competente como professor é o principal compromisso do educador com seus educandos e com o Brasil?
5. Você, como professor, já criou alguma atividade que possibilitasse a seus alunos a oportunidade de viver a cidadania? Como foi?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Para conhecer melhor o processo de globalização acelerada e irreversível em curso neste limiar de um novo século e de um novo milênio, complete o quadro abaixo assinalando a alternativa que lhe parecer correta.

DINAMISMOS ECONÔMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS DO MUNDO GLOBALIZADO	E SUAS CONSEQUÊNCIAS
<p>1. A globalização dos mercados tende a eliminar as barreiras alfandegárias e impulsionar o livre comércio em escala mundial, gerando:</p>	<p>A. () Oportunidades maiores para os países mais competitivos. B. () Oportunidades iguais para todos. C. () Dificuldades iguais para todos.</p>
<p>2. Após a queda do muro de Berlim (1989) e da dissolução da União Soviética (1991), o mundo:</p>	<p>A. () Assistiu ao triunfo dos ideais igualitários. B. () Assistiu o triunfo do liberalismo econômico e político. C. () Assistiu a um novo equilíbrio de forças.</p>
<p>3. As seguintes características se aplicam à chamada cultura pós moderna, exceto:</p>	<p>A. () Compro, logo, existo. B. () Geração Corpo (malhação). C. () Melhor que namorar é ficar. D. () Coletivismo em alta.</p>

• COMO VEJO A EDUCAÇÃO

Jacques Delors, o coordenador do grupo de notáveis educadores de âmbito mundial, que redigiu o relatório EDUCAÇÃO, UM TESOURO A DESCOBRIR, afirma, no prólogo desta obra fundamental de nosso tempo, as origens deste nome, cujas raízes remontam a uma das fábulas de La Fontaine chamada “O lavrador e os filhos”:

*Evitai, disse o lavrador, vender a herança
Que de nossos pais nos veio
Esconde um tesouro em seu seio.*

Educação é tudo que a humanidade aprendeu acerca de si mesma. Atraiçoando um pouco o poeta, que pretendia fazer o elogio do trabalho, podemos pôr na sua boca estas palavras:

*Mas ao morrer o sábio pai
Fez-lhes esta confissão:
- O tesouro está na educação.*

Por que, no limiar de um novo século e de um novo milênio, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, ao produzir um relatório apontando as novas tendências, dá-lhe o título de *Educação, um tesouro a descobrir?*

Se soubermos responder de maneira precisa a esta indagação, teremos certamente uma visão lúcida do significado da educação no mundo de hoje. Jacques Delors, no prefácio do relatório, afirma: “Face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável da humanidade na construção dos ideais de paz, liberdade e justiça social.”

Em seguida, ele nos fala da sua “fé inabalável no papel indispensável da educação no desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como um abre-te sésamo de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduz ao desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões e as guerras”.

Se a educação, na era industrial, foi um fator de crescimento individual e de ascensão social, na era do conhecimento, ela está se tornando cada vez mais um fator de inclusão social. Com isto, queremos dizer que, sem uma educação básica de qualidade, as pessoas simplesmente não entrarão no jogo, não terão condições sequer de competir no novo mercado de trabalho transformado pelas novas tecnologias e pelas novas formas de organização da produção. Não chegarão a serem desempregados, pessoas que conseguiram ingressar no mercado de trabalho regular e, depois, foram dispensadas. Elas serão simplesmente inimpregáveis no setor moderno da economia, ou seja, pessoas que nunca conseguirão ter o primeiro emprego.

E o que é esta educação básica de qualidade? É aquela capaz de oferecer a todos os cidadãos, crianças, adolescentes, jovens e adultos aquelas condições que Bernardo Toro chama de Códigos da Modernidade, que configuram os requisitos mínimos para se trabalhar e viver numa sociedade moderna.

O desenvolvimento das nações já não se mede apenas pelo seu PIB (Produto Interno Bruto). Desde o início dos anos noventa, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) vem adotando um jeito novo de medir o progresso dos povos. Trata-se do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

O IDH é um índice formado por três indicadores: (i) expectativa de vida ao nascer, (ii) nível educacional e (iii) capacidade econômica (renda). Estes três indicadores, quando considerados em conjunto, nos permitem medir a qualidade de vida de uma população.

O Brasil, se considerarmos apenas o PIB, é um país que figura entre as dez maiores economias industriais do mundo. Já quando olhado sob a ótica da qualidade de vida de sua população, nosso país cai para um lastimável 63^o lugar, ficando atrás de países muito mais pobres e atrasados do que o nosso, o que é verdadeiramente uma vergonha para todos nós.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não é apenas um número. Por trás dele existe uma bem estruturada visão ética e política, que se expressa por um elenco de princípios articulados entre si, que, quando considerados conjuntamente se constituem no que se convencionou chamar de Paradigma do Desenvolvimento Humano:

1. Ter como base do desenvolvimento o universalismo do direito à vida, considerada o mais básico e universal dos valores;
2. A consciência de que nenhuma vida humana vale mais do que outra;

3. A convicção de que todas as pessoas nascem com um potencial e têm o direito de desenvolvê-lo;
4. A afirmação de que, para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades;
5. A percepção de que aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez;
6. A consciência de que as pessoas, além de terem acesso a oportunidades, precisam ser preparadas para fazer escolhas fundadas numa visão racional da vida e nos valores incorporados ao longo de sua formação;
7. A certeza de que, para que o desenvolvimento humano aconteça, as pessoas, grupos e comunidades devem ser dotados de poder, isto é, de ter o seu ponto de vista levado em conta e de participar ativamente nas decisões que as afetam;
8. A consciência de que cada geração deve deixar para as gerações vindouras um meio ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações anteriores;
9. A convicção de que o caminho para a construção de uma sociedade com base nestes princípios passa pela promoção e garantia dos direitos humanos básicos: direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
10. A certeza de que a afirmação da cidadania, enquanto direito de ter direitos e dever de ter deveres, é o caminho para fazer valer os direitos reconhecidos na ordem jurídica nacional e internacional.

Como se vê, a educação pulsa no coração de cada um dos princípios, que constituem o Paradigma do Desenvolvimento Humano. Na medida em que este paradigma for se afirmando, a educação deixará de ser vista como uma política setorial, para ser assumida pelas nações como uma política estratégica da qual dependerá cada vez mais o desenvolvimento econômico, social e político dos povos no século XXI.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. E você? Como você vê a educação?
2. A importância da educação para o desenvolvimento das pessoas e do educador está crescendo ou diminuindo? Por que?
3. Você acha que a importância da educação pode crescer e a importância do educador diminuir? Fundamente sua resposta.
4. Por que você acha que Jacques Delors comparou a educação a um tesouro que ainda não foi descoberto pela humanidade?
5. A educação que estamos ministrando hoje em nossas escola é coerente com o Paradigma do Desenvolvimento Humano? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

- Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

1. Vida como valor universal.	() Equidade.
2. Nenhuma vida vale mais que a outra.	() Ética biofílica (amor à vida).
3. Desenvolver o potencial é um direito.	() Solidariedade intergeracional.
4. As oportunidades são fundamentais.	() Educar para valores é educar para a decisão e a ação.
5. Somos frutos de oportunidades e de escolhas.	() A cidadania é o direito de ter direitos e o dever de ter deveres.
6. Fundamento das escolhas: lógica e valores.	() Não permitir o desenvolvimento do potencial é uma violência.
7. Sustentabilidade Ambiental.	() Os direitos são o fundamento de ordem social.
8. Desenvolver é gerar oportunidades e propiciar escolhas.	() Somos os resultados das circunstâncias e das decisões que tomamos.
9. Os direitos como caminho para solidariedade e a justiça.	() Sem oportunidades, não adianta tomar boas decisões.
10. O exercício da cidadania como caminho para os direitos.	() Sem desenvolvimento humano toda prosperidade será falsa.

- **COMO ME VEJO NESTE NOVO MUNDO**

Como pessoa, como profissional e como cidadão, como eu me situo frente às novas realidades de um mundo que se transforma com uma rapidez, uma profundidade e uma abrangência jamais vistas na história humana?

Quantos de nós, com outras palavras, já não se indagaram sobre esta mesma questão? Como ver, entender e agir frente às novas realidades? Uma coisa todos nós já sabemos muito bem. Não adianta mais continuar fazendo as coisas do mesmo jeito e querer, no final, resultados diferentes. A busca incessante do aperfeiçoamento, ou seja, da melhoria da qualidade do que fazemos, tornou-se um imperativo de sobrevivência.

Não existe mais idade de formação. Qualquer profissional e, mais do que outros, nós educadores, deveremos estar conscientes de que a idade de formação começa nos primeiros anos de vida e não termina nunca. Portanto, é necessário que estejamos dispostos, se quisermos ensinar, a seguir aprendendo ao longo de toda nossa vida.

Não basta, no entanto, que estejamos dispostos a aprender mais e a incorporar isto no que fazemos, aprimorando nosso trabalho. Precisamos estar dispostos a mudar nossos paradigmas. Mudar paradigmas é mudar a nossa compreensão e a nossa ação diante da realidade. Por exemplo, deixar de agir no modelo do dano e passar a agir no modelo do desafio é uma mudança de paradigma. Deixar de ver os nossos adolescentes como problemas e passar a vê-los como solução é outro exemplo importante de mudança paradigmática.

Uma decisão muito importante frente às novas realidades é chamar a si a responsabilidade pelo seu próprio processo de educação permanente. É uma temeridade, nos dias de hoje, uma pessoa deixar a sua atualização humana e profissional nas mãos da área de recursos humanos da organização para a qual trabalha. O novo entendimento é que esta é uma função indelegável no novo mundo do trabalho. A idéia é que cada pessoa administre ela própria o desenvolvimento de suas habilidades. Se esta é uma regra que vale para todos, para o professor, ela é particularmente verdadeira.

No que diz respeito às novas tecnologias é importante que o professor esteja aberto para elas e saiba utilizá-las no desenvolvimento de sua ação educativa. É preciso, no entanto, deixar claro que elas não substituem uma relação interpessoal de qualidade com os seus educandos. Se os alunos não se sentem compreendidos e aceitos pela escola, sua relação com ela será marcada pela ambigüidade, quando não pela hostilidade pura e simples. Como já dissemos, se a questão relacional na escola não for

bem resolvida e encaminhada, a própria transmissão dos conteúdos acaba se inviabilizando.

Se compreendido como uma ação educativa, fica claro que o papel do professor vai além da docência. Sua atuação em outros âmbitos do espaço escolar, extrapolando a sala de aula, é de fundamental importância, como veremos mais adiante, para a ampliação dos momentos e das oportunidades para o exercício de uma influência construtiva sobre os educandos. As práticas e vivências, um nome mais digno para o que se convencionou chamar de atividades extra-classe, são um espaço privilegiado para que os educandos possam aprender pelo curso dos acontecimentos e não apenas pelo discurso das palavras.

A comunidade ou o entorno sócio-familiar da escola, não deve ser vista apenas como o espaço de ir e vir dos educandos, ela deve ser entendida como um agente educativo comprometido com o desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes. Cabe ao professor explorar estas possibilidades, buscando, não apenas recursos materiais e espaços na vida comunitária, mas também e fundamentalmente as suas riquezas não-materiais, que estão incorporadas nas pessoas, nos grupos e nas organizações em termos de sabedoria, arte, cultura e tecnologia.

Nesta perspectiva, o professor torna-se uma ponte entre o educando e seu entorno, possibilitando-lhe o estabelecimento de uma relação pedagogicamente qualificada com o mundo natural e humano que o rodeia.

O professor, como acabamos de ver, situa-se no centro de um nó de relações. Ele ou ela se relaciona com seus alunos e com os familiares destes, com a direção da escola e com o sistema de ensino, com a comunidade onde a escola se situa e com a sociedade em sentido mais amplo. Em cada uma destas relações sempre alguma coisa de importante está em jogo. Por isto o professor, ao situar-se neste contexto, deve fazê-lo indagando acerca do seu papel e da sua responsabilidade enquanto pessoa, enquanto profissional e enquanto cidadão.

Refleta sobre tudo isto e tire, você próprio, suas conclusões.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você se sente preparado(a) para enfrentar os novos tempos e suprir as exigências que eles trazem para o nosso trabalho?
2. Como você vê a idéia de chamar a si a responsabilidade pelo desenvolvimento de suas habilidades?
3. Em que áreas você acha que precisa de mais aprimoramento para melhorar seu desempenho?
4. Como você se posiciona diante da idéia de que o papel do professor é mais do que dar aulas?
5. Qual a sua visão da idéia de fazer da comunidade em que a escola se situa, mais do que um espaço, um agente educativo?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Diante destas novas realidades, como você se situa enquanto pessoa, enquanto homem ou mulher a quem foi dado o privilégio de viver uma mudança civilizatória deste porte? Como você se situa enquanto cidadão, ou seja, como um brasileiro, membro de uma sociedade e de um Estado que, como diz Darcy Ribeiro, ainda não deu certo? E, como educador, alguém responsável diretamente pela preparação das novas gerações para viver, trabalhar e participar numa sociedade pós-industrial? Responda preenchendo o quadro da página seguinte.

DIANTE DAS NOVAS REALIDADES EU ME SINTO...

COMO PESSOA

COMO CIDADÃO OU CIDADÃ

COMO EDUCADOR OU
EDUCADORA

• A ESCOLA, MEU ESPAÇO DE ATUAÇÃO

A escola é o espaço da realização do educador, como pessoa, como profissional, como educador. A visão de si mesmo e a visão do mundo que tem o educador, se revestem de concretude e de autenticidade, na medida em que transparecem na sua atuação junto aos educandos.

Lugar de aprendizado, a escola é um espaço de crescimento, tanto para o educando, como para o próprio educador. Gosto de pensar numa boa escola como um educador coletivo estruturado subjetiva (pessoas) e objetivamente (espaços e materiais) para empreender a ação educativa.

A estrutura subjetiva da escola são as pessoas. Todo adulto que trabalha na escola, mesmo que não seja um docente, um dirigente ou um técnico em educação, é um educador, pois pode, com suas atitudes, exercer deliberadamente uma influência construtiva sobre os educandos. Porém, a estrutura subjetiva da escola não se resume às pessoas. Ela se refere também àquilo que as une, ou seja, ao propósito educativo comum expresso no projeto pedagógico daquela comunidade educativa.

O projeto pedagógico tem uma dupla natureza. Ele é um plano de trabalho e também um pacto. Enquanto plano de trabalho ele contém objetivos, metas, estratégias, prazos e responsabilidades e concatena os esforços de toda a equipe para a obtenção dos resultados estabelecidos no plano. Enquanto pacto, o projeto pedagógico concretiza e expressa a aliança dos membros daquela comunidade educativa em torno de um conjunto de princípios e concepções, que têm a finalidade de sustentar a ação cotidiana de cada educador em sua disciplina ou setor de atuação.

A estrutura objetiva do educador coletivo é constituída pela estrutura física: o prédio e os espaços escolares e por todos os móveis e outros materiais que coabitam estes espaços. Se repararmos bem, veremos que na própria arquitetura do prédio escolar já existe uma proposta de estruturação da interação das pessoas no cotidiano, que pode ou não ser coerente com a proposta educativa que ali se desenvolve num momento dado.

Quando visito uma escola, sempre penso que o banheiro dos alunos e também aquele usado pelos professores irão me dizer mais sobre aquele educador coletivo do que o gabinete do diretor, a biblioteca ou as salas destinadas à equipe técnica.

Cláudio Moura Castro, também ele um visitante atento e amoroso das escolas, há algum tempo, escreveu na revista VEJA que raramente visita uma boa escola, em termos administrativos e acadêmicos, em que o banheiro não exiba um padrão correspondente de higiene, de organização e de respeito pela dignidade dos usuários.

Da mesma forma, escolas com banheiros sujos e desorganizados raramente apresentarão resultados administrativos e acadêmicos de primeira linha.

Um tapete para limpar os pés, coletores de lixo, vasos de plantas e gravuras e cartazes bonitos e criativos nas paredes são, todos eles, o que eu chamo de educadores objetivos, materiais de uso diário, objetos dispostos estrategicamente nos espaços, sem dúvida alguma, exercem uma influência construtiva sobre todos os que convivem num determinado ambiente.

A sala de aula é o coração da escola, pois é neste espaço que alunos e professores passam a maior parte do seu tempo. A sala de aula foi inventada para ser o espaço da aula expositiva. Todas as outras atividades que ali possam ocorrer, como as atividades em pequenos grupos, o grande círculo ou as atividades desenvolvidas com os alunos de pé ou sentados diretamente no piso são fruto dos esforços de gerações e gerações de professores empenhados em reinventar o uso deste espaço que tanto tem de quadrado como de enquadrador do olhar, do tempo, dos corpos e – se não tomarmos muito cuidado – também das idéias e emoções das pessoas que nele convivem.

O educador deve estar consciente das potencialidades e também dos limites da sala de aula como espaço educativo e deve pensá-lo na sua incompletude. Procurando suprir suas limitações com o uso mais criativo de seus espaços e equipamentos, não se esquecendo de “completá-la” com atividades na biblioteca, no pátio, nos laboratórios, nas quadras e mesmo em espaços da comunidade, quando a atividade que se pretende desenvolver assim o exigir.

A maneira como educadores e educandos se apropriam e utilizam os espaços e equipamentos existentes na escola são reveladores da concepção de educação, ou seja, da ação educativa vigente numa determinada comunidade escolar. O educador experiente pode visitar uma escola vazia, por exemplo, numa tarde de domingo. Pela simples observação do espaço físico e dos objetos nele dispostos, ele poderá nos dizer muita coisa sobre a realidade humana, pedagógica e organizacional daquela comunidade educativa.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como você vê a estrutura humana, ou seja, a equipe de sua escola?
2. Como você vê a estruturação objetiva (espaços e materiais) de sua comunidade educativa?
3. Observando os banheiros de sua escola, o que eles lhe dizem a respeito de seus usuários?
4. Você acha que o professor tem alguma coisa a ver com a estruturação do ambiente físico da escola? Por que?
5. Você é a favor da idéia da sala de aula auto-suficiente (completude) ou é daqueles que pensam que é preciso reinventar o uso da sala de aula e completá-lo com outras atividades (ir além da docência) e com outros espaços (ir além das quatro paredes)?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Elenque cinco medidas que professores, técnicos, funcionários, direção e alunos de sua escola poderiam tomar e que contribuiriam para melhorar significativamente o ambiente físico-material e o trabalho educativo desenvolvido em sua escola.

**CINCO MEDIDAS SIMPLES, QUE SE TOMADAS,
MELHORARIAM O AMBIENTE FÍSICO-MATERIAL:**

1.

2.

3.

4.

5.

**CINCO MEDIDAS SIMPLES, QUE SE ADOTADAS,
MELHORARIAM O TRABALHO EDUCATIVO DA ESCOLA:**

1.

2.

3.

4.

5.

SER PROFESSOR: SIGNIFICADO E SENTIDO

Para refletirmos sobre o significado e o sentido de ser professor, temos antes que refletir por um instante sobre estes dois termos: significado e sentido em si mesmos e, somente depois de termos feito isto, aplicá-los à condição do profissional do magistério nos dias de hoje.

Significar alguém ou alguma coisa é assumir diante desta pessoa ou objeto uma atitude de não-indiferença, atribuindo-lhe um determinado valor para nossa existência. Quando assumimos, diante do que quer que seja, uma atitude de indiferença, isto significa que aquilo não tem para nós valor algum. Quando, ao contrário, significamos algo, esta significação poderá ser positiva (valor) ou negativa (contra-valor ou anti-valor).

Significar, portanto, é valorizar alguma coisa positiva ou negativamente. O que é um valor? Ítalo Gastaldi define valor como tudo aquilo que é capaz de tirar o homem da sua indiferença e fazê-lo inclinar-se, fazê-lo dirigir-se nesta ou naquela direção.

Os valores não existem objetivamente. Os valores funcionam em nossas vidas, não nos momentos em que falamos ou escrevemos sobre eles, mas nos momentos em que decidimos e agimos tomando-os por fundamento, por base de nossas ações. Por isto o filósofo alemão Max Scheller afirma que “as coisas existem, os valores valem”.

Quando os valores valem? Os valores valem quando pesam na balança de nossas tomadas de decisão, os valores valem quando eles fazem inclinar nossas atitudes ou nossa conduta numa direção e, não, em outra. Os valores, ao fazerem nossas decisões e ações tomarem um determinado rumo, estão funcionando como a fonte do sentido de nossas opções, de nossas escolhas, de nossas decisões, atos, atitudes e ações.

Em termos de existência humana, eu costumo dizer que o sentido é aquela linha pontilhada (caminho não percorrido) entre o ser e o querer-ser. O querer-ser de todo ser humano normal é a sua auto-realização, a sua busca de plenitude humana. Como já disse Erich Fromm, a grande tarefa do ser humano é tornar-se o parceiro de si mesmo, realizando o seu potencial, ou seja, tornando realidade aquelas promessas que cada um de nós trouxe consigo ao vir a este mundo.

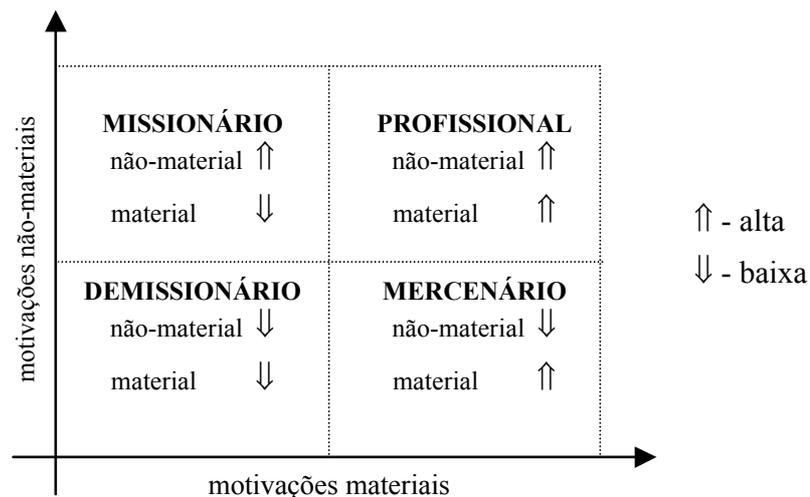
Feitas estas considerações, podemos agora introduzir as questões fundamentais: Qual o significado da educação em sua vida? O que o fez optar pelo magistério? O que pesou no momento de sua escolha por esta profissão, por esta

missão, por este caminho de vida? Que sentido esta escolha imprimiu à sua vida? Em que momento você se sente realizado com educador? Por que isto ocorre?

Penso que muitos educadores, ao lerem este trecho, estarão pensando: Ele não falou em salário. Ele não está dizendo nada sobre planos de carreira. Ela não mencionou as condições de trabalho e nem a capacitação permanente em serviço e fora dele. Será que ele está se esquecendo de que o professor é um trabalhador e que estas questões não podem ser ignoradas?

Respondo-lhes com um esquema, cuja idéia central, de tão brilhante, jamais deixou de cintilar em minha mente quando trato deste assunto. Trata-se da motivação para o trabalho. Trata-se da postura diante do trabalho vista pelo ângulo da motivação.

Existem basicamente dois tipos de motivação no mundo do trabalho: as motivações materiais e as motivações não-materiais. As diversas formas como elas se combinam nos dão as atitudes básicas das pessoas no mundo do trabalho. Vejamos a representação gráfica das quatro combinações possíveis:



- **Demissionário:** ▪ Tem motivações tanto materiais como não-materiais, bastante baixas.
- **Missionário:** ▪ Tem motivações não-materiais altas e ambições materiais baixas.
- **Mercenário:** ▪ Tem baixo nível de motivações não-materiais e alto nível de motivações materiais.
- **Profissional:** ▪ Tem alto nível de motivação não-material e também

um alto nível de motivações materiais.

E você? Em quais destes perfis você melhor se enquadra?

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Qual o significado da educação em sua vida?
2. O que o fez optar pelo magistério?
3. O que pesou mais no momento de sua escolha por esta profissão?
4. Que sentido esta escolha imprimiu em sua vida?
5. Você acredita no seu trabalho? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Pense, mas não escreva, nas pessoas que você conheceu ou conhece no magistério, cujo perfil corresponde às tipologias elencadas no nosso quadro.

Concentre-se nos profissionais. Eleja três como os melhores que você conhece. Escreva diante de seus nomes as qualidades que você mais admira nestas pessoas. Reflita sobre o modo como elas se posicionam diante da educação e diante da vida como um todo. Escreva para cada uma delas uma carta ou bilhete dizendo que você pensou nelas quando refletia sobre o que é um bom profissional do magistério. Termine agradecendo a elas por existirem e por serem como são: exemplos para outros educadores. Tenho certeza de que elas jamais se esquecerão deste seu gesto.

Capítulo 2 - QUEM SÃO OS ALUNOS?

- **A onda jovem**
- **Adolescência, tempo de encontros e travessias**
- **Adolescentes e adolescentes**
- **Para ouvir e entender adolescentes**
- **As ciladas da adolescência**
- **Relações perigosas**
- **O adolescente que queremos**
- **Adolescer é crescer**

A ONDA JOVEM

Entre 1995 e 2005, o Brasil terá o maior número de adolescentes de toda nossa evolução histórica. Passado esse período, o fenômeno não mais se repetirá. Isso ocorre porque a taxa de natalidade da mulher brasileira caiu de 3,0 para 1,1 filhos nas últimas décadas, fazendo diminuir a onda de crianças. Existem também os jovens (15 a 25 anos) remanescentes do período em que a taxa de natalidade entre as mulheres era de 3,0 filhos. Isso gerou a chamada Onda Jovem.

A presença dessa Onda Jovem tem um significado demográfico muito importante: o Brasil está deixando de ser um país de crianças e jovens para se tornar um país de jovens e adultos. Isso fará com que, nos primeiros anos do século XXI, o Brasil tenha um dos perfis demográficos mais invejáveis do mundo: mais de 50% da nossa população estará na idade entre 30 e 45 anos, considerada a melhor idade para o ser humano produzir, seguida pela faixa etária entre 15 e 30 anos, que, dizem os entendidos, é a melhor para se aprender.

Por que, mesmo tendo um perfil demográfico tão rico, o Brasil, que deveria ser invejado por outros povos, não o é? Isso ocorre por causa do baixo nível de educação do nosso povo. Nossa força de trabalho é extremamente mal preparada em termos de educação básica e profissional. Se somarmos os anos de estudo de todos os brasileiros e dividirmos pelo número de brasileiros, teremos menos de quatro anos de escolaridade para cada um. Muito pouco! Neste aspecto, temos a pior situação do Mercosul. No Paraguai, este número é de seis anos, no Chile, oito, na Argentina, dez e no Uruguai, onze.

Essa onda Jovem pode ser vista de duas maneiras: como um presente demográfico ou como uma ameaça demográfica. Ela será uma ameaça se as gerações adultas não forem capazes de oferecer a esses jovens oportunidades para eles desenvolverem seu potencial nos âmbitos familiar, do trabalho e da cidadania, e se não os prepararmos para fazer as escolhas adequadas ao longo da vida.

Por outro lado, essa Onda Jovem será um presente demográfico se as gerações adultas forem capazes de oferecer oportunidades para esses jovens desenvolverem seu potencial em termos de educação básica e profissional e de oferecer alternativas para que eles usem de forma potencial e construtiva o seu tempo livre. Nós sabemos que a viabilização do adolescente é a maneira mais rápida de quebrar o ciclo da reprodução intergeracional da pobreza.

Para que isto ocorra, três primeiros anos são importantes: o primeiro ano de vida, o primeiro ano de escola e o primeiro ano de trabalho. Quando estes três primeiros anos dão certo, a vida de uma pessoa tende a dar certo. Nós, educadores, temos a chance de influir no primeiro ano escolar de um número expressivo de

crianças e seria uma irresponsabilidade para com estas vidas, para com o futuro educacional e para com o Brasil, deixá-la escapar.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. A comunidade educativa onde você trabalha oferece ou tem condições de criar oportunidades para os adolescentes desenvolverem seu potencial em termos de educação básica e profissional, e de oferecer alternativas para que eles usem de forma potencial e construtiva o seu tempo livre? Por que?
2. Nessa comunidade educativa, existem fatores que levam as pessoas a perceberem a Onda Jovem como uma ameaça demográfica? Se sim, relacione os principais.
3. Por outro lado, existem fatores na comunidade educativa onde você atua que levam as pessoas a perceberem a Onda Jovem como um presente demográfico? Se sim, relacione os principais.
4. E você? Qual sua posição diante dessas duas percepções sobre a Onda Jovem? Justifique sua resposta.
5. E quanto a questão de que se a pessoa der certo nos três primeiros anos de vida, da escola e do trabalho, sua vida tende a dar certo? Você concorda com isso? Fundamente sua resposta.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Converse com seus colegas de trabalho. Verifique seus pontos de vista sobre a Onda Jovem. Faça um paralelo entre argumentos “pela ameaça demográfica” e pelo “presente demográfico”. Elenque o que há de melhor em termos de “presente demográfico” e relacione com o que você faz e pode vir a fazer para qualificar e expandir sua contribuição pela viabilização do adolescente como pessoa, cidadão e futuro trabalhador.

ADOLESCÊNCIA, TEMPO DE ENCONTROS E TRAVESSIAS

Cláudia Jacinto, uma grande psicóloga social argentina, afirma que o ser humano nasce duas vezes: o primeiro nascimento, quando sai de dentro da mãe: ele nasce para a família e para o mundo. Para a família, porque ela ganha mais um membro. E, para o mundo, porque surge mais um membro a ser considerado pelos institutos de pesquisa e estatística. O segundo nascimento ocorre na adolescência, quando o ser humano nasce para si mesmo e para a sociedade.

O que significa nascer para si mesmo? Isso implica na capacidade do jovem de plasmar sua identidade. O adolescente passa a ter a fundamental sensação humana de que tem valor para alguém. É ele perceber-se como um ser único e irrepetível, que é compreendido e aceito por alguém. Trata-se daquele adolescente que tem relações significativas, onde encontra uma pessoa que se faz presente em sua vida e vice-versa. Ele tem a segurança de que tem pelo menos uma pessoa-chave com a qual ele pode se abrir. Esse tipo de relacionamento entre os seres humanos, particularmente em relação ao adolescente, representa um pré-requisito básico para que o jovem possa plasmar sua identidade: ser uma pessoa singular no mundo.

O que é nascer para a sociedade? A vida das crianças é dominada por dois espaços: o espaço da família e o da escola. A adolescência, por sua vez, pode ser definida como uma fase de transição entre o mundo da educação e o mundo do trabalho, entre a heteronomia (normas de vida vindas de fora) e a autonomia (normas de vida sendo dadas pela própria pessoa). A adolescência é também uma transição entre a esfera privada e a esfera pública, ou seja, é na adolescência que os jovens começam a fazer parte de grêmios estudantis, atividades de voluntariado social e outras experiências comunitárias.

Percebido sobre esse ponto de vista, podemos afirmar que o adolescente nasce para a sociedade a partir da prática cotidiana do seu projeto de vida. Ele define objetivos e metas, de curto, médio e longo prazos, em variadas dimensões da sua vida (afetiva, profissional, cidadã, material, financeira, espiritual...) e começa, portanto, a interagir de maneira cada vez mais aprofundada e abrangente com o seu entorno social e comunitário mais amplo.

Quando tratamos da identidade e do projeto de vida, temos que estar atentos de que essas duas tarefas da adolescência implicam na busca de respostas para duas perguntas: (i) Quem sou eu? e (ii) O que eu pretendo fazer com minha vida? Essas perguntas, aparentemente simples, não são respondidas prontamente pelos adolescentes. Pelo contrário. Geralmente levam anos para serem respondidas e, ao longo do percurso, mudam freqüentemente. Enquanto educadores, contudo, temos

que respeitar essas variações comuns à adolescência, procurando exercer uma influência verdadeiramente construtiva na vida do educando.

E, para sair-se bem nessas travessias, o jovem tem que empreender vários encontros:

- O **encontro consigo mesmo**: é a relação do jovem com ele próprio, procurando trabalhar positivamente sua identidade, auto-estima, auto-cuidado, autoconfiança, autodeterminação e autoconceito;
- O **encontro com o outro**: corresponde às suas relações interpessoais (colegas, amigos, pais, professores...) e às suas relações com as questões sociais mais amplas (escola, comunidade, cidade, estado, país...);
- O **encontro com a natureza**, ou melhor, com o meio-ambiente. Isso significa sua relação com a higiene de sua cidade, dos prédios, o trânsito, coleta de lixo. A relação com o ambiente é maior do que a simples relação com a natureza, com os animais, árvores e plantas. Ela diz respeito também à qualidade das relações sociais;
- O **encontro com o sentido da vida**, ou seja, com as grandes indagações da existência, com a finalidade da vida. É o contato do jovem com o transcendente.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Que indicadores você identifica nos relacionamentos com os adolescentes da sua escola que demonstram que eles têm a sensação de ter valor para alguém?
2. O que pode ser feito na sua escola para que o adolescente tenha uma transição construtiva da esfera privada para a esfera pública?
3. O que você tem feito para contribuir para que o adolescente tenha mais fundamentação para responder as perguntas: i) “Quem sou eu?” ii) “O que eu pretendo fazer com minha vida?”.
4. Como você percebe as relações interpessoais dos adolescentes com os quais trabalha no seu entorno comunitário e com as questões sociais mais amplas? Fundamente sua resposta.
5. Como esses adolescentes, segundo sua percepção, se relacionam com o meio-ambiente e com as grandes indagações da vida (sentido da vida, transcendência...)?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Organize, com (e não para) os adolescentes, campanhas visando arrecadação de alimentos e materiais para obras sociais; ruas de lazer ou colônia de férias para crianças, tendo os adolescentes como recreacionistas; campanhas sobre temas relacionados ao meio-ambiente e de esclarecimentos sobre hábitos com o corpo e/ou demais temas e atividades mais adequadas à realidade de sua escola.

• ADOLESCENTES E ADOLESCENTES

É difícil, e até mesmo incoerente, forçarmos a barra para definir um conceito de adolescência que tenha validade universal. Por quê? Todos nós sabemos que as condições sociais e econômicas, essencialmente, influenciam diretamente na postura básica do educando diante da vida, considerando sua trajetória biográfica e relacional. Não podemos, portanto, usar o mesmo parâmetro de adolescência, levando em conta educandos com situação econômica e social favorecida em contrapartida com aqueles que são social e economicamente desfavorecidos.

Cláudia Jacinto costuma dizer que três instituições são fundamentais para a trajetória pessoal e social do adolescente: a família, a escola e o trabalho.

Vamos fazer uma breve análise sobre a forma com que o adolescente favorecido econômica e socialmente e o adolescente desfavorecido social e economicamente lidam com cada uma dessas três instituições.

Vamos começar pela família. O adolescente com situação favorecida precisa da sua família. Ele tem orientação e apoio de seus familiares (material e não materialmente). A família para esse jovem funciona como uma rede de proteção, criando condições para ele viabilizar-se como pessoa, cidadão e futuro trabalhador e, de certa forma, protegendo-o de situações de risco. O que dizer, porém, daquele adolescente que encontra-se em situação econômica e social desfavorecida? Essa relação (família/adolescente) é invertida, ou seja, ao invés dele precisar da família, a família é que depende dele.

Qual é o trabalho do adolescente que tem boas condições de vida? Seu trabalho é o seu estudo. Seu trabalho é preparar-se para o mundo do trabalho. Seu trabalho é teste vocacional. É identificação de suas aptidões e potencialidades e desenvolvimento de suas habilidades. E o adolescente em situação de dificuldade? Sua relação com a escola é desbotada ou inexistente. Muitos abandonam o estudo em favor do trabalho. Às vezes, o adolescente trabalha como office-boy, por exemplo, durante o dia, e à noite ele estuda. Pergunte para ele: “O que você é?”. Possivelmente, ele responderá: “Eu sou boy”. Quer dizer, apesar dele estar estudando, o peso da sua vida recai sobre o trabalho.

Concluimos, então, que, para alguns, a escola é o centro. Para outros, é uma ausência ou uma presença desbotada, sem vida, sem graça. Em relação ao trabalho, os adolescentes de camadas sociais privilegiadas têm dúvidas quanto a seguir ou não a profissão dos pais, fazer ou não determinado vestibular em determinada faculdade. Os jovens vivem dúvidas em relação às expectativas de vida, aptidões, orientação vocacional, mercado de trabalho. Os jovens de famílias e comunidades economicamente mais pobres têm o trabalho como uma imposição.

Essas três instituições - família, escola, trabalho - são determinantes, em grande parte, do futuro desses jovens, em termos pessoais e profissionais. Para que os jovens menos favorecidos vençam, alcancem seus objetivos, geralmente precisam empreender um esforço muito maior do que aqueles melhor colocados socialmente.

Um educador do UNICEF costumava dizer que o que uma pessoa se torna ao longo da vida depende muito de seus três primeiros anos: o primeiro ano de vida, o de escola e o de trabalho. Para quem deu certo nesses três primeiros anos, a vida tende a dar certo. Muito mais do que uma preocupação social, essa é uma preocupação em termos de política de desenvolvimento humano, e a escola é o coração das políticas de desenvolvimento humano, ou seja, do desenvolvimento das novas gerações como pessoas, como cidadãos e como futuros trabalhadores.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Pense na realidade econômica e social dos adolescentes com os quais você trabalha. Compare, agora, essa realidade com um extremo (situação bem mais favorecida ou bem menos favorecida de outros adolescentes). Diante disso, o que o leva a concordar ou a discordar de que é difícil trabalharmos com um conceito universal de adolescência?
2. Que informações você tem sobre o tipo de relacionamento dos adolescentes da sua escola com a família?
3. E a escola? É realmente o eixo central da vida desses adolescentes? Por que?
4. O que representa o trabalho na vida desses adolescentes? Fundamente sua resposta.
5. Você acredita que é possível, e necessário, fazer da escola o eixo central da vida de todos os adolescentes da comunidade educativa em que você atua? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Converse com professores, alunos e pais sobre como é a qualidade da relação estabelecida entre o adolescente com sua família, escola e trabalho. Procure criar um imaginário coletivo que traga novas idéias, propostas e condições para que o adolescente possa aproveitar ao máximo o ensino escolar.

- **PARA OUVIR E ENTENDER ADOLESCENTES**

O adolescente é um ser que se procura e se experimenta. Isso faz com que nesta fase da vida, ele se defronte com duas tarefas: plasmar sua identidade, ou seja, diferenciar-se dos pais e dos outros educadores do mundo adulto e construir o seu projeto de vida.

Para plasmar identidade, o adolescente deverá nascer pela segunda vez, conforme interpretação de Cláudia Jacinto sobre a qual já falamos anteriormente. Ele deverá pensar-se no mundo separado da presença de seus pais e de outros educadores do mundo adulto. Esta é a época de se cortar pela segunda vez o cordão umbilical. O adolescente, então, irá procurar diferenciar-se, tornar-se uma pessoa única, singular. É natural que nessa fase da vida o adolescente se confronte com seus educadores familiares e escolares, procurando marcar e demarcar as diferenças existentes entre sua maneira de ser e a maneira de ser destes educadores.

O que significa ter um projeto de vida? Isso não quer dizer que o adolescente deverá saber o que irá acontecer ao longo de toda sua vida. Significa ter a capacidade de prefigurar o que irá acontecer na sua vida alguns anos à frente. Mas isso poderá ser apenas uma fantasia ou um sonho. Apenas fantasiar e sonhar a respeito do futuro não significa ter um projeto de vida. Ter um projeto de vida é saber onde se quer chegar, com uma certa precisão, é saber o que precisa ser feito para chegar lá, o quanto de sacrifício e de condições será necessário para isso, e, sobretudo, ter a noção de quanto tempo, esforço e recursos serão necessários para se atingir esse projeto. Ter idéia das etapas que serão necessárias para que aquele projeto de vida se realize. É importante ter essa visão clara do futuro e manter em relação a ela uma constância de propósito. O projeto de vida não é uma coisa que se muda todos os dias, ele tem que ser constante.

Temos que compreender que na adolescência aparece uma relação nova e fundamental, que é a relação dos adolescentes com seus pares. Enquanto a vida das crianças é definida pela sua relação com os educadores familiares e escolares, na adolescência essa definição se dá basicamente através da relação com os colegas, amigos, companheiros, ou seja, na relação com seus pares. Essa relação dos adolescentes entre si se dá na escola, na vida familiar, e, sobretudo, no tempo livre dos adolescentes, ou seja, no tempo em que ele não está envolvido em atividades orientadas da escola ou da família, aquele tempo em que ele dispõe para usar de maneira mais livre. A relação com seus pares e o tempo livre constitui uma outra chave de compreensão dos adolescentes.

A chamada problemática juvenil (gravidez precoce, drogas, álcool, fumo, doenças sexualmente transmissíveis) pode ocorrer, principalmente, no tempo livre dos adolescentes, quando eles tiverem usando esse tempo livre na relação com seus pares. Por isso, qualquer proposta educativa séria voltada para os adolescentes não pode ignorar esses dois componentes: o tempo livre e a relação com seus pares. Os educadores devem procurar ajudar os adolescentes a ocuparem o seu tempo livre com atividades construtivas, criativas e solidárias, lançando possibilidades novas de uso desse tempo livre. Isso fará com que os adolescentes sintam-se como fontes de iniciativa, porque eles vão agir; liberdade, porque eles terão margem para fazer escolhas, opções, decisões; e compromisso, porque eles serão responsabilizados por suas decisões, que deverão ser fundamentadas logicamente.

Outro aspecto que não pode ser ignorado, com respeito a formação da identidade do adolescente, é que durante esse processo, ele irá manter com o mundo adulto uma relação do tipo “recuso, mas aceito”. Ele irá manter uma permeabilidade seletiva em relação aos valores que lhe são transmitidos pelo mundo adulto. Ele irá assimilar aquilo que vai ao encontro dos seus anseios, expectativas, ao seu querer-ser, e tenderá a não aceitar aquelas normas que se revelem puramente limitadoras de sua expansão vital, de seu horizonte vital.

Qual é a melhor forma dos educadores fazerem chegar aos adolescentes a sua mensagem pedagógica, ou seja, os conhecimentos, valores e atitudes que eles desejam que os adolescentes assimilem? Isso deverá ocorrer mais pelo curso dos acontecimentos do que pelo discurso das palavras. Eles não devem ignorar que os adolescentes, nessa época da vida marcada pela irreverência diante dos educadores, tenderão a uma confrontação com o mundo adulto. Os adultos não devem dramatizar e nem temer essa confrontação. Eles deverão ser honestos e firmes com os adolescentes no que diz respeito aos seus valores. Os adolescentes, então, sentirão que seus educadores têm convicções firmes sobre certos assuntos. Eles podem ou não compartilhar esses sentimentos, mas eles estarão ali, expostos com lealdade, com franqueza.

Essa posição firme dos educadores diz respeito aos limites, e em relação aos limites devemos levar em conta duas coisas:

- um alto nível de exigência é sempre bom para o educando, e é um sinal de respeito do educador pelo educando. O educador deve estar sempre exigindo do educando o máximo do que ele é capaz. Mas nunca devemos colocar essa exigência antes da compreensão;
- o educador, também, não deverá ser conivente com os adolescentes quando achar que as condutas destes colidem com as suas idéias de maneira frontal.

O adolescente traz dentro de si, ao mesmo tempo, muita força e muita fragilidade. Eles querem buscar compreender-se e experimentar as mais variadas situações, mas eles praticamente reivindicam que os educadores lhes dêem limites e parâmetros em relação ao certo e ao errado. Isso fará com que eles tenham uma bússola na sua procura e na sua experimentação, nessa transição para a idade adulta.

A primeira chave de compreensão é reconhecermos o adolescente como um ser de busca, um ser que se procura, que se experimenta. Devemos reconhecer que o adolescente está buscando duas definições básicas de sua existência: a definição de sua identidade e de seu projeto de vida. Ele sabe que precisa de referências para seu desenvolvimento, mas ao mesmo tempo sabe que precisa ser diferente. Ele quer ser igual, mas ao mesmo tempo quer ser diferente, ter sua própria identidade, descobrir-se como um ser único e irrepetível. Nessa fase da vida, a influência mais marcante na vida dos jovens não será sua relação com seus pais ou educadores, mas a relação com seus pares. Por isso, os educadores devem procurar formas de contribuir de forma construtiva para o relacionamento dos adolescentes com seus pares, e não tentar impedir que isso aconteça.

A segunda chave de compreensão é tentar entender o fato de que os adolescentes confiam muito mais no curso dos acontecimentos do que no discurso das palavras. Os educadores devem procurar formas de transmitir seus conhecimentos, suas mensagens, aos jovens, através de fatos, de acontecimentos, e não apenas através do discurso.

A tendência dos adolescentes à confrontação com o mundo adulto deve ser vista como parte dessa ambigüidade, dessa necessidade de diferenciar sua identidade e de afirmar-se. O educador deve entender, portanto, que nessa fase a confrontação não é necessariamente um mal. Ele deve ser firme, procurando estabelecer limites e mostrando que tem capacidade de compreender e de aceitar os jovens, nem que para isso tenha que submeter-se a eles. O adolescente, como já foi dito, é um ser que traz dentro de si muita força e muita fragilidade, e o educador deve compreender isto.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. O que você considera que pode ser feito na escola para ajudar o adolescente a plasmar sua identidade? Justifique sua resposta.
2. E quanto à construção do projeto de vida do adolescente, o que mais pode ser feito na escola para ajudá-lo nesta tarefa? Por que?
3. Como a escola pode influenciar o adolescente para a ocupação construtiva do seu tempo livre?
4. “A mensagem pedagógica aos adolescentes deve fluir mais pelo curso dos acontecimentos do que pelo discurso das palavras”. Você concorda com essa afirmativa? Fundamente sua resposta à luz da sua experiência.
5. Como você trabalha com o adolescente em termos de limite/exigência/compreensão? Fundamente sua resposta.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Organize oficinas pedagógicas, jornais escolares, debates, práticas e vivências esportivas, recreativas e culturais centradas na experimentação de valores; campanhas sobre temas relacionados à saúde e ao meio-ambiente; e tudo que possa ser realizado na sua comunidade, tendo o adolescente como principal parceiro e interlocutor.

• AS CILADAS DA ADOLESCÊNCIA

Neste capítulo desenvolvemos idéias básicas sobre os perigos da adolescência. Algumas, já nos referimos anteriormente: o adolescente está numa fase da vida em que dispõe de muito tempo livre e se relaciona intensamente com seus pares. É a partir destes dois fatores que irão surgir as chamadas ciladas da adolescência.

Uma das primeiras ciladas é a de que o campo onde as crianças não atuavam, os adolescentes irão fazer dele um espaço privilegiado na utilização do seu tempo livre e na relação com seus pares: esse campo é a noite. A noite tem as suas leis; e os adolescentes sentem-se atraídos por ela, como uma etapa de transição entre o crepúsculo da infância e o alvorecer do mundo adulto. Ao utilizar o seu tempo livre nas atividades noturnas, os adolescentes freqüentemente serão confrontados com fatores de risco, como as drogas, a violência, o risco da gravidez, das doenças sexualmente transmissíveis, velocidade no trânsito e outros. A noite constitui-se, portanto, em um espaço privilegiado para a procura e experimentação dos adolescentes e com os riscos que isso implica.

O que fazer diante disso? Tentar mantê-los afastados, distantes dessas situações, é um erro. Devemos nos preocupar em preparar o adolescente para que ele, mesmo quando em contato com essas realidades, mantenha sua capacidade de autodeterminação, ou seja, considerar-se um ser autoproposto, que tenha seu projeto próprio, e que, por causa disso, seja capaz de passar por essas atividades sem deixar que elas assumam um direcionamento na sua trajetória, quer dizer, ele ser a fonte de determinação da sua trajetória. Devemos preparar os adolescentes, portanto, para que, quando estejam em contato com essas situações de risco, saibam conduzir-se diante delas.

Outro aspecto é a consciência de que mantê-los afastados das situações de risco, ignorando-as como se não existissem, é muito pior do que não impedir que eles tenham contato com essas situações, mas que saibam conduzir bem a sua vida diante delas.

Como fazer isso? Preparando o adolescente para fazer opções fundamentadas na ética (noção do seu dever-ser) e na lógica, ou seja, ele deve ser preparado para tomar decisões logicamente fundamentadas nas mais diversas circunstâncias. Fazer isso é prepará-los para fazer escolhas, e fazendo escolhas é que os valores surgem com muita importância na vida do adolescente. Aquilo que tem significado para sua vida é aquilo que está no caminho da sua trajetória entre o que ele é e aquilo que ele quer ser, ou seja, no caminho de sua trajetória entre o ser e o querer-ser.

E o adolescente deve ser preparado, na educação para valores, para tomar decisões coerentes com o sentido que ele atribui à sua vida. Dentre esses valores, a

vida deve ser vista como o mais elevado e o mais transcendente, ou seja, o valor que praticamente é a medida para todos os outros valores. É a adoção de valores baseada numa ética biofílica, uma ética que coloca a vida como o mais importante e fundamental dos valores. A adoção dessa ética implica o adolescente pensar e repensar de forma constante a sua relação consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com as grandes indagações da vida, o sentido do homem e o sentido do mundo. O que se espera é que o adolescente seja capaz de estruturar princípios pelos quais ele pautará a sua atitude básica diante da vida nas mais diversas situações.

O que nós diríamos, então, que são as ciladas da adolescência? São tudo aquilo que pode desviar o adolescente do normal desenvolvimento da sua vida e da sua carreira. É tudo aquilo que impede o adolescente de realizar o seu potencial. São todas as situações capazes de colocar em risco a sua integridade psicológica, física e moral. É aquilo que pode inviabilizar a carreira do adolescente no mundo da educação e no mundo do trabalho. É o conjunto de valores que pode levar o jovem a desenvolver atitudes de intolerância, de discriminação, de desrespeito aos outros seres humanos. O grande antídoto contra todas as ciladas da adolescência é educar o jovem em duas pautas: uma, a da educação para valores. E a outra, a da capacidade de resolver os problemas da vida de maneira coerente com esses valores e com o seu melhor interesse.

Já falamos que o adolescente é um ser de procura e de experimentação. Isto ocorrerá não dentro da sala de aula ou apenas entre quatro paredes, mas através das ambigüidades e das confrontações com pessoas do mundo adulto. O experimentalismo do adolescente se dará no tempo livre e nas relações com seus pares: ele irá se procurar através da participação em grupos, da identificação com tendências de moda, gosto musical, relações afetivo-sexuais. Surgindo aí, como vimos, um grande espaço de procura e de experimentação: a noite. A predileção dos adolescentes pela vida noturna faz parte do processo natural de sua transição até a idade adulta. Nesses momentos podemos dizer que os riscos da adolescência se configuram com maior clareza. Devemos ter em mente que na sociedade de hoje é praticamente impossível evitar a exposição dos adolescentes a essas situações de risco. O caminho não é fazer com que eles não passem por isso; para isso teríamos de cercear tanto a sua vida que o resultado provavelmente seria pior do que sua exposição a tais riscos.

A lição principal deste capítulo: prevenir não é preservar os adolescentes do contato com o confronto ou com as situações de risco, pois isso faz parte da procura e da experimentação natural da vida. O principal é preparar o jovem para que ele, confrontado, passando através dessas situações, saiba tomar decisões fundamentadas logicamente e em valores. Se ele entender e interpretar situações, suas decisões terão

um fundamento lógico. Se ele tem princípios superiores orientadores de sua conduta, ou seja, valores, ele saberá também fundamentar suas decisões.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como você se posiciona diante da afirmativa: “melhor do que afastar os adolescentes das situações de risco é prepará-los para enfrentá-las.”?
2. Você concorda que, preparando o adolescente para fazer opções fundamentadas na ética e na lógica, ele pode ser capaz de estruturar princípios pelos quais pautará sua atitude básica diante da vida nas mais diversas situações? Por que?
3. A noite é um espaço de procura e experimentação do adolescente. O que você considera que pode ser feito na educação escolar para que ele estabeleça uma relação construtiva com esse espaço?
4. O que você e seus colegas podem fazer para ajudar os adolescentes a tomarem decisões fundamentadas em valores?
5. Você acha que para se trabalhar valores com os adolescentes, o professor deve rever seus próprios valores? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Reúna um grupo de colegas, discuta a questão sobre ética (lógica e valores no trabalho educativo com adolescentes), promovendo um debate que se desdobre em ações práticas junto aos educandos, na perspectiva da sua preparação para tomada de decisões fundamentadas.

• **RELAÇÕES PERIGOSAS**

Diante das situações de risco, o mundo adulto tem tido uma conduta recorrente: fazer campanhas e pregações contra as drogas, a violência, o sexo inseguro, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez das adolescentes. Nossa postura diante disso é sermos contra as “campanhas contra.” Nossa postura é a de que deveríamos fazer campanhas a favor. Essas campanhas seriam vistas mais como iniciativas a favor da vida, da vida que está presente no jovem, nas outras pessoas e na natureza. Essa valorização da vida é o que temos chamado de ética biofílica, ou seja, uma manifestação de apreço à vida em todas as suas manifestações.

Nos Estados Unidos, há tempos atrás, fracassou uma campanha de tentativa de conscientização dos jovens com respeito aos problemas do trânsito. A campanha enfatizava, entre outros aspectos, o lado perigoso do trânsito: na tela aparecia um jovem cheio de vida e de planos, e depois de uma irresponsabilidade no trânsito, aparecia uma lápide, simbolizando a morte desse jovem. Como a campanha não deu certo, os responsáveis por ela foram pesquisar os motivos disso. E aí fizeram outra campanha: em vez de mostrar a morte do jovem, a propaganda mostrava diversas pessoas com deformações físicas, machucadas, jovens com os rostos desfigurados e coisas semelhantes. Ao contrário da primeira, essa segunda campanha foi um sucesso. O que isso nos mostra? Que os jovens têm mais medo de ficar feios do que de morrer. Isso é um exemplo de como as campanhas dirigidas aos jovens devem ser. Não podemos fazer uma campanha contra as drogas, por exemplo, cujo centro sejam as drogas. Ou, por exemplo, a gravidez indesejada, a violência, a AIDS. Estas questões devem ficar num plano secundário, como se fosse o acostamento de uma estrada, e não a via principal.

Devemos falar o que o jovem deve ser, e não o que ele não deve ser. Não devemos falar dos danos que traz uma conduta negativa, mas dos benefícios de uma conduta positiva.

Quando provocamos um grupo de educadores sobre temas que sejam importantes de se trabalhar com um grupo de adolescentes, seja uma oficina pedagógica, debate escolar, encontro ou evento, é muito comum identificarmos temáticas do tipo: gravidez precoce; drogas, violência, distanciamento entre jovens e adultos, doenças sexualmente transmissíveis, pichações.

Priorizar o trabalho desses temas com o jovem é trabalhar pelo jovem que não queremos. É importante que o jovem tenha informações sobre essas temáticas. Elas não devem, contudo, representar a centralidade do processo educativo. São temas que devem se encaixar no eixo conteudista do processo educativo como um acostamento. A via principal, a estrada principal, o eixo central do processo

educativo deve ser referenciado por temas que sinalizem não o jovem que não queremos, mas, sim, o jovem que queremos. Em suma, os temas que citamos anteriormente podem ser trabalhados com os adolescentes como uma lateralidade e não a centralidade do processo educativo.

Acreditamos que nossa atuação enquanto educadores junto aos adolescentes deve-se dar no âmbito da promoção de uma ampla e profunda ressignificação da vida, como o mais universal de todos os valores. Nosso entendimento é de que a posição do jovem diante de situações divergentes (drogas, pichações, doenças sexualmente transmissíveis, violência...) é uma decorrência do seu posicionamento, da sua atitude básica diante da vida. Temos que trabalhar para que o adolescente tenha um posicionamento diante de si mesmo e do mundo, tendo como eixo norteador uma atitude de amor e de reverência à vida em todas as suas manifestações.

No capítulo seguinte, trataremos sobre o tipo de jovem que queremos formar e, associado a esse ideal antropológico, sugeriremos temáticas de trabalho social e educativo com o adolescente, que convergem para o domínio, pelo educando, dos Códigos da Modernidade, (re)afirmando sua conduta positiva.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você concorda com a postura de sermos contra as “Campanhas Contra” no trabalho com adolescentes, referindo-nos às drogas, à violência, às doenças sexualmente transmissíveis...? Por que?
2. A que você atribui a tendência de muitos educadores selecionarem temas que deveriam ser trabalhados como lateralidade do processo educativo com os adolescentes e que passam a representar a sua centralidade?
3. Que temas você considera que devam compor o eixo central do processo educativo com adolescentes? Por que?
4. Você acredita que os temas que vão contra as “Campanhas Contra” devem ser trabalhados em uma única disciplina ou em todas? Fundamente sua resposta.
5. Criar condições e oportunidades para uma adolescente em situação econômica e socialmente desfavorecida aprender balé e inglês, por exemplo, é uma atitude preventiva em relação às situações perigosas ou é o caminho para o seu desenvolvimento pessoal e social? Justifique sua posição.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Proponha uma reunião entre professores para discutir, refletir e procurar o melhor caminho para se desenvolver temas junto aos adolescentes.

• O ADOLESCENTE QUE QUEREMOS

Toda e qualquer educação (formal ou informal) necessita e requer da parte da equipe de educadores plena clareza sobre o seu ideal antropológico: Que tipo de jovem queremos formar? Para buscarmos uma resposta bem fundamentada para essa questão, vamos recorrer ao ideal antropológico dos mundos socialista e capitalista e também ao Relatório “Educação: um tesouro a descobrir.”

O ideal antropológico do mundo socialista corresponde a um homem muito solidário, porém pouco autônomo. O que isso significa? Isso implica num homem que tem preocupações e, mais do que isso, se sente co-responsável pelo bem comum. É aquele homem que tem senso de altruísmo; tem preocupações de que sejam asseguradas as condições mínimas de bem-estar e dignidade para todos. A grande limitação, aqui, é a ausência da autonomia, da liberdade, de espaços para atuação. Trata-se, na realidade, de um controle muito grande do Estado sobre a vida das pessoas.

Do outro lado do mundo, no sistema capitalista, deparamo-nos com um ideal de homem muito autônomo e pouco solidário. O que isso implica na prática? Estamos falando de um homem individualista, competitivo, que, não raramente, está preocupado com o bem-estar de si próprio e de seus familiares. A universalização das condições mínimas de bem-estar e dignidade (saúde, educação, lazer, moradia, profissionalização...) não faz parte da sua pauta de preocupações. Temos que valorizar, contudo, o lado bom deste ideal antropológico: a autonomia, a liberdade, o espaço de atuação.

Diante dessa reflexão inicial, indagamos: qual dessas duas visões de homem é a mais adequada para o ideal antropológico do processo educativo que desenvolvemos? Temos, na verdade, que aproveitar o melhor dos dois mundos, resgatando os princípios de liberdade do mundo capitalista e os ideais de solidariedade do mundo socialista.

No mundo globalizado, marcado pela abertura dos mercados e a planetização do processo educativo, será que basta o jovem ser autônomo e solidário? Acreditamos que não. Ele precisa também de um terceiro componente: a competência.

A competência, aqui, não é empregada no seu sentido tradicional. Trata-se de uma referência bem mais ampla. Estamos falando da competência no sentido empregado pelo relatório “Educação, um Tesouro a Descobrir”, produzido para a UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, sob a coordenação de Jacques Delors, trabalhando com um grupo de quatorze grandes educadores.

Este relatório considera quatro pilares da educação, visando formar o jovem como um ser integral, apto a aproveitar, ao longo de toda sua vida, as oportunidades do novo mundo do trabalho e a dominar competências e habilidades mínimas para viver e conviver numa sociedade moderna. Vejamos cada um deles:

Aprender a ser – É o eixo da competência pessoal. É a relação do jovem consigo mesmo, desenvolvendo e fortalecendo sua identidade, auto-estima, autoconceito, autoconfiança, autodeterminação, auto-cuidado.

Aprender a conviver – É o eixo da competência relacional. É a relação do jovem com os outros e com o meio ambiente, entendida na sua concepção mais ampla. Relaciona-se com a cidadania, o voluntariado, a participação, a democracia.

Aprender a fazer – É o eixo da competência produtiva. Mais do que o desenvolvimento de habilidades voltadas para a qualificação profissional, mas, num sentido ampliado, preparando o jovem para enfrentar e superar experiências sociais de maneira efetiva.

Aprender a aprender – É o eixo da competência cognitiva. Trata-se de preparar o jovem para ser um caçador de conhecimentos, ou seja, criar no jovem o desejo de educar-se constantemente, cuidando do seu próprio desenvolvimento, do autodidatismo.

Enfim, o adolescente que queremos é aquele que cresça e se desenvolva na perspectiva da autonomia, solidariedade e competência, conforme acabamos de falar.

Este ideal de adolescente – autônomo, solidário e competente – está pré-figurado no panorama legal, na lei 9394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB):

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Art.2^o, Lei 9394/96 - LDB

Podemos constatar que ainda existe uma grande distância entre a lei e a realidade. Queremos, contudo, destacar uma pergunta: Qual é o melhor caminho,

piorarmos a lei para que ela fique parecida com a realidade ou devemos melhorar a realidade para que ela fique parecida com a lei?

Mencionamos no capítulo anterior, temas que convergem para o adolescente que não queremos. Agora, com uma clara visão sobre o tipo de jovem que queremos formar, perguntamos: que temáticas podemos selecionar e trabalhar no processo educativo que se harmonizam com nosso ideal antropológico? São inúmeras. Vejamos algumas sugestões:

- Solidariedade transgeracional na preservação do meio ambiente;
- Trabalho prazeroso e lazer produtivo;
- Solidariedade social;
- Grupos vulneráveis: crianças em risco, pessoas portadoras de deficiência, jovens e famílias em dificuldade pessoal e social;
- Empregabilidade / Trabalhabilidade;
- Educação permanente;
- Situação atual e tendências do mundo do trabalho;
- Polivalência e flexibilidade;
- Códigos da Modernidade;
- Vocação;
- Profissões;
- Empreendedorismo.

Essas sugestões de temas a serem trabalhados com os adolescentes fazem parte da avenida principal do processo educativo. Compõe a centralidade de temas a serem desenvolvidos com os educandos, porque convergem para a formação do jovem autônomo, solidário e competente, contribuindo para que eles venham a dominar os Códigos da Modernidade, propostos por Bernardo Toro, educador colombiano, que citamos a seguir:

1. Domínio da leitura e da escrita;
2. Capacidade de fazer cálculos e de resolver problemas;

3. Capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações;
4. Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social;
5. Capacidade de receber criticamente os meios de comunicação;
6. Capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada;
7. Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo.

Mais do que pré-requisitos para o jovem preparar-se para ingressar no mundo do trabalho, os Códigos da Modernidade representam competências e habilidades mínimas para se viver e conviver numa sociedade moderna.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você concorda que o ideal antropológico do processo educativo seja o jovem autônomo, solidário e competente? Por que?
2. Você considera importante esse ideal de jovem autônomo, solidário e competente estar pré-figurado na lei (art. 2º da LDB)? Por que?
3. Em qual(is) competência(s) (pessoal, social, produtiva, cognitiva) você acredita que a escola mais contribui para desenvolvê-la(s) no adolescente? Justifique sua resposta.
4. Em sua visão o que poderia ser feito na escola no sentido de criar mais e melhores condições para se desenvolver competências menos trabalhadas com os adolescentes?
5. Quais atividades são realizadas na sua escola que trabalham os códigos da modernidade com os adolescentes?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Proponha o estudo deste capítulo, e outros que julgar necessários, com os professores. Estabeleça um alinhamento conceitual e metodológico sobre temas que convergem para o trabalho educativo com o jovem que queremos.

Ouça um grupo de adolescentes sobre temas que lhes interessam.

Estruture atividades que associem expectativas dos jovens com temas que fazem parte da centralidade do processo educativo, criando condições e oportunidades para que eles desenvolvam habilidades relacionadas com os códigos da modernidade.

• ADOLESCER É CRESCER

Mais do que professores, temos de ser educadores na relação estabelecida com os adolescentes. Isso requer, da nossa parte, abertura, sensibilidade e compromisso com a vida de nossos educandos, que pode ser resumida numa única palavra: presença.

Quantos professores tivemos desde criança até nossa formação nas universidades? Inúmeros, não é verdade? Agora, desses, quantos foram verdadeiramente educadores, marcando diferença e sendo pessoas-chave nas nossas vidas? Certamente, podemos contar nos dedos.

A presença, muito mais do que competência técnica, é um compromisso ético-político, baseado na sensibilidade humana, com os educandos com os quais trabalhamos, que, em hipótese alguma, pode ser negligenciada, porque é a partir dela que podemos dar nossa contribuição para que o adolescente venha viabilizar-se como pessoa, cidadão e futuro trabalhador, trilhando o caminho do desenvolvimento pessoal e social, que comentaremos a seguir.

Identidade: para compreender e aceitar os outros, o adolescente deve, primeiro, compreender-se e aceitar-se, para que, plasmando sua identidade, ele possa, sem preconceitos, mágoas ou ressentimentos, lidar construtivamente com suas potencialidades, mas também com suas limitações. Percebendo-se assim, o adolescente torna-se capaz de ver-se como um ser único e irrepetível, um ser singular, que veio ao mundo para desenvolver as potencialidades que trouxe consigo ao nascer e dar a sua contribuição, que é única, para melhorá-lo.

Auto-estima: trata-se de um bom sentimento do adolescente para consigo mesmo. É ter amor próprio. É gostar de si mesmo. Enfim, é ter em relação a si próprio um sentimento positivo. O requisito para isso? É a identidade, é compreender-se e aceitar-se. Já a auto-estima, por sua vez, é a base para o desenvolvimento de um bom autoconceito.

Autoconceito: é a racionalização da auto-estima, ou seja, é a versão racional de um bom sentimento para uma idéia positiva de si próprio. Mais do que um bom sentimento, faz-se necessário elencar as próprias qualidades, para que o adolescente se conscientize, cada vez mais, dos seus pontos fortes (o que ele é, o que ele pode, o que ele tem de bom, o que ele é capaz), assim como de suas limitações. O autoconceito, portanto, está relacionado com a idéia positiva sobre si mesmo.

Autoconfiança: “Eu faço e aconteço”, “Eu chego lá”, “Eu sei que posso”, ”Eu confio no meu taco”. Essas expressões, quando afirmadas de maneira autêntica pelo jovem, representam indicadores da sua autoconfiança, que nada mais é do que a

legitimação da sua auto-estima e do seu autoconceito traduzidos na confrontação da pessoa com situações e circunstâncias desafiadoras. A autoconfiança é a base para que o adolescente olhe para o futuro de maneira positiva.

Visão do futuro: você já experimentou conversar com um adolescente que esteja em situação de risco pessoal e social, por exemplo um jovem de rua, indagando-lhe sobre seu futuro? Normalmente, eles têm uma atitude básica, quando são questionados sobre “o que vão ser quando crescerem”. Eles se calam, baixam a cabeça, saem correndo, ou simplesmente lhe agridem: “Eu vou ser bandido, assaltante, estuprador”. Por que eles reagem assim? Simplesmente porque olham para o futuro com medo. Na conclusão deste capítulo, retornaremos a esse ponto não com uma resposta pronta e definitiva, mas buscando facilitar a sua compreensão. Mas, afinal, o que é a visão do futuro? É o rompimento da visão baseada no aqui-e-agora, estendendo-a ao médio e longo prazos. É estar e sentir-se preparado para enfrentar os desafios do futuro.

Querer-ser: é olhar o futuro de maneira desejante. É o sonho, a vocação, o prazer e a vontade de crescer, revestindo-se de uma atitude básica desejante diante da vida. É um desejo de ser que, posteriormente, deve ser melhor trabalhado no campo da racionalidade.

Projeto de vida: assim como o autoconceito é a racionalização da auto-estima, o projeto de vida é a racionalização do querer-ser. É o desejo passando pelo crivo da razão. É uma espécie de estudo e projeção do desejo, que desdobra-se na busca de respostas para sua viabilização no futuro. É ter plena clareza sobre onde se está (situação atual) e onde se pretende chegar (situação desejada) e qual o caminho (etapas percorridas e a serem vencidas) para se chegar lá. Em suma: o projeto de vida é o sonho com degraus, com metas, prazos e consciência dos esforços e dos recursos a serem investidos na consecução de um objetivo de vida.

Sentido da vida: é uma linha não percorrida que une o ser ao querer-ser. É o rumo traçado entre o que se é no presente e o que se pretende ser no futuro. O sentido da vida, portanto, é a linha, a estrada, o caminho que liga o ser ao querer-ser. É a ponte entre o desejo e a viabilização desse desejo.

Autodeterminação: é assumir a autonomia, a direção e o controle de sua própria vida. Existe, muitas vezes, uma tendência do pai querer tomar decisões pelo filho e do educador desejar fazer o mesmo com o educando. O adolescente, porém, tem que se tornar um ser autoproposto, ou seja, um ser que tem uma proposta para si mesmo. Ele deve, portanto, ser o piloto de sua própria vida. Saber para onde vai e o que está buscando encontrar.

Resiliência: é um conjunto de qualidades, não excepcionais, que quando bem articuladas e suficientemente desenvolvidas, resulta na capacidade da pessoa crescer

apesar da adversidade. Ou seja, diante de condições difíceis a pessoa não só não se desintegra, mas cresce. Quais são essas qualidades excepcionais? Projeto de vida, senso de humor, capacidade de usufruir de pequenas alegrias, capacidade de admirar e de aprender, pertencer a grupos, fé (não exclusivamente a fé religiosa), visão equilibrada, sonhos com degraus, forma construtiva de lidar com o tempo (passado/presente/futuro), atuação no modelo do desafio e não no do dano. Lembre-se: são qualidades simples. Não há nada de excepcional nesse conjunto de qualidades, mas, para fortalecer a resiliência, elas devem estar bem amarradas e suficientemente desenvolvidas na pessoa.

Auto-realização: Tem gente que pensa que para auto-realizar-se há que se chegar a um resultado final. Isso não é verdade. A auto-realização são resultados em processo. Quando um jovem faz uma boa prova; é aprovado no final do ano; conclui o I grau; conclui o II grau; passa no vestibular; termina o curso superior; consegue um bom trabalho; tem ascensão em sua vida profissional...tudo isso são resultados em processo que o auto-realiza. A auto-realização, portanto, corresponde a cada passo que damos para a viabilização do nosso projeto de vida.

Plenitude humana: são aqueles momentos em que o ser se encontra com o querer-ser. Aquele desejo, que foi racionalizado pelo projeto de vida, se viabiliza, se concretiza, transforma-se em realidade. São situações, na verdade, relativamente raras nas vidas das pessoas, que ocorrem na vida afetiva, como um casamento muito desejado; na vida produtiva, como a conquista de um trabalho almejado; na vida cívica, como o reconhecimento coletivo por um feito. Percebemos, assim, que os momentos de plenitude humana podem ser classificados no tripé da felicidade: amor, trabalho e cidadania

Será que na vida real as coisas acontecem certinhas, passo a passo, da identidade até a plenitude humana, conforme acabamos de apresentar com a escada do desenvolvimento pessoal e social? Não. A vida não é linear. A vida tem idas e vindas. A vida tem altos e baixos. Podemos estar nos auto-realizando, por exemplo, e, por força de outras circunstâncias, termos uma queda de auto-estima. Além do mais, todo esquema reduz e fragmenta a realidade. A realidade é irreduzível ao conhecimento. Mas, por outro lado, essa escada nos ajuda a compreender o percurso do crescimento pessoal e social, além de nos esclarecer alguns “nós” do nosso relacionamento com o adolescente.

Voltando ao exemplo do jovem em situação de risco pessoal e social que não queria falar sobre o futuro. Por que isso acontece? Porque ele olha para o futuro com medo. Por que ele tem medo do futuro? Porque sua autoconfiança, seu autoconceito e sua auto-estima estão em baixa. Qual a razão disso? O jovem não foi capaz de plasmar sua identidade: compreender-se e aceitar-se. Por que ele não cumpriu essa

tarefa básica da sua adolescência? Porque nenhum educador – familiar, escolar ou comunitário – conseguiu fazer-se presente em sua vida, tornando-se uma pessoa-chave para ele, ajudando-o a encontrar, dentro de si mesmo, a sensação de que tem valor para alguém.

Diante disso, resta-nos um desafio inadiável: trabalharmos e lutarmos pela viabilização dos nossos educandos, enquanto pessoas, cidadãos e futuros trabalhadores. Para a concretização dessa missão, temos que manter um estreito vínculo entre nossa competência técnica e o compromisso ético-político para com os adolescentes com os quais trabalhamos.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Pense nas relações humanas que você teve com professores e alunos na sua trajetória enquanto estudante (nível primário ao superior). Quantos marcaram diferença na sua vida? Quais foram efetivamente presentes em sua vida? Dentre esses, eles tinham qualidades excepcionais ou eram qualidades comuns ao ser humano? Justifique sua resposta.
2. Você concorda que a presença do educador na vida do educando é fundamentalmente uma questão de compromisso ético-político com o adolescente? Por que?
3. Você se preocupa em passar uma boa imagem de si mesmo para os outros? Cuida da sua saúde? Investe em você? Por que?
4. Qual sua visão sobre seu próprio futuro? Você se sente capaz de viabilizar essa visão? Você tem dado o melhor de si para isso? Justifique.
5. A educação da sua escola tem sintonia com o caminho para o desenvolvimento pessoal e social do adolescente? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

- Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

1. Identidade	() “O futuro para mim é um combustível. É uma motivação para mim chegar lá.”
2. Auto-Estima	() “Trilhei tantos degraus. Estou no degrau X, sei quantos faltam e como vou fazer para chegar lá.”
3. Autoconceito	() “Sou um ser único e irrepitível nesse mundo.”
4. Autoconfiança	() “Nosso projeto de educação foi reconhecido. Ganhamos um Prêmio inédito. Que emoção!”
5. Visão do Futuro	() “Não olho pedras no meu caminho. Vejo, na verdade, o caminho entre as pedras, porque enxergo desafios e não obstáculos na minha trajetória.”
6. Querer-Ser	() “Nada me deterá. Eu posso. Eu chego lá. Sou capaz. Vou vencer.”

7. Projeto de Vida	() “Minha vida é focada. Tem direção. Tenho um rumo.”
8. Sentido da Vida	() “Cada passo na direção certa é uma alegria. Passo-a-passo estou sempre crescendo.”
9. Autodeterminação	() “O pensamento positivo é importante. Só penso coisas boas para minha vida.”
10. Resiliência	() “Sou o motorista da minha vida. Eu dirijo a minha vida. Tenho autonomia e competência para isso.”
11. Auto-Realização	() “Vontade, desejo, prazer, vibração. É assim que eu olho para a vida.”
12. Plenitude Humana	() “Preocupo-me com minha aparência. Procuro dormir e me alimentar bem. Cuido da minha aparência e do meu corpo.”

Capítulo 3 - COMO É MINHA RELAÇÃO COM OS ALUNOS?

- Colocando-me no lugar do aluno
- Como os alunos me percebem?
- Minha relação com os alunos
- Identificando, incorporando e vivendo valores
- Como lidar com disciplina e limites?
- Escola, lugar de aprendizagem e crescimento
- Os ossos do ofício
- Educar é criar espaços

• COLOCANDO-ME NO LUGAR DO ALUNO

Na primeira parte deste livro (Quem Sou Eu?), está contada a fábula de La Fontaine intitulada O Lavrador e os Filhos, que foi adaptada pelos autores do Relatório da UNESCO (Educação, Um Tesouro a Descobrir), para enfatizar a importância e o significado da educação no Século XXI. Vale a pena reler a fábula. Nela, atraindo um pouco La Fontaine, os autores do Relatório fazem com que as últimas palavras do pai lavrador sejam: “O tesouro está na educação”.

Principalmente hoje, na Era do Conhecimento, o tesouro está mesmo na educação. Se, na Era Pré-Industrial, o verbo predominante era extrair, e, na Era Industrial, o verbo predominante era produzir, na Era do Conhecimento, para ter sucesso e riqueza, o homem precisa ser um criador. Os verbos, agora, são criar, gerar, conceber.

Hoje, não basta mais saber extrair riqueza da floresta (extrativismo), da terra (agricultura), dos rios e mares (pesca) e de outros homens (comércio, saque, pirataria). Não basta também produzir: transformar matérias-primas em produtos. O fundamental, agora, é gerar, fazer circular e aplicar conhecimentos cada vez mais refinados.

As crianças e os adolescentes que vêm às nossas escolas e convivem diariamente conosco estão em busca de educação, de conhecimento. Estão em busca de um tesouro, mesmo que ainda não tenham clareza disto.

E o que eles encontram pela frente? Quais os desafios que esta busca de um tesouro tão precioso traz para uma nação, para os cidadãos, para a comunidade escolar, para os professores?

Vamos fazer um esforço e nos colocarmos no lugar daqueles que batem às portas das nossas escolas em busca de educação, de conhecimento.

O que é ser aluno do ensino público no Brasil, atualmente? O que mudou na educação pública nas últimas décadas? O Brasil, antes da grande expansão quantitativa do ensino, que se deu nas décadas de 60 e 70, teve um ensino público de melhor qualidade que o atual, mas para poucos. É muito comum as pessoas do mundo adulto dizerem: “como era boa a escola pública no meu tempo.” Isto é verdade, mas também é verdade que naquele tempo o ensino público era um ensino para muito poucos. A escola brasileira ainda não estava aberta para a grande maioria da população infanto-juvenil. Isto só veio a ocorrer nas últimas décadas.

É muito comum também se dizer que a expansão quantitativa do ensino não teve uma correspondente em termos de qualidade. Os professores foram formados, em sua maioria, em um tempo muito curto, e as condições físicas, materiais e

profissionais (carreira, salários) do magistério só foram deteriorando-se ao longo dessa grande expansão quantitativa do ensino. O diagnóstico dessas duas décadas é de que o Brasil foi capaz de praticamente universalizar o ensino fundamental para sua população infanto-juvenil, não sendo, no entanto, capaz de propiciar um ensino de qualidade para todos. Isto se reflete nos índices de repetência e de evasão, que são como um termômetro para se medir a qualidade do ensino ministrado hoje no país. Essa expansão quantitativa do ensino, no entanto, não foi o único dinamismo responsável pela atual situação.

Outro fator importante que explica isto foi a urbanização do país. Até os anos 50, o Brasil tinha mais de 70% de sua população no campo. Hoje, nós temos mais de 70% da população nas cidades. Essa urbanização intensa, acelerada e sem nenhum planejamento, gerou nas periferias das grandes cidades aquilo que D. Paulo Evaristo Arns chamou de “uma coroa de espinhos”, ou seja, vastas regiões periféricas com precárias condições de vida e de serviços, com uma população de baixa escolaridade e em grande parte subsistindo no subemprego ou enfrentando o desemprego.

Podemos concluir que deste quadro é que irá surgir grande parte dos alunos das escolas públicas brasileiras. E os professores não foram preparados para lidar com essa realidade. Além disso, estamos tratando com outra situação: o Brasil dos anos 90 está mudando com uma velocidade inédita em toda nossa história. Aliás, não só o Brasil, mas o mundo. Hoje, podemos dizer que os adolescentes que estão nas nossas escolas, prestes a completar idade mínima para ingresso no mundo do trabalho, nasceram na sociedade industrial e irão viver, trabalhar e criar suas famílias num mundo marcado pelas realidades pós-industriais.

Esses adolescentes nasceram no mundo político da Guerra Fria, ou seja, no confronto ideológico socialismo x capitalismo. Hoje, vivemos no mundo do triunfo capitalista e das idéias liberais sobre a alternativa socialista, um mundo liderado por uma só grande potência, os EUA. Os adolescentes de hoje nasceram num mundo marcado por uma cultura moderna, onde o homem era movido por grandes ideais de transformação. Hoje, vivemos uma crise dos chamados grandes relatos, das grandes explicações acerca da vida e do mundo, das grandes cosmovisões sociais, políticas e culturais.

O que queremos dizer com tudo isso? Que os atuais adolescentes nasceram em uma etapa do processo civilizatório e viverão em outra etapa desse processo. Então, nós, educadores, não podemos medir os adolescentes de hoje pelos adolescentes que nós fomos, pelo mundo em que nós vivemos, pela maneira como nos iniciamos no mundo do trabalho ou nos preparamos para isso. Os adolescentes de hoje estão sendo preparados para viver em um mundo que nem nós nem eles sabemos como será.

Se nós, adultos, olhamos o futuro com perplexidade e espanto, o que dirá o adolescente de hoje, que em breve iniciará seu processo de convivência na vida adulta. Isso gera insegurança, incerteza, impossibilidade de olhar o futuro sem medo. E quando olhamos o futuro de maneira apreensiva, fica muito difícil escolhermos um lugar nesse futuro. Torna-se difícil escolher um projeto de vida. Por isso, os adolescentes de hoje estão vivendo desafios que a nossa geração não viveu. É muito mais difícil e complexo ser um adolescente hoje do que há algumas poucas décadas.

O educador, portanto, deve saber colocar-se no lugar do educando, principalmente em um país como o Brasil, em que a economia não tem crescido suficientemente para caracterizar um ciclo de desenvolvimento realmente sustentável, um desenvolvimento que seja capaz de absorver aqueles 2 milhões de pessoas jovens que chegam todos os anos ao mundo do trabalho precisando de oportunidades. Por outro lado, sabemos também que muitas das novas tecnologias são liberadoras de mão-de-obra. Se antes a principal preocupação era preparar o jovem para o emprego, hoje a principal preocupação é preparar o jovem para o mundo do trabalho, seja para trabalhar como empregado ou até mesmo como empreendedor, trabalhando por conta própria.

O que queremos dizer com isso é o seguinte: nós devemos procurar nos colocar no lugar do adolescente, fazendo a seguinte simulação: se eu fosse um adolescente e estivesse confrontado com os desafios que os jovens de hoje estão confrontados, qual seria minha conduta diante da vida e, particularmente, diante da escola, do desafio da educação? Acho que essa é uma boa maneira de procurarmos entender melhor os adolescentes, a fim de que possamos aceitá-los e respeitá-los. É um bom caminho para um encontro produtivo e solidário entre educadores e educandos na era do conhecimento.

PONTOS PARA REFLEXÃO

1. Procure fazer uma comparação entre o que significou o acesso (ou a sua falta) à educação para seus avós, seus pais e você. Como a educação influenciou na vida de vocês? Procure, agora, estabelecer comparações com o significado da educação para os seus alunos. O que de principal mudou para as crianças e adolescentes de hoje o fato de ter ou não educação de qualidade?
2. Internet, televisão, revistas, jornais, rádio, uma troca incessante de informações marca o cotidiano da imensa maioria dos alunos das nossas escolas. O que faz com que esses alunos permaneçam em sala de aula? O que faz com que esses alunos se interessem de verdade pelo que o professor ensina? Relacione suas opiniões, pelo menos três para cada pergunta.
3. No texto, falamos em era do conhecimento e enfatizamos a atuação do homem como um criador. Criatividade é a palavra do momento. Uma palavra importante. Não é só modismo. Você acha que sua aula é criativa, que estimula a criatividade dos seus alunos? Pense nisto! E relacione três providências que, na sua opinião, podem tornar sua aula mais criativa, mais instigante.
4. O que mudou na educação pública nas últimas décadas, particularmente no que diz respeito à qualidade do ensino? Pesquise! Busque identificar pelo menos três mudanças positivas e três mudanças negativas. Discuta e troque opiniões com seus colegas professores.
5. Olhe os alunos de sua sala. Pense no cotidiano deles. Procure, principalmente, conhecer um pouco da trajetória familiar de cada um deles. Como a vida familiar dos alunos repercute no dia-a-dia da escola? Qual é a importância da participação das famílias no processo educativo?

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Tire um dia para um trabalho diferente com os seus alunos. Pode ser difícil, mas não é impossível. Seja criativo e persistente!

Divida sua turma em grupos de, no máximo, seis alunos. Proponha aos grupos de alunos algumas questões para reflexão e sugestões:

- Qual a importância da educação na vida deles?

- A escola e suas aulas têm contribuído para alcançar o que eles acham importante? Por que?

Dê trinta minutos para que cada grupo discuta. Oriente os grupos. Peça que cada grupo apresente o seu consenso.

Cada grupo deverá em seguida apresentar suas conclusões. Incentive o debate entre os alunos.

Por último, posicione-se diante das reflexões e sugestões dos grupos. Qual a sua opinião diante da opinião dos alunos? O que surgiu de interessante para fazer melhorar a escola e suas aulas?

Converse com os alunos. Veja o que é possível fazer para ir avançando nas sugestões. Converse. É conversando que a gente se entende.

• COMO OS ALUNOS ME PERCEBEM?

Tania Zagury, pesquisadora, filósofa e mestre em educação, publicou, em 1996, o livro *O adolescente por ele mesmo*, que apresenta os resultados de uma pesquisa sobre as relações dos adolescentes com a família, a escola, o lazer, a política, a profissão, o sexo, as drogas e a religião.

Foram entrevistados 943 jovens estudantes do primeiro e segundo graus em seis capitais brasileiras, no Distrito Federal e em nove cidades do interior. Os resultados da pesquisa compõem um instigante retrato do pensamento do adolescente brasileiro e um rico guia de orientações para pais e educadores escolares.

Vamos, aqui, focalizar os resultados das opiniões dos adolescentes sobre a escola, e, particularmente, sobre os seus professores.

Respondendo sobre a escola, os adolescentes consideram o que aprendem na escola:

- * Desnecessário e inútil para sua profissão (1,8%)
- * Em sua maioria é pouco importante (8,0%)
- * Tem coisas úteis e igualmente inúteis (54,9%)
- * Tem tudo do que precisa para sua profissão (35,0%)
- * Não responderam (0,3%)

O recado é simples: a escola tem coisas boas, mais ainda dá para melhorar um bocado! Uma pergunta para todos nós: o que de útil e de inútil estamos desenvolvendo nas nossas escolas?

Respondendo sobre os professores que tiveram até hoje, os adolescentes acham:

- * A maioria tinha bom conteúdo e ensinava bem (46,6%)
- * Muitos excelentes e outros tantos ruins (24,9%)
- * Todos sabiam ensinar bem e sabiam a matéria (10,8%)

- * Muitos sabiam a matéria, mas ensinavam mal (14,7%)
- * A maioria explicava mal e não sabia a matéria (2,3%)
- * Não responderam (0,7%).

O recado é bem claro: nem todos os professores são excelentes, mas, mesmos assim, aprovamos, com algumas críticas, o trabalho que a maioria dos professores faz. Uma pergunta para todos nós: o que devemos fazer para melhorar cada vez mais o nosso desempenho?

A menção de parte dos resultados da pesquisa de Tania Zagury é para que possamos conhecer opiniões recolhidas diretamente dos nossos alunos e reafirmar uma percepção bem atual: estamos diante de alunos críticos e exigentes. Cada vez mais!

E como esses alunos nos vêem e nos percebem? A idéia do professor como modelo foi ou não para a lixeira da história da educação? Uma afirmação importante: “Não se ensina apenas aquilo que se sabe nem aquilo que se quer ensinar. Ensina-se aquilo que se é.” O professor não deve ter seu papel limitado a um transmissor de conhecimentos.

Hoje em dia, muitas profissões estão diminuindo drasticamente seus quadros, e ninguém fala isso em relação ao magistério. Para se ter uma idéia, no Brasil, em 1980, existia cerca de 1 milhão de bancários. Em 1990, existiam 540.000 bancários. E, no ano 2000, devemos ter menos de 300.000 bancários. E os bancos estão prestando cada vez mais e melhores serviços à sua clientela. Por que isso ocorreu? Isso ocorreu devido à informatização da rede bancária no Brasil. Será que em relação ao magistério, nós corremos o mesmo risco? Não.

Certa vez, em um congresso sobre tecnologias educacionais, a principal pergunta que se fazia era: Qual o futuro do magistério diante das novas tecnologias? Chegou-se a conclusão que nenhum cenário futuro previa a eliminação da interação professor-aluno.

As novas tecnologias são muito eficazes na transmissão de conhecimentos, mas não são tão competentes quando se trata de transmitir valores, hábitos, atitudes e habilidades básicas diante da vida. Isso só ocorre no convívio cotidiano entre educadores e educandos. Isso responde a pergunta inicial: A idéia do professor como modelo foi ou não para a lixeira da história da educação? A resposta é não. As novas tecnologias, à medida em que sofisticam a transmissão de conhecimentos, acabam

liberando os professores para uma relação mais rica e produtiva com seus alunos. Então, o professor, como educador, deverá ser a pessoa capaz de exercer uma influência construtiva e enriquecedora sobre os seus educandos.

Que implicações a resposta a essa pergunta (se o professor foi ou não abolido) traz para nossa atuação na sala de aula e fora dela? Isso traz para nós um grande desafio. Esse desafio é pensar a educação escolar dividida em três grandes eixos:

- o eixo da docência, através da qual o professor transmitirá seus conhecimentos aos alunos pelo discurso das palavras;
- o eixo das práticas e vivências, da criação de acontecimentos dentro e fora da sala de aula, onde o aluno irá obter um enriquecimento do seu horizonte vital, através do curso concreto dos acontecimentos. Essa é uma das grandes missões do professor: criar acontecimentos estruturantes, através dos quais o aluno, ao passar por eles, sai mais preparado para a vida;
- o eixo da presença, que significa abertura, reciprocidade e compromisso do educador com o educando.

Nós sabemos que a qualidade da educação escolar não passa apenas pela excelência acadêmica de seu professorado, mas também pelos vínculos relacionais, pela qualidade das relações entre educadores e educandos. Como dizia o educador russo Makarenko: “ O exemplo não é a melhor forma de um ser humano exercer uma influência construtiva e duradoura sobre um outro ser humano; é a única forma.”

Os professores e a escola ainda são uma forte referência no desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes. O imprescindível é a nossa persistência em melhorar nosso desempenho e fazer frente aos desafios pedagógicos da atualidade.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como você se sente diante dos seus alunos? Confortável, à vontade, tranquilo? Ou tenso, incomodado, indiferente? Antes de pensar como os alunos o percebem, uma pergunta: como você se percebe como educador?
2. Como você, nos seus tempos de estudante (criança e adolescente), percebia os seus professores? Que importância você atribui a eles no desenrolar da sua vida? Ou não atribui importância alguma?
3. Neste capítulo foi apresentada uma síntese de uma pesquisa com adolescentes: como eles vêm a escola e os professores. Volte ao texto e releia os resultados. Discuta com outros professores esses resultados e que medidas objetivas podem melhorar o desempenho dos professores e a avaliação da escola. Discuta e proponha!
4. Pense na sua sala de aula. Pare um pouco e pense! Na sua opinião, quais os indicadores (os sinais) que servem para formar um quadro capaz de mostrar como os seus alunos o percebem? Separe os sinais/indicadores em dois grupos: positivos e negativos. Veja os positivos como um incentivo e os negativos como um desafio. E, nas duas situações, vá adiante. Aperfeiçoe seu trabalho. Faça-se cada vez mais presente no cotidiano dos alunos.
5. Como um professor pode fazer-se cada vez mais presente no cotidiano dos seus alunos? O que é fazer-se presente? Na sua opinião, do ponto de vista dos alunos, o que significa isto? O que eles esperam de você?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Volte às duas questões da pesquisa apresentadas neste capítulo. Discuta os resultados com os demais professores. Se possível, compre o livro da Tania Zagury e aprofunde-se no assunto.

Uma proposta: faça as duas perguntas ao conjunto de adolescentes da sua escola. Conheça a opinião deles! E, a partir daí, veja o que os professores precisam fazer para melhorar o seu desempenho.

Importante: as perguntas devem ser feitas aos alunos num mesmo dia, simultaneamente, sem que eles precisem se identificar.

• MINHA RELAÇÃO COM OS ALUNOS

Em seu livro *Angústia*, o escritor Graciliano Ramos, tendo como eixo a vida de Luís da Silva, aborda de forma magistral os caminhos e descaminhos da existência humana. Há uma passagem do romance que pode nos ajudar a compreender nossas relações com os alunos.

Luís da Silva, um adolescente de 14 anos, se vê diante da morte do seu pai, um homem rude, com o qual ele não tinha maiores vínculos afetivos. Na confusão do velório, ele fica esquecido num canto, adormece e tem visões atormentadas sobre o futuro: vozes confusas, a fazenda arruinada, relâmpagos cortando o céu, ele esquecido por todos. É ele próprio que nos conta:

Quem me acordou foi Rosenda, que me trazia uma xícara de café.

- Muito obrigado, Rosenda.

E comecei a soluçar com um desgraçado. Desde esse dia tenho recebido muito coice. Também me apareceram alguns sujeitos que me fizeram favores. Mas até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.

- Obrigado, Rosenda.

Iam levando o cadáver de Camilo Peretro da Silva.

Corri para a sala, chorando.

Na verdade, chorava por causa da xícara de café de Rosenda, mas consegui enganar-me e evitei remorsos.

Rosenda, a lavadeira da fazenda, fez-se presente na vida de Luís da Silva com um pequeno gesto. Um gesto, no entanto, carregado de sentido.

Partindo deste exemplo, podemos refletir sobre nós mesmos, fazendo as seguintes indagações: como devo agir para fazer-me presente no cotidiano e na vida dos meus alunos? O que é uma presença significativa? O que devo fazer para estabelecer com meus alunos uma relação de abertura, reciprocidade e compromisso?

Aqui o principal é sabermos distinguir a presença da simples proximidade ou da simples contiguidade. Estar presente não é apenas estar perto. Presença é uma relação que exige abertura, exige sensibilidade em relação à experiência de vida do

outro. Exige também reciprocidade. Trata-se de uma relação de mão dupla: educador e educando. O educador terá sempre a possibilidade de aprender com o educando e este sempre terá a possibilidade de ensinar alguma coisa ao educador. E vice-versa. Outra exigência da presença significativa é o compromisso. A relação educador-educando, queiramos ou não, é uma relação de compromisso, é geradora de responsabilidade. Temos de nos sentir responsáveis pelo outro. Não podemos ter uma atitude de indiferença em relação ao educando.

O professor não pode refugiar-se nas suas obrigações funcionais, cumprir sua rotina, seus horários e ir embora, abrindo mão do seu papel de educador. Não pode ser apenas um conteudista, um transmissor de conhecimentos. O papel do educador, além de transmitir conhecimentos, é exercer uma influência positiva sobre os alunos e prepará-los para vida.

A presença do educador na vida do educando pode iniciar-se com um comércio singelo de “pequenos nada”. De pequenos gestos e palavras: um sorriso, um “bom dia”, um abraço, um incentivo, uma mão estendida com um xícara de café e um pouco de atenção. Uma ponte para o diálogo, para o entendimento, para o trabalho conjunto. Os “pequenos nada” abrem as portas para a reciprocidade e o compromisso.

A capacidade de fazer-se presente, de forma construtiva, na realidade do educando não é – como muitos preferem pensar – um dom, uma característica pessoal intransferível de certos indivíduos, algo de profundo e incomunicável. Ao contrário, esta é uma aptidão possível de ser aprendida, desde que haja, da parte de quem se propõe a aprender, a disposição interior (abertura, sensibilidade, compromisso) para tanto. Efetivamente, a presença não é alguma coisa que possa apreender apenas no nível da pura exterioridade.

Fazer-se presença construtiva na vida de um adolescente ou de uma criança é, pois, a primeira e a mais primordial das tarefas de um educador que aspire assumir um papel realmente emancipador na existência de seus educandos.

Esta, vale salientar, é aptidão que apenas em parte pode ser aprendida de forma conceitual. A presença é uma habilidade que se adquire fundamentalmente pelo exercício do trabalho social e educativo. Entretanto, sem uma base conceitual sólida e articulada, fica muito mais difícil para o educador proceder à leitura, à organização e à apropriação e domínio do seu aprendizado prático. Precisamos de sensibilidade e desenvolvimento constante de nossas capacidades para fazer frente aos desafios da educação no século XXI, para, atentos ao nosso dia-a-dia de educadores, construir pontes para uma presença significativa na vida dos educandos.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Faça um exercício de memória: quando, na sua história, alguém fez-se presente na sua vida? Procure recordar a situação e a pessoa. Que significado você atribui a essa passagem da sua vida?
2. Pense, agora, nos dias de hoje, no seu cotidiano de professor. Quando você se fez presente na vida de um dos seus alunos? Procure recordar a situação e o aluno. Que significado você atribui a essa passagem na vida do aluno?
3. No texto usamos a expressão “pequenos nada’s”. O que isso significa? Veja os exemplos que foram utilizados para ilustrar e clarear o significado desta expressão. Um desafio: relacione outros cinco exemplos de “pequenos nada’s” que estão presentes na sua comunidade educativa.
4. Na sua opinião, qual a importância do exemplo (a atitude concreta do educador) no processo educativo? Você concorda que um exemplo vale mais do que mil palavras?
5. Abertura. Reciprocidade. Compromisso. Que significados você atribui a estas palavras na relação educador-educando? Como fazê-las presentes no processo educativo?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Proponha um exercício aos seus alunos.

Em silêncio, peça que eles se recordem de alguma pessoa que já foi uma presença significativa na vida deles. Dê cinco minutos para que cada um faça sua reflexão e lembre a sua pessoa significativa.

Peça que três alunos – aqueles que se sentirem à vontade – contem para todos o seu exemplo de presença significativa.

Por último, fale da importância da presença no processo educativo. Faça um fechamento da atividade articulando o exercício que o grupo fez com o cotidiano do convívio na escola.

• IDENTIFICANDO, INCORPORANDO E VIVENDO VALORES

Paulo Gaudêncio, um psiquiatra de São Paulo, diz o seguinte: “Nós devemos viver os nossos valores com tanta convicção, com tanta alegria, que os jovens, ao nos ver viver os valores dessa maneira, digam: isso é bom, eu quero isso para minha vida, quero experimentar isso”.

Os valores não são conhecimentos apenas cognitivos. Eles transcendem a cognição. Uma pessoa pode falar o tempo todo de justiça, e mesmo assim ser injusta nos seus atos cotidianos. Os valores não apenas existem, eles valem. Devem ser vividos, experimentados. Outro exemplo: a liberdade, por si só, não existe. O que existe é o ato libertador, atitudes que libertam as pessoas e nos auto-libertam, diante de determinadas circunstâncias.

Todo ato humano conseqüente depende de uma decisão prévia daquele que realiza este ato. E os valores é que irão determinar a atitude das pessoas. Dentro da escola, como iremos educar para valores? Não basta apenas dar uma boa aula expositiva sobre o assunto. Temos que criar oportunidades educativas para que a criança e o adolescente possam vivenciar determinadas situações. O educando, então, irá se distanciar da vivência e identificar os valores que estavam em jogo naquela situação. Assim, ele incorporará conscientemente esses valores no significado que atribui à vida. Atividades que podem ser úteis nesse processo: uma programação esportiva, a leitura de um jornal, uma campanha de voluntariado, uma reflexão sobre o momento atual do país.

Vamos mais fundo nesta questão. Como viver os meus valores de tal maneira que isso me permita exercer uma influência construtiva sobre os educandos? Que práticas e vivências organizar para facilitar a discussão, a identificação e a incorporação de valores no cotidiano das nossas escolas, possibilitando aos educandos a oportunidade de vivenciá-los?

Primeiro, vamos fixar um conceito. O que é valor? Segundo Ítalo Gastaldi, um educador salesiano italiano, “valor é a força capaz de tirar o homem da sua indiferença e provocar nele uma atitude de avaliação, porque contribui de alguma forma para sua realização pessoal”. Os valores colocam o homem diante de si mesmo, diante dos outros e diante do mundo, numa atitude de conhecimento, discernimento, avaliação e ação.

Segundo, qual a relação entre educação e valores? Já dissemos antes: o verdadeiro educador não pode contentar-se em ser apenas um conteudista, um transmissor de conhecimentos. Ele deve exercer uma influência positiva sobre os educandos. Deve ser uma presença preta de significados. O processo educativo é uma conseqüência desta posição. Deve ser estruturado e organizado como uma

alternativa válida e capaz de possibilitar aos educandos condições para identificar, incorporar e vivenciar, através de ações concretas, os valores que lhes permitirão encontrar-se consigo mesmo e com os outros, na dimensão da solidariedade e do serviço desinteressado à causa do bem comum.

Terceiro, por que práticas e vivências? Podemos trabalhar a questão dos valores através do discurso das palavras (docência) ou através do curso dos acontecimentos (práticas e vivências). Tudo isto sempre revestido pelo exemplo, pela presença significativa do educador.

Crianças e adolescentes, geralmente, acreditam e aprendem mais com o curso dos acontecimentos, com as práticas e vivências: práticas educativas estruturadas, orientadas e experimentadas. Daí a opção por este caminho para desenvolvermos a educação para valores.

Vivenciar valores. Precisamos, no processo educativo, criar espaços para que os educandos se experimentem e se encontrem. Oficinas, gincanas, debates, jornais-murais, grupos de poetas, conjuntos musicais, campanhas pela preservação do meio-ambiente, trabalhos de limpeza da escola, serviços comunitários voluntários e muitas outras iniciativas. O fundamental é a criação de novas oportunidades educativas.

O ser humano é um ser de relações: ele existe como pessoa, torna-se pessoa, na medida em que se relaciona consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a dimensão transcendente da vida.

Somos, quotidianamente, convocados para encontros, para a convivência humana. Identificar, incorporar e viver valores é o grande desafio para tornar nossas relações verdadeiramente humanas nos planos interpessoal e social. As práticas e vivências no dia-a-dia das escolas e das comunidades são exercícios que colocam os educandos diante de si mesmo e do mundo. Diante do desafio de valorizar a vida.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Pense na seguinte afirmação do texto: “o que existe é o ato libertador”. No seu cotidiano de educador, quais as suas atividades que podem, diante de certas circunstâncias, ser libertadoras?
2. Procure relacionar três valores que são fundamentais na sua vida, na sua conduta. Agora, uma instigação: como fazer para que esses valores cheguem até os educandos? Como comunicar aos educandos valores que você considera fundamentais?
3. Como tem sido a sua atuação como educador? Centrada exclusivamente na docência ou também envolvida com práticas e vivências? Como, na sua opinião, conciliar docência e práticas e vivências no dia-a-dia da sua escola? Troque idéias e sugestões com outros educadores.
4. O ser humano é um ser de relações, é vocacionado para quatro encontros fundamentais na vida: o encontro consigo mesmo, o encontro com o outro, o encontro com a natureza e o encontro com a dimensão transcendente da vida. Procure pensar e programar quatro práticas (dinâmicas) que possibilitem aos educandos vivenciar cada um destes encontros.
5. Faça uma pesquisa junto aos seus colegas educadores. O que é valor? Colha a opinião deles. Eles acham importante “repassar” valores para os educandos? Veja o que eles pensam. E como deve ser feito esse “repasso” de valores? Procure entender a proposta prática deles para esse desafio.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Procure identificar na sua comunidade três cidadãos comuns que são considerados exemplos. Bons exemplos. Um bom pai ou uma boa mãe de família. Um bom vizinho. Um bom médico. Um motorista cuidadoso. Pesquise. Descubra pessoas de valor na sua comunidade. Leve as três pessoas selecionadas para conversar com seus alunos. Peça que cada uma delas conte o que faz e como faz.

Discuta depois com seus alunos: o que faz essas pessoas serem reconhecidas e valorizadas pela comunidade?

COMO LIDAR COM DISCIPLINA E LIMITES?

A relação educador-educando vem sendo povoada por mitos. Vamos, rapidamente, abordá-los com realismo pedagógico. Vamos lançar luzes sobre esses mitos e procurar compreendê-los para superá-los.

a) O Mito da Não-Conflitividade

O primeiro mito que vamos abordar é aquele que proclama a total falta de conflitos na relação educador-educando. A dimensão conflitiva da relação pedagógica é totalmente desconsiderada.

Não aceitamos isso. Os momentos de conflitividade na relação educador-educando existem e são fundamentais no processo educativo. Precisamos ser competentes para entender e gerir os aspectos conflitivos da relação, sendo capazes de superá-los num clima de aceitação e entendimento. O que não podemos é fingir que o conflito não existe e fugir dele, varrendo-o para debaixo do tapete em nome de uma “camaradagem” ingênua e inconseqüente na relação com nossos alunos.

Com freqüência, o preço que se paga em concessões e ausência de limites faz com que o educador, enveredando pelos caminhos da não-diretividade, deixe de exercer sobre o educando qualquer influência construtiva, abrindo mão de construir sua presença educativa e refugiando-se no “faz-de-conta” do jogo da harmonia a qualquer preço, um mito ainda perseguido por muitos educadores equivocados.

b) O Mito da Horizontalidade

A relação “de igual para igual” entre educador e educando é outro mito que precisamos enfrentar.

Não podemos negar aquilo que de verticalidade, de hierarquia, para falar claramente, existe na relação educador-educando. Trata-se de fato de uma relação de poder. O desafio está em fazer desse poder não um poder-dominação, mas sim um poder-serviço. O educador precisa saber usar o seu poder a serviço da educação, do processo educativo, do crescimento do educando. Isso é possível?

O ponto de partida para responder a essa questão é o reconhecimento de que, no plano hierárquico da relação, a posição do educador se situa num nível superior à do educando, mas, do ponto de vista humano, pedagógico e social, é na pessoa do educando que residem a raiz do sentido e o suporte da significação de todo o processo educativo.

O ponto de vista e o compromisso básico do educador deve ser com os interesses pessoais e sociais concretos do educando. É no interior dessa maneira de

entender e agir que surge e se consolida o poder-serviço. O processo educativo e o educador a serviço do desenvolvimento pessoal e social do educando.

c) O Mito da Naturalidade

A manifestação mais clara do mito da naturalidade no processo educativo é o espontaneísmo. Nessa modalidade de educação, sustentam alguns, nada pode ser planejado. O educador deve estar permanentemente aberto e disponível à dinâmica natural dos fatos e, mais ainda, deve estar despido de seus valores.

Estamos aí diante de um grave equívoco. O espontaneísmo, mesmo escorado em intenções generosas, acaba por levar educadores e educandos a vivências nas quais a intensidade dos processos não guarda nenhuma correspondência com a magnitude e a significação dos resultados. Processo intensos são vivenciados, mas, por falta de planejamento, os resultados escorrem por entre os dedos de educadores e educandos.

A educação, devemos insistir neste ponto, resulta de uma opção consciente, de uma escolha deliberada. Tudo isto traduzido numa ação educativa planejada.

O desenvolvimento da ação educativa, em maior ou menor grau, é sempre previsto, planejado, prefigurado na mente e na expectativa do educador e do educando. O ideal é que os dois, conjuntamente, participem do planejamento e da gestão do processo.

d) O Mito da Suavidade

Outro mito acalentado por muitos educadores é o da suavidade do processo educativo. Isso é outra ilusão pedagógica vendida, principalmente, aos jovens educadores.

A educação não é sempre um campo florido. Ao contrário, muitas vezes, é um processo árduo, pesado, doloroso e difícil.

Tomar decisões difíceis, sustentar medidas desgastantes, impor limites, cobrar compromissos, assumir riscos e enfrentar os dissabores da crítica e da autocrítica são alguns componentes do que chamamos de asperezas do processo educativo. Sem o entendimento dessa dureza e dessas dificuldades, teremos uma relação educador-educando marcada por um “faz-de-conta pedagógico”, por mais uma ilusão nas nossas vidas, por mais um equívoco a turvar e dificultar nosso verdadeiro encontro com os educandos.

e) Disciplina e Regime

Por último, para espantar definitivamente todos os mitos descritos acima, vamos falar de dois pontos: disciplina e regime.

Nós costumamos dar notas de disciplina para os alunos. Este é um comportamento inadequado. A disciplina pode ser definida como aquilo que fica em nós depois que saímos de determinado regime disciplinar, é aquilo que fica incorporado em nosso universo valórico. É aquilo que passa a ter peso na hora em que nós vamos tomar nossas decisões na vida. Essa visão da disciplina é distinta daquela que predomina no regime escolar. O regime disciplinar é uma coisa que pertence ao educador, mas a disciplina é propriedade exclusiva do educando.

Como enfrentar, então, a questão dos limites? Makarenko costumava dizer que a exigência é um sinal de respeito do educador com o educando. Mas ele afirmou também que nunca devemos colocar a exigência antes da compreensão, ou seja, devemos compreender para fazer aquela exigência possível de ser feita. Uma medida importante para as escolas seria a adoção de um regimento escolar, que estaria acima dos educandos, dos educadores e da própria direção da escola. Ele é a Constituição da escola. Ele traz as regras do estado de direito para dentro da escola.

Devemos, portanto, discutir o regimento da escola com os educandos, para que todos possam aceitá-lo e cumpri-lo. Quando não aceito e não cumprido, o adolescente deve saber porque está sendo punido. Todas as relações humanas são regidas por normas e limites, e com o adolescente não deve ser diferente. Os educadores devem ser firmes no estabelecimento de limites e na punição daqueles que os rompem. Nós, educadores, devemos saber que isso faz parte dos nossos instrumentos de trabalho.

Diretividade. Condução democrática do processo educativo. Imposição de limites claros. Construção de consensos. Aplicação do regimento. Temos que enfrentar todos estes desafios, que devem ser equacionados em estreita sintonia com as normas contidas na LDB e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Certamente, você já se viu diante de situações conflitivas – algumas agudas – na sua relação com os educandos. Como você agiu? Sua ação foi no sentido de estabelecer limites claros para o educando? Ou você preferiu “apagar” o conflito com uma boa dose de camaradagem?
2. Na sua opinião, o que diferencia duas noções importantes apresentadas no texto: poder-dominância e poder-serviço? Como, no dia-a-dia, o educador deve usar o seu poder (autoridade, conhecimento, iniciativa, experiência) a serviço do desenvolvimento pessoal e social do educando?
3. Como você planeja suas aulas? Além de selecionar matérias, preparar sua apresentação, dimensionar o seu tempo, o que mais você inclui no seu planejamento? Você planeja atividades interativas com os educandos? Por uma semana, procure criar todos os dias uma atividade estruturada com os educandos, com a efetiva participação deles no processo.
4. Falamos de asperezas do processo educativo. Com base na sua experiência, identifique cinco asperezas que marcam sua vida de educador, principalmente nas relações educador-educando, educador-educador e educador-família do educando. Procure saídas para a superação das asperezas que você identificou.
5. Punição. Como você se posiciona diante da punição aos educandos? Como deve ser definida e aplicada uma punição? Que sentido deve ter a punição?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Sua escola tem um regimento, uma Constituição? Se não tem, é preciso ter. Se já tem, é preciso ser avaliado periodicamente.

Discuta essas necessidades com os demais educadores.

Proponha a criação ou a avaliação do regimento da sua escola. Envolve toda a comunidade escolar (educadores, educandos, funcionários e até os pais dos educandos) nessa discussão.

O imprescindível é planejar bem o processo e cuidar bem da participação de todos os envolvidos. O assunto é delicado e difícil. Vá com calma, mas vá em frente.

Se necessário, busque apoio e sugestões junto à Secretaria de Educação e às outras escolas que já viveram experiências semelhantes.

• ESCOLA, LUGAR DE APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO

Nós, educadores, estamos a serviço do crescimento pessoal e social dos educandos.

Nós, educadores, devemos exercer o nosso poder-serviço com clareza, objetividade, numa perspectiva democrática. Devemos criar espaços para o desenvolvimento do processo educativo.

Nós, educadores, em conjunto com os educandos, devemos planejar as ações educativas. Planejar e gerir a criação de acontecimentos que favoreçam o processo educativo e o desenvolvimento pessoal e social dos educandos.

Quando enfatizamos o papel do educador como criador de acontecimentos, estamos admitindo o poder da iniciativa, da criatividade, da capacidade de inventar caminhos, de descobrir saídas, de forjar instrumentos de trabalho.

A educação é uma oficina em que educador e educando trabalham uma relação capaz de resultar em instrumentos que possibilitem ao educando, nos planos pessoal e social, exercitar sua iniciativa, sua liberdade e sua capacidade de comprometer-se consigo mesmo e com os outros.

Reafirmamos algumas concepções básicas sobre educação. Vamos, agora, aprofundar um pouco mais nossa visão sobre a organização da comunidade educativa. Três pilares são importantes para o entendimento e a organização da escola como lugar de aprendizagem e crescimento: o eixo da docência, o eixo das práticas e vivências e o eixo da assistência – presença.

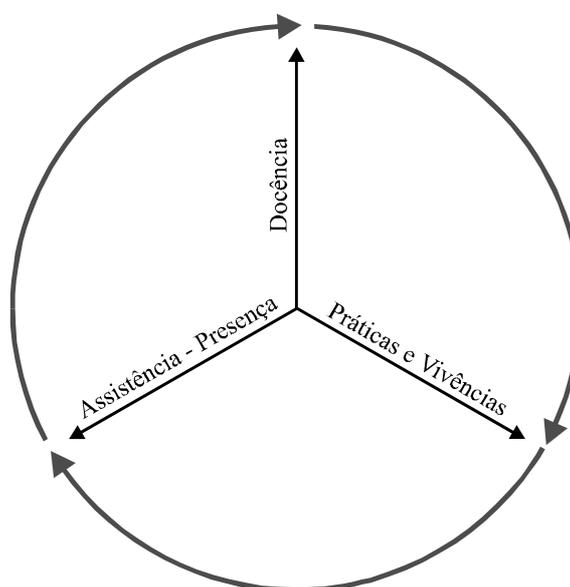
O eixo da docência é o mais visível na prática educativa. Normalmente, os professores são preparados quase exclusivamente para a docência, para a condução do processo de transmissão de conhecimentos apenas pelo discurso das palavras. Os professores “contam” para os alunos aquilo que aprenderam, aquilo que está nos manuais. São narradores de acontecimentos.

O eixo das práticas e vivências, que não pode ser reduzido às chamadas atividades extra-classe, sempre esporádicas e sem uma estruturação conseqüente, é o terreno essencial da educação pelo curso dos acontecimentos. Através de ações concretas, os educandos devem ser colocados diante de situações que oportunizem a identificação, a incorporação e a vivência de valores que lhes permitam encontrar-se consigo e com os outros de forma solidária e conseqüente.

O eixo da assistência-presença é o terreno de um comércio singelo de “pequenos nadas”, o terreno do verdadeiro encontro solidário entre educador e educando, que vai se estruturando a partir de um “bom dia”, de um sorriso, de um olhar compreensivo, de uma

palavra de incentivo. Fazer-se presente na vida de um educando é a mais primordial das tarefas de um educador que aspire assumir um papel realmente emancipador na condução do processo educativo. Para tanto, o educador precisa estar preparado para enfrentar três desafios: abertura para o outro, sensibilidade para compreender as razões do outro e o compromisso com o outro.

Um ponto importante precisa ser fixado: a ação educativa de qualidade não está assentada apenas em um destes três eixos. Eles são interdependentes. E a ação educativa de quem se pretenda um verdadeiro educador deve articulá-los, integrá-los. O esquema reproduzido a seguir busca tornar clara essa interdependência.



Esta maneira de entender e agir implica na adoção por parte do educador de uma estrita disciplina de contenção e despojamento que corresponde, no plano conceitual, a uma dialética proximidade-distanciamento.

Pela proximidade, o educador acerca-se ao máximo do educando, procurando identificar-se com a sua problemática, de forma calorosa, empática e qualitativa, buscando uma relação de qualidade, de compromisso.

Pelo distanciamento, o educador afasta-se, no plano da crítica, buscando, a partir do ponto de vista da totalidade do processo, perceber o modo como seus atos se encadeiam na concatenação dos acontecimentos que configuram o desenrolar da ação educativa.

Esta é uma postura que exige de quem educa uma clara noção de processo e uma ágil inteligência do instante, implicando a necessidade de combinar, de forma sensata, uma boa dose de senso prático com uma apreciável veia teórica.

Este é o desafio do educador, daquele que deseja ser um criador de acontecimentos, um condutor do processo educativo, um eterno aprendiz e um incansável mestre.

PONTOS PARA REFLEXÃO

1. Pense na sua escola, na sua sala de aula. A organização do ambiente escolar é propícia à aprendizagem e ao crescimento pessoal e social dos educadores? O que pode ser feito para melhorar? Discuta com os outros educadores.
2. Como você define criatividade? Procure discutir e pesquisar um pouco mais sobre esta palavra: afinal, o que é ser criativo? E como agir para ser criativo no processo educativo?
3. Na sua aula, há espaços para o diálogo com os educandos? Ou você fala e eles escutam? Como criar e/ou aperfeiçoar os espaços de diálogo na sala de aula, como implementar o uso de exposições dialogadas no seu trabalho de educador?
4. O que é ter compromisso? Compromisso com horário. Compromisso com um serviço. Compromisso com uma causa. Procure conhecer o significado da palavra compromisso. Vá ao dicionário! Converse com as pessoas. Afinal, o que é ter compromisso com seus alunos?
5. De forma pensada e planejada, procure exercitar a relação proximidade-distanciamento no seu cotidiano de educador. Programe-se: aproxime-se dos educandos, fique atento e procure interagir com eles. No final da aula, vá para casa e pare um pouco para pensar. Procure anotar todas as suas observações do dia. Exercite sua capacidade de analisar o processo educativo.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

A proposta é trabalhar dois eixos, duas questões:

- O que, na opinião dos educandos, é fundamental para o crescimento pessoal e social deles?
- Como, também na opinião dos educandos, a escola e os professores têm contribuído para alcançar aquilo que eles consideram fundamental?

Faça grupos de trabalho, com, no máximo, cinco educandos. Dê uma semana para que os grupos pesquisem, discutam e organizem a apresentação dos resultados.

Sintetize tudo o que foi apresentado. Faça um pequeno documento e inicie um processo de discussão com os demais educadores. Como agir diante das percepções e demandas dos educandos?

• OS OSSOS DO OFÍCIO

Já falamos antes dos mitos que insistem em obscurecer o melhor entendimento do processo educativo e em travancar o trabalho do educador como um criador de acontecimentos estruturantes.

O mito da não-conflitividade. O mito da horizontalidade. O mito da naturalidade. O mito da suavidade. Enfrentar estes mitos faz parte daquilo que podemos chamar de ossos do ofício de educador.

Para enfrentá-los, no entanto, um outro osso duro de roer deve ser destacado: o educador precisa ser exigente. E isto não é uma tarefa nada fácil no dia-a-dia, anos a fio.

A exigência, antes de mais nada, é um sinal de respeito do educador pelo educando. Em cada momento, é imprescindível essa clareza, devemos fazer a exigência cabível, a exigência possível de ser feita.

Ser exigente não é ser ranzinza. Não é ser autoritário. É um trabalho que exige firmeza e discernimento. É um trabalho que, muitas vezes, quando desprovido de conteúdo e de sentido, acaba desaguando em graves equívocos. É preciso muito preparo para ser exigente, para fazer exigências cabíveis e possíveis, numa atitude que nos leve ao encontro dos educandos.

Quando dirigi a Escola FEBEM “Barão de Camargos”, em Ouro Preto, Minas Gerais, observei junto com os demais educadores, uma situação que ilustra bem o dilema da exigência no processo educativo.

Para subsidiar o nosso planejamento anual, elaboramos um questionário minucioso de avaliação para as meninas responderem. Entre as muitas perguntas, uma dizia respeito diretamente ao trabalho dos educadores. Perguntamos às educandas quais os educadores que mais contribuíram para o seu crescimento, a sua educação, a melhoria da sua vida presente e do seu futuro. Cada menina poderia citar três nomes.

Para surpresa nossa – não pensávamos que as meninas iriam tão fundo em sua avaliação –, elas não indicaram os “bonzinhos”, os que faziam esforço constante para ser “populares” e queridos entre as educandas. Conferidos os resultados, os mais citados nas respostas eram, justamente, os três educadores mais exigentes, mais francos, mais dedicados, mais firmes e mais solidários com as educandas nos momentos difíceis. Eram os três educadores que, numa conversa da equipe técnica durante a elaboração dos questionários, havíamos considerado, do nosso ponto de vista, os melhores.

Essa coincidência de visão apontava claramente para um fato: as meninas também diziam *não* às facilidades preguiçosas dos educadores que, julgando-se liberais, eram apenas omissos.

Vamos, na seqüência desta história, reafirmar nossa convicção no realismo pedagógico diante dos mitos que turvam e inviabilizam o processo educativo:

1) Devemos aceitar e assumir a conflitividade na relação pedagógica. Não podemos abrir mão da responsabilidade de fixar limites e assumir os ônus de tal postura. No final, a verdade das coisas estará ao nosso lado;

2) Devemos compreender e não negar a verticalidade da relação educador-educando. Não podemos abandonar o diálogo, a busca de um convívio democrático, mas também não podemos deixar de exercer o nosso poder, o poder-serviço, que deve estar em compasso com os interesses do educando na sua caminhada rumo ao desenvolvimento pessoal e social.

3) Devemos assumir o planejamento minucioso das ações educativas. Não podemos entrar numa sala de aula como se fôssemos uma folha em branco, sem qualquer conteúdo, e deixar que a escrita do processo educativo flua naturalmente. Somos criadores de acontecimentos planejados, articulados. E temos a obrigação de incluir o educando no trabalho de planejamento, execução, avaliação e apropriação dos resultados das ações.

4) Devemos assumir e saber lidar de forma clara e objetiva com as asperezas do processo educativo. Tomar decisões, impor limites, enfrentar críticas e incompreensões são momentos cruciais do trabalho do educador. Estar preparado para isso é melhor do que viver iludido e ser colhido bruscamente pela crueza dos fatos.

Ossos do ofício, asperezas do ofício ou riscos do ofício. O objetivo desta nossa conversa foi convidá-lo para uma atuação pró-ativa no processo educativo. Uma atuação pautada pela clareza pedagógica e pela firmeza gerencial.

O educador não pode deixar-se levar pelo processo educativo como um cão sem vida deixa-se arrastar pela correnteza. Os ossos do ofício serão cada vez menos duros quanto mais o educador assumir suas responsabilidades com nitidez e firmeza.

PONTOS PARA REFLEXÃO

1. Atuação reativa. Atuação pró-ativa. Qual o significado de cada uma destas expressões? Quais as principais diferenças entre uma e outra? Pesquise, discuta com seus colegas educadores.
2. Na sua opinião, no seu dia-a-dia com os educandos, o que é uma exigência possível e cabível de ser feita? Liste cinco exemplos.
3. Na sua experiência como educador, quando foi que você fez ou deparou-se com exigências descabidas feitas aos educandos? Liste cinco exemplos.
4. Como é sua relação com os pais dos seus alunos? Você investe nesta relação ou considera isso secundário? Como os pais dos alunos percebem o seu grau de exigência como educador? Procure conhecer essa avaliação do seu trabalho.
5. Como ser diretivo- assumir sua responsabilidade na condução do processo educativo- sem ser autoritário, sem tolher a iniciativa e a criatividade dos educandos? Relacione cinco atitudes que facilitam o enfrentamento desse desafio.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Faça um exercício com os educandos. Explique-lhes o significado da expressão “ossos do ofício” e peça que eles, colocando-se no seu lugar, discutam em grupos e relacionem os principais “ossos do ofício” de educador .

Faça você o mesmo em relação a eles. Quais os principais “ossos do ofício” de educando? Apresentem e discutam suas opiniões. Vá criando pontes de compreensão e entendimento!

• EDUCAR É CRIAR ESPAÇOS

Criar espaços é, basicamente, criar oportunidades de participação efetiva do educando no processo educativo. É criar oportunidades para um encontro genuíno entre educador e educando, na construção de caminhos para o desenvolvimento pessoal e social de ambos.

Para que o trabalho educativo de criar espaços seja bem compreendido, bem aceito e bem experimentado, vamos refletir sobre três pontos essenciais:

1) O educador como líder

O que é o educador como líder? Temos três alternativas para a ação educativa: a não-diretividade (pressupostos de uma pedagogia liberal, baseada na noção de liberdade como não-restrição). Nós não concordamos com a idéia de liberdade como ausência de restrições. Nossa idéia de liberdade envolve participação no ato criador das normas.

A outra alternativa é a diretiva: ela leva o educador a capacitar-se para dirigir o comportamento do educando, coordenando e articulando as variáveis que influenciam esse comportamento. Enquanto a postura não-diretiva subestimava o papel do educador, a postura diretiva superestima o papel do educador e subestima o papel do educando. Nós também não concordamos com essa postura.

O que defendemos, então? Uma diretividade democrática. Uma diretividade onde o educador é o pólo direcionador da ação, dando ao educando a oportunidade de manifestar-se, de influenciar no curso dos acontecimentos, de ser ouvido, de participar na formulação dos objetivos.

2) O educador como organizador

O educador dispõe, no seu trabalho, de espaço, tempo, tem como interlocutores e parceiros da ação os educandos e dispõe de objetivos a serem perseguidos e guias para a consecução desses objetivos, que são os métodos. O educador é basicamente um organizador: do tempo, do espaço, das pessoas e dos recursos de aprendizagem-ensino. O modo como o educador organiza tudo isso não é para nós indiferente. Quando o organizador escolhe esse ou aquele método de trabalho, ele não está fazendo apenas a escolha de um método de atuação; ele está fazendo uma escolha de si mesmo, enquanto educador, ser humano e cidadão, ou seja, essa escolha é política, ética.

O trabalho do educador é essencialmente ético. A competência técnica do educador como organizador dos conteúdos, do tempo, do espaço, das pessoas e dos

métodos e recursos pedagógicos é uma atividade ética, representa um grande desempenho humano capaz de exercer influência sobre o curso de uma vida, ainda em seu começo. E essa é uma grande responsabilidade, da qual não devemos nos afastar.

3) O educador como criador de acontecimentos

Cada vez mais, a atividade do professor não pode ficar restrita à docência. A atividade do professor deve extrapolar a aula. A Conferência de Jomtien nos deixou um grande desafio: ampliar os meios e o raio de ação da educação básica, ou seja, a aula não é mais considerada como o único meio de se propiciar a educação básica. Ampliar o raio de ação significa extrapolar o ambiente da sala de aula como espaço de educação. Temos, portanto, que criar acontecimentos. Isso já foi explicado quando falamos das práticas e vivências na organização do trabalho e do cotidiano escolar.

Para que o educador possa realmente ser um estruturador do processo educativo, vamos abordar aqui três níveis de organização desse processo:

- * A organização das bases materiais;
- * A organização das relações;
- * A organização da representação do processo nas consciências do educador e do educando.

a) A organização das bases materiais do processo

O espaço físico, as edificações e os materiais utilizados no processo educativo são a “intenção materializada” da vontade que preside o curso dos acontecimentos num determinado espaço pedagógico.

A utilização criteriosa e plena da base física e material do processo educativo é o primeiro passo de quem pretenda realizar um trabalho educativo articulado e conseqüente junto a crianças e adolescentes.

Não se trata aqui de mera “arrumação da casa”. A organização de toda a infraestrutura do processo educativo exige do educador um entendimento maduro da base material e da concepção educativa que preside sua organização. É uma apropriação pedagógica dos espaços e dos utensílios existentes numa comunidade educativa.

b) A organização das relações no interior do processo

A organização de pessoas, tempo, espaços e materiais para produzir acontecimentos capazes de encaminhar o processo educativo numa determinada direção é o que chamamos de gramática de vida. A gramática de vida é, a um só tempo, o contexto e o fio condutor da relação educador-educando.

A criação de espaços de participação, a alavancagem de processos que coesionam a comunidade educativa em torno de objetivos e metas de caráter coletivo, as formas de auto e de co-gestão, a definição do regimento da escola, a divisão do trabalho, as comunidades, a estruturação dos eventos cívicos, religiosos, esportivos, artísticos e culturais, a definição do conjunto de oportunidades educativas, a busca e a criação de opções para o uso do tempo livre, tudo isso são formas que, a cada momento, o esforço de organização da comunidade educativa vai assumindo.

É por essa via que o egoísmo, a dispersão anárquica, a exploração dos grandes, dos fortes e dos espertos sobre os pequenos, fracos e ingênuos vai sendo superada. O educador começa a ultrapassar os particularismos de seu interesse individual e postura personalista, para integrar-se num educador coletivo subjetiva e objetivamente estruturado para empreender a ação educativa. Os educandos, por sua vez, crescem e complexificam (enriquecem) sua personalidade e sua visão de mundo pela vivência de valores como a solidariedade, a partilha, a criatividade, a crítica, a autocrítica, a educação pelo trabalho e o lazer sadio e construtivo, a exigência, a disciplina e a liberdade vivida como a resultante plena de todos os demais valores.

c) A organização da representação do processo educativo nas consciências do educador e do educando

Poderíamos chamar esta seção simplesmente de “O encontro das consciências”. Aqui vamos tratar da dialética das palavras e pensamentos, como nas duas seções anteriores já tratamos, da dialética dos materiais e da dialética dos processos organizativos.

Nesse terreno, nosso primeiro cuidado é não segmentar o educando da sua circunstância. É buscar no seu contexto pessoal, interpessoal e social, no sentido mais amplo, os temas capazes de evocar o conteúdo das suas vivências e experiências para que, com base nelas, ele seja capaz de construir a representação de si mesmo e do mundo que vai orientar sua caminhada e guiar suas escolhas.

Para assumir seu papel nesse processo, o educador há de exercitar-se no que chamamos de dialética proximidade-distanciamento. Pela proximidade, procurar vivenciar, o mais de perto possível, as circunstâncias pessoais e sociais de seus educandos; pelo distanciamento, afastar-se no plano do pensamento crítico e autocrítico, para perceber “como os seus atos se inscrevem na concatenação dos

acontecimentos”. Essa postura exigirá sempre uma estrita disciplina de contestação e despojamento.

Consideramos o diálogo, mais do que uma condição, um produto do processo educativo. É o momento mais alto da relação educador-educando, o momento em que essa relação assume, em grau mais elevado, o caráter de uma relação propriamente humana.

Líder, organizador, criador. As responsabilidades do educador são imensas e complexas. É preciso atenção, dedicação e um constante imiscuir-se no processo educativo: na sala de aula e fora dela. Enfrentar tamanho desafio, de forma planejada e democrática, é o caminho de todos que querem ser reconhecidos como verdadeiros educadores.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Qual o significado da palavra protagonista? Consulte o dicionário! Procure conhecer e estudar o chamado Protagonismo Juvenil. Como você pode contribuir para a participação dos educandos no processo educativo?
2. A educação extrapola os limites da sala de aula. Na sua opinião, quais são os outros espaços privilegiados onde se desenvolve o processo educativo, o crescimento pessoal e social dos educandos?
3. Educadores escolares. Educadores familiares. Educadores comunitários. Procure identificar bem esses educadores. Qual o espaço de atuação de cada um deles e como eles podem se articular tendo em vista o sucesso dos educandos?
4. É costume dizer que as crianças e os adolescentes, na sua maioria, têm uma enorme reserva de tempo livre. Pense nisso! Como criar oportunidades e acontecimentos para um melhor aproveitamento dessa reserva de tempo livre?
5. Criar espaços não é permitir que os educandos fiquem “espaçosos” no sentido mais popular e jocoso desta palavra. Como abrir caminhos para a construção e consolidação de novos espaços de aprendizagem, sem perder a condução do processo, sem perder o fio da meada e a noção de limite?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Crie um espaço novo de trabalho educativo na sua escola. Crie um espaço bem concreto. Criem! Envolve os educandos em todas as fases do projeto.

Primeiro, pesquise. O que sua escola ainda não tem e melhoraria seu cotidiano se tivesse? Um jornal-mural? Um campeonato esportivo? Um concurso de poesias? De músicas? Um mutirão para limpeza dos seus espaços?

Depois, organize os voluntários para a implementação do projeto escolhido. Planeje bem a ação: o que fazer, como fazer, com que recursos, em que prazo, com que objetivos?

E mãos à obra! É assim que novos espaços vão sendo construídos!

Capítulo 4 - COM QUEM MAIS EU ME RELACIONO?

- Um dente a mais na engrenagem?
- O poder na comunidade educativa
- Educadores familiares e educadores escolares
- A relação escola-programas sociais da comunidade
- Fazendo a democracia funcionar na escola
- O walkman da educação
- O exterminador do futuro
- Ser educador

- **UM DENTE A MAIS NA ENGRENAGEM?**

Darcy Ribeiro, com o seu olhar arguto de antropólogo, identifica na tradição histórica do Ocidente as duas grandes vias de universalização da educação básica: (i) a via comunitária, de origem germânica, anglo-saxã e protestante, de um lado, e, do outro, (ii) a via cívico-revolucionário-estatal, cujas origens remontam à Revolução Francesa e aos métodos napoleônicos de governo.

Consta que Martinho Lutero, o pai da Reforma Protestante na Europa, antes de entrar em colisão definitiva e irreversível com o Papa, ainda como monge agostiniano, traduziu ao Bíblia do latim para o alemão. Assim, quando a Igreja Luterana se separou de Roma, ela adotou a Bíblia em língua nacional. Ocorre que, neste momento Gutemberg estava acabando de inventar a imprensa e isto permitiu uma enorme difusão do texto bíblico entre os membros da Igreja Reformada.

O que tudo isto tem a ver com a escola? Tem tudo a ver. Lutero retoma a tradição do Velho Testamento segundo a qual rezar, acima de tudo, é ler diretamente a Palavra de Deus nas escrituras sagradas. Então, para que pudessem rezar, os membros da Igreja Protestante deveriam aprender a ler, deveriam ingressar na cultura letrada, deveriam se alfabetizar. E, para fazer isso, foram criadas as escolas dominicais, onde os clérigos da Igreja Reformada e demais pessoas letradas ensinavam a ler àqueles que não o sabiam. E isto, como o próprio nome indica, ocorria nos domingos.

Quanto às crianças, elas passaram a ser educadas durante a semana, primeiramente, nas próprias Igrejas e, posteriormente, em escolas criadas especialmente para elas. Essas escolas passaram a ser mantidas pela comunidade, usando o mesmo esquema de manutenção das Igrejas: a contribuição das famílias.

Essa opção fez com que se os países de tradição protestante resolvessem o problema do analfabetismo, por exemplo, muito antes dos demais. A Alemanha, com Lutero, no século XVI já tinha uma solução encaminhada para o problema da educação básica. O mesmo ocorreu em outros países reformados da Europa e também nos Estados Unidos da América.

A rede de escolas mantidas pela comunidade, ministrando educação básica às crianças e adolescentes, gerou uma educação controlada por conselhos locais, que, por sua vez, representavam os pais dos alunos. Dentro desta maneira de organizar a educação, os vínculos entre escola, família e comunidade sempre foram estreitos e fundamentais.

A outra maneira de universalizar o ensino básico foi a via cívico-revolucionária, que teve origem na Revolução Francesa e atingiu sua realização mais

plena no sistema educacional montado por Napoleão. Este sistema era regulado por uma legislação nacional e estruturado a partir do governo central sob a liderança do Ministério da Educação.

A idéia inspiradora foi a de fazer da escola uma “fábrica” de cidadãos. Uma escola pública, universal, laica, gratuita e obrigatória, isto é, como base de um sistema de ensino centralizado, piramidal, isonômico, burocrático e impessoal. O inspetor de ensino foi uma peça-chave para assegurar o funcionamento sincronizado desta imensa máquina educacional. Dizem que o ministro da educação de Napoleão tirava o relógio do bolso e dizia: “Agora são nove horas da manhã. Todos os alunos da quarta série devem estar com o livro de história aberto na página tal”. Como se pode ver era centralismo para ninguém botar defeito.

Países que fizeram grandes revoluções liberais ou socialistas seguiram por este caminho. Um caminho de forte natureza estatal e não comunitária, como no modelo anterior. A pergunta que nos cabe fazer agora é a seguinte: e o Brasil?

O Brasil adotou formalmente o modelo napoleônico, procurando criar uma legislação nacional e, com base nela, um sistema de ensino. Só que este sistema, ao longo de toda nossa evolução histórica, jamais se mostrou capaz de prover educação para o conjunto da população infanto-juvenil.

A verdade é que, decorridos 500 anos de nossa evolução histórica, ainda não fomos capazes de colocar todas as nossas crianças na escola e de assegurar-lhes uma educação de qualidade. Nas últimas décadas avançamos muito no plano quantitativo. No que diz respeito à qualidade da educação, porém, só agora o país começa a despertar realmente para o problema. Nosso modelo de educação sistêmica nunca foi implementado com a radicalidade e a seriedade que a idéia de uma educação pública, universal, obrigatória e gratuita necessita e requer para sair do papel para a realidade.

Hoje, estamos empenhados na criação de um modelo que procura conciliar a idéia de educação sistêmica com o espírito participativo da tradição anglo-saxã protestante. A descentralização, a desconcentração, a participação de todos os agentes da comunidade educativa na gestão colegiada, somadas às idéias de autonomia administrativa, pedagógica e financeira das unidades escolares criam, na base do sistema, um clima que procura introduzir uma dimensão sócio-comunitária em nossa tradição de centralismo e burocracia.

Esta parece ser a tendência histórica da educação brasileira. Uma tendência que surge nos anos noventa deste século e que deverá estender-se, ampliar-se e aprofundar-se no século XXI. No interior desta nova tendência os papéis da escola, do diretor, do professor, do aluno, da família e da comunidade deverão mudar profundamente.

Voltemos ao professor, para responder à pergunta que dá título a este capítulo: deverá o professor tornar-se um dente a mais na engrenagem fria, distante e impessoal do sistema? A resposta é não. O professor, como em nenhuma época anterior, deverá ser o elemento essencial e decisivo do equilíbrio da escola. A lógica industrialista, que, por tantos anos influenciou a estrutura e o funcionamento do sistema educativo, está com os dias contados.

Cada vez mais precisaremos de um educador capaz de empreender com entusiasmo e dedicação a ação educativa. Cada vez mais a saúde da educação nacional dependerá da iniciativa e da criatividade da base escolar. A máquina, diz Peter Senge em seu extraordinário livro *A Dança das Mudanças*, deixou de ser modelo das organizações de aprendizagem. A nova metáfora deverá ser a do jardim e do jardineiro, ou seja, um modelo de relações marcadas pelo cuidado, pelo apreço, pela dedicação e o desvelo para com a vida de todos e de cada um.

O professor não será um elo a mais na concatenação dos acontecimentos nas engrenagens frias e impessoais de um sistema. Ele será, ao contrário, chamado cada vez mais a atuar como um educador, ou seja, como alguém comprometido, criativo e motivado com a causa que abraçou ao optar profissionalmente pelo magistério.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Sua escola está mais para o modelo do centralismo burocrático ou para o modelo comunitário?
2. O que você acha da idéia de Peter Senge de substituir a idéia de máquina pela de jardim, quando se fala em organizações de aprendizagem?
3. Você acredita que há uma tendência de um gradual avanço no sentido de dotar as escolas públicas de maior autonomia administrativa, financeira e pedagógica? Justifique sua resposta.
4. Descentralização, mobilização, participação nas decisões da escola. Para você, como essas coisas mexem com o trabalho do professor? Dê pelo menos dois exemplos para ilustrar sua resposta.
5. Você já ouviu falar em era do conhecimento e em organização de aprendizagem? Pesquise e procure conhecer melhor o significado destes termos.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Reuna um grupo de colegas, discuta esse tema e proponha um debate no conselho, APM ou colegiado escolar sobre a questão da maior autonomia das escolas, como um requisito dos novos tempos, das novas realidades.

• O PODER NA COMUNIDADE EDUCATIVA

Muito se tem escrito e falado sobre o autoritarismo na escola. Seria esta prática alguma coisa de congênito, ou seja, algo inerente à própria maneira como estão estruturados os nossos sistemas de ensino? Haveria alternativas a este tipo de cultura centralizadora, que historicamente tem caracterizado as relações das secretarias de educação com as escolas e da direção das escolas com professores, alunos, funcionários e comunidade?

Hoje, a gestão democrática é alguma coisa que está na Constituição e na lei. E a reflexão, o debate e a prática desta modalidade de gestão tem girado em torno de alguns pontos-chaves como, a eleição dos diretores das escolas, o princípio da colegialidade (conselhos participativos com a presença dos diversos segmentos da comunidade educativa) e o tema da autonomia administrativa, financeira e pedagógica das escolas.

Essas são questões já muito discutidas em nosso sistema de ensino e as formas de ver, entender e agir em relação a este assunto já estão muito difundidas e variam conforme o posicionamento político das diversas correntes e tendências que defendem este ou aquele entendimento da questão.

Vamos olhar a coisa de um outro ângulo. Vamos partir da própria dinâmica interna de nossas escolas. A experiência nos mostra que, no dia-a-dia, deparamo-nos com três tipos básicos de diretores: o diretor administrador escolar, o diretor-pedagogo e o diretor sócio-comunitário.

O diretor administrador é aquele cuja preocupação principal é fazer sua escola estar sempre em dia com todas as normas e exigências emanadas da secretaria de educação. Ele faz questão de seguir todos os ordenamentos (leis, portarias, resoluções e instruções) e, para isso, exige o quanto pode de seu pessoal. A escrituração escolar, coisas e pessoas funcionando e cada uma em seu devido lugar são suas obsessões. Este tipo de diretor faz grande sucesso no sistema e freqüentemente costuma ser convidado para assumir alguma posição de liderança na secretaria.

O outro tipo de diretor é o diretor-pedagogo. Sua preocupação central, aquela que mobiliza suas melhores energias, que convoca o melhor do seu ser é a questão da qualidade do ensino. Por isso suas atenções estão voltadas para os professores, para a capacitação em serviço, para a elaboração do projeto pedagógico e para o aprimoramento constante dos espaços estratégicos para que isto ocorra como a sala de aula da biblioteca, da videoteca e, quando existem, do laboratório e da sala de informática. Preocupa-se também com as metodologias de ensino e a sua discussão.

O terceiro tipo é o diretor sócio-comunitário. Para este tipo de diretor, a questão central é introduzir a escola na vida da comunidade e a comunidade na vida da escola. Suas preocupações principais são a gestão democrática da comunidade educativa e as relações da instituição escolar com seu entorno familiar e sócio-comunitário. É eleição para isso, é eleição para aquilo, comissão disto e comissão daquilo, semanas dedicadas aos mais variados temas, assim como feiras, visitas, festivais, campanhas e outros eventos nesta linha. O ambiente escolar é perpassado pela comunidade e a escola, por sua vez, também perpassa os diversos ambientes da comunidade.

Esses três tipos de diretores não são, naturalmente, tipos puros. É claro que, na vida real, eles se apresentam mesclados. A tipologia adotada, no entanto, nos permite perceber a linha identificadora, o traço principal, a marca definidora do modo de ser de cada um, aquilo que nos permite enquadrá-lo numa destas três categorias: administrador, pedagogo ou sócio-comunitário.

Qual destes três tipos seria o ideal? Quando fazemos esta pergunta, as pessoas costumam responder que o ideal seria um tipo que incorporasse todas estas três dimensões do dirigente escolar. A verdade, porém, é que a natureza e as agências formadoras não produzem tais seres em quantidade suficiente para suprir as necessidades de uma rede escolar tão grande como a que temos no Brasil.

A solução então é dar um jeito de fazer tudo isto ao mesmo tempo e uma coisa de cada vez, para que a escola possa funcionar como nós sonhamos que ela funcione nos plano administrativo-financeiro, pedagógico e sócio-comunitário. O caminho para isto é o trabalho em equipe, a delegação de áreas e a gestão colegiada, temas sobre os quais voltaremos a nos debruçar em outra parte deste livro.

A adoção desta perspectiva permite à escola voltar-se de maneira mais inteira para seus destinatários – os alunos, suas famílias e a comunidade onde está inserida – e procurar satisfazer suas reais necessidades e expectativas.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como você vê a gestão participativa na escola?
2. Você concorda ou discorda da tipologia dos diretores? Por que?
3. Como você avalia a presença da Secretaria de Educação na vida de sua escola?
4. Como vê a participação da família e da comunidade na gestão da escola?
5. Na sua opinião, como deveria ser distribuído o poder de decisão na comunidade escolar?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Observe com atenção o modo como a sua escola é gerida no dia-a-dia; procure listar as características positivas e negativas do estilo de gestão adotado. Procure formular sugestões e submetê-las à consideração das representantes dos professores no colegiado, conselho escolar ou APM (Associação de Pais e Mestres). Procure ser realista, construtivo, criativo e solidário, evitando confrontações desnecessárias. O melhor é começar com os professores, procurando produzir alternativas que melhorem as condições e os resultados do trabalho docente. Se as mudanças tiverem de acontecer, é por aí que elas devem começar.

• EDUCADORES FAMILIARES E EDUCADORES ESCOLARES

As relações das famílias com as escolas são um tema controverso em nosso sistema de ensino. Muito se fala e pouco se faz. As escolas queixam-se das famílias e as famílias, que, por sua vez, também se queixam muito das escolas. A verdade é que, provavelmente, ambas as partes tenham razão.

Como desenrolar este nó? A melhor maneira de começar é vendo as coisas como elas são, ou seja, não existe integração 100% entre a escola e as famílias em lugar nenhum, como também em parte alguma esta integração é de 0%. A verdade fica espalhada numa série de situações intermediárias entre nenhuma interação e uma interação total.

Para visualizarmos melhor esta questão, o melhor caminho é identificarmos aqueles formatos mais típicos que as relações com as famílias costumam assumir no dia-a-dia de nossas escolas. Vejamos, então, alguns deles.

1) A Relação Burocrático Formal

Esta é uma relação feia, formal e triste. A escola interage com as família de seus alunos apenas aquele mínimo necessário para cumprir o que dispõe a lei e o que impõe os usos e costumes da cultura escolar brasileira. Matrículas, algumas reuniões formais, algumas solenidades praticamente obrigatórias, algumas convocações para tratar os temas específicos (geralmente reclamações) e ponto final.

2) A Relação Tutelar

A escola se envolve mais intensa e calorosamente com os pais ou responsáveis de seus alunos do que no nível anterior, mas o faz como se eles fossem a extensão de seus filhos, isto é, como se eles fossem também educandos. Nesta visão, que costuma prevalecer nas relações das escolas com famílias muito pobres e com nenhuma ou pouquíssima escolaridade, os pais são realmente tutelados pelos educadores escolares.

A tutela é um tipo de relação em que – para receber algum tipo de proteção, apoio ou benefício – uma das partes é subordinada e colocada sob controle da outra, perdendo assim a sua capacidade de se autodeterminar, de exercitar sua própria autonomia. A relação do tipo tutelar é uma das explicações do modo de ser da sociedade brasileira, pois ela não se limita à relação entre adultos e crianças, mas se estende por um vasto elenco de outras relações: como a relação do estado com a sociedade, dos patrões com empregados, do homem com a mulher e por aí fora.

3) A Relação Pragmático-Utilitária

Na relação pragmático-utilitária, a escola tem uma visão instrumental da família, isto é, vê a família como uma fonte de recursos materiais, financeiros e de trabalho voluntário, para a escola realizar seus objetivos administrativos ou pedagógicos. Os pais são chamados a prestar serviços, envolver-se em campanhas, participar de quermesses, promoções e outros tipos e iniciativas nesta linha.

A limitação da postura pragmático utilitária reside no fato de as famílias não serem envolvidas de verdade no processo decisório sobre a realização ou não deste tipo de ação e de não ter uma ingerência real sobre a destinação destes recursos e muito menos de terem uma interlocução madura com a escola acerca do propósito pedagógico maior, ou seja, da visão que preside o programa de ação aos quais se destinam os recursos arrecadados ou as ações voluntárias nas quais as famílias devem se envolver.

4) A Relação Participativa e Democrática

Na relação participativa e democrática não existe uma relação de subordinação de nenhuma espécie entre educadores familiares e educadores escolares. Pais, professores e direção da escola são vistos como partes interessadas no sucesso escolar dos alunos e dos filhos e, para isto, devem atuar, não de forma paralela, cada um por si, nem de forma antagônica, se opondo uns aos outros, mas de forma convergente e complementar, isto é, cooperando ativamente para o atingimento de objetivos comuns.

Este é um tipo de relação que requer um verdadeiro e profundo compromisso ético-político por parte dos educadores com o desenvolvimento pessoal e social das pessoas e com o amadurecimento das relações democráticas no interior da instituição escolar e desta com o seu entorno. Solidariedade, humildade, determinação, coesão em torno de objetivos comuns e constância de propósito na perseguição destes objetivos são ingredientes indispensáveis para a construção de uma relação participativa e verdadeiramente democrática entre a escola e as famílias de seus alunos.

Não é difícil constatar que na grande maioria de nossas escolas, estejamos ainda muito longe de uma verdadeira relação participativa e democrática na relação com as famílias dos alunos. Esta constatação, no entanto, não deve servir para desanimar-nos. Ao contrário, ela nos deve servir de incentivo para que perseveremos cada vez mais neste caminho, pois é através dele que o Brasil poderá ressignificar a escola, a educação e o educador.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você concorda com a idéia de que uma das dificuldades históricas da escola é a sua relação com a família?
2. A que você atribui estas dificuldades?
3. Como você vê a tipologia que propomos para as relações escolas-famílias? Você conhece algum outro tipo básico de relação?
4. Em sua visão o que poderia ser feito para melhorar estas relações?
5. Qual, no seu entendimento, deverá ser o futuro das relações família-escola no século XXI?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Proponha um encontro entre professores, pais e alunos, para discutir, refletir e buscar novos caminhos para a relação escola-comunidade.

• .A RELAÇÃO ESCOLA-PROGRAMAS SOCIAIS DA COMUNIDADE

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien, Tailândia, colocou como uma das estratégias de seu Plano de Ação a necessidade de “ampliar os meios e o raio de ação da educação básica”. Isto quer dizer que o PNUD, com sua idéia de desenvolvimento humano, que a UNESCO, com a sua visão de educação para todos ao longo de toda a vida, que o Banco Mundial, com sua perspectiva de desenvolvimento do capital humano em escala planetária e que o UNICEF, com sua visão do desenvolvimento pessoal e social da criança e do adolescente, junto com as delegações de todas as nações representadas na Conferência, concordaram que é necessário ampliar as formas e diversificar os espaços de oferecimento de educação básica.

Diante da perspectiva aberta pela adoção em escala mundial desta visão estratégica, muitos educadores no Brasil e em outros países sentiram-se confrontados com o desafio de pensar a comunidade, não apenas como em espaço de ir e vir dos educandos, mas como agente educativo comprometido com o desenvolvimento da infância e da juventude escolarizada, ampliando, assim, os meios e o raio de ação da educação básica.

Foi das reflexões, do debate e da observação das experiências em curso neste campo, que alguns educadores amadureceram o conceito de ações complementares à escola. Como sabemos, existem muitos programas sociais, que atuam no horário oposto à escola, oferecendo uma ampla e diversificada gama de atendimentos à população infanto-juvenil.

Freqüentemente, porém, o que ocorre é que tais programas em alguns casos pretendem sobrepor-se à escola, tentando substituí-la, na medida em que atuam com crianças e adolescentes evadidos ou estacionados na vida escolar numa situação de permanente fracasso. Em outros casos, o que é mais comum, os programas sociais desenvolvem uma ação paralela à escola, sem procurar manter com ela nenhum tipo de vínculo.

O propósito estratégico que pulsa por trás da idéia de ações complementares à escola foi o de que todo programa social, que atua junto a crianças e adolescentes e que não seja escola, deve atuar como um satélite da escola, deve gravitar em torno da escola. A razão deste posicionamento é o reconhecimento de que o sucesso na escola é a única maneira de assegurar às crianças e adolescentes o desenvolvimento do seu potencial, ou seja, das promessas que trouxeram consigo ao vir a este mundo.

Nesta perspectiva, o objetivo destes programas seria basicamente contribuir para assegurar a todas as crianças e adolescentes por eles atendidos o ingresso, o regresso (no caso de estarem fora da escola), a permanência e o sucesso na sala de aula e na

vida. Se levamos esta percepção às últimas conseqüências, chegamos à conclusão de que o programa social, que trabalha com crianças e adolescentes, e não exerce nenhum impacto positivo sobre o ano escolar de cada criança ou jovem, definitivamente, não merece existir.

Esses programas são muitas vezes de natureza assistencial e procuram satisfazer necessidades como alimentação, reforço escolar, capacitação e encaminhamento para o trabalho, socialização (habilidades de relacionamento interpessoal e social), esporte, arte, cultura e cidadania. Se eles atuam fechados sobre si mesmos, eles serão incapazes de transcender o campo da assistência, se eles se compenetrarem da importância de uma atuação convergente e complementar com a escola, buscando contribuir para o ingresso, regresso, permanência e sucesso de todas as crianças na escola, eles transcendem, ultrapassam o campo da ação de natureza puramente assistencial e passam a atuar como autênticas e imprescindíveis ações complementares à escola, passando a funcionar como uma poderosa linha auxiliar da educação.

Quando um programa social assume esta atitude e a escola se abre a uma postura de atuação convergente e complementar com ele, tendo em vista o interesse superior do educando, que é o seu desenvolvimento pessoal e social, ou seja, o seu desenvolvimento como pessoa, cidadão e futuro trabalhador, a criança e o adolescente passam a ter educação o dia inteiro sem escola o dia inteiro.

Nós sabemos muito bem que, no caso da população de baixa renda, o mais comum é a criança não ter em casa um espaço adequado para estudar, nem nenhum material de apoio para esta atividade (atlas, enciclopédias, dicionário), nem tampouco seus pais estão preparados para oferecer-lhes uma orientação adequada em suas dificuldades por terem, eles próprios, pouca ou nenhuma escolaridade. Diante deste quadro, uma parceria da escola com os programas sociais, que funcionam no seu entorno, pode ter um significado muito importante no sucesso escolar de seus alunos.

Por isso é muito importante que os educadores escolares assumam a essencial incompletude da instituição escolar. É um equívoco pensar a escola como uma instituição que se basta a si mesma. Este raciocínio é simplesmente um contra senso, diante dos enormes desafios que confrontam a escola pública nos dias de hoje.

Cabe ao professor assumir e incentivar a direção da escola a assumir também uma postura de abertura, respeito, reciprocidade solidária e busca construtiva de atuação conjunta com todos os programas sociais, que atuam junto à população infanto-juvenil, no entorno da escola.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Como você, enquanto professor, vê as ações complementares à escola?
2. Na sua visão, como devem ser as relações entre educadores sociais (comunitários) e educadores escolares?
3. Como a escola encara hoje os programas sociais que lhe são complementares?
4. Como promover a preparação dos professores para compreenderem e aceitarem uma relação mais construtiva com os programas sociais que atuam no seu entorno?
5. Por que os professores têm tanta dificuldade em trabalhar conjuntamente com os educadores familiares e comunitários?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Faça com outros professores e alunos um mapeamento dos programas sociais existentes no entorno de sua escola, que têm potencial para realizarem ações complementares à escola.

Procure montar um grupo de pessoas para visitar esses programas e conhecer suas atividades, propósitos, equipes e dirigentes.

Tente promover um encontro entre educadores escolares e comunitários, para discutir os desafios e perspectivas desta relação.

• FAZENDO A DEMOCRACIA FUNCIONAR NA ESCOLA

A escola, como já dissemos, é o lugar onde as crianças se transformam em cidadãos. Se temos compromisso com a construção de uma sociedade democrática, esta construção deve começar desde cedo, na família e na escola. E a democracia, como afirma Bernardo Toro, é como o amor, importa mais vivê-la e edificá-la do que somente saber falar e escrever sobre ela.

O que é, então, viver a democracia? Segundo Norberto Bobbio, um sábio filósofo do direito italiano, viver a democracia é praticar as regras do jogo democrático. É viver o cotidiano da escola em conformidade com uma visão democrática da vida, isto é, das relações entre as pessoas e grupos, no interior da comunidade educativa.

E onde, no que diz respeito à escola, estas regras do jogo democrático estão explicitadas? Sem dúvida alguma, o regimento escolar é a fonte das normas pelas quais professores, alunos, pais, funcionários e a diretoria da escola devem pautar suas ações. Por isso o regimento, deve estar acima de todos os membros da comunidade educativa, pois ele é a medida do certo e do errado, do que pode e do que não pode na escola.

À medida em que o estado democrático de direito avança no Brasil e no mundo, vamos tomando consciência de que, para que um país seja verdadeiramente democrático, é preciso que suas instituições sejam também democráticas em seu funcionamento no dia a dia. Não basta, por isso mesmo, que apenas as constituições e as leis o sejam. É preciso que os ares da democracia pervadam todos os âmbitos da vida social.

E a escola – quem poderia negar isto? – é uma instituição fundamental para a democracia, que, mais do que uma forma de governo, deve ser vista, entendida, vivida como uma cosmovisão, uma visão que educadores e educandos constroem do mundo e do papel que cabe a cada um desempenhar em face das perspectivas e desafios que ele todos os dias coloca.

Construir coletivamente o regimento escolar, envolvendo todos os segmentos da comunidade educativa, é como fazer a assembléia constituinte da escola, comunidade da qual cada aluno e professor, familiar, técnico, funcionário ou diretor é membro, ou seja, cidadão.

Discutir as normas que regem a vida da escola, procurar entendê-las, propor mudanças, submeter as propostas à consideração da coletividade são práticas e vivências, que levam as pessoas a interiorizar em níveis mais profundos, o significado e o sentido da cidadania.

O regimento de uma escola não pode, no entanto, ser elaborado apenas com base no que está no entendimento dos membros de uma comunidade educativa. Ele deve guardar estrita coerência com o que está disposto na Constituição e nas leis. No nosso caso duas leis são importantes a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394, de dezembro de 1997 e o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 6687, de julho de 1990.

A LDB é a lei que regulamenta a oferta dos serviços de educação no país, enquanto o ECA é a lei que vê a educação mais do ponto de vista dos usuários da prestação do serviço educacional: a criança, o adolescente e seus familiares frente ao sistema de ensino.

Para perceber o quanto isto é importante, basta fazermos a seguinte pergunta: Quantas escolas no Brasil, hoje, já incorporaram em seus regimentos as conquistas em favor da infância e da juventude constantes na Constituição e nas leis brasileiras? Quase nenhuma. Não é mesmo? E por que isto ocorre desta maneira?

Isso ocorre porque os nossos sistemas de ensino em grande parte ainda ignoram a concepção de criança e adolescente, que está no artigo 227 da Constituição Federal, concepção esta que traz para o interior do panorama constitucional e legal brasileiro simplesmente o que há de melhor a respeito de infância e de juventude nas normas do direito internacional.

Se queremos respeitar nossas crianças e adolescentes como cidadãos, devemos possibilitar que eles possam conhecer seus direitos e exercitá-los no dia-a-dia, começando pela escola, que é a instituição historicamente responsável pela introdução das novas gerações nas práticas democráticas.

Por que é importante conhecer e reconhecer os direitos de cidadania de nossas crianças e adolescentes? Por que esta é a única maneira de pormos fim à discricionariedade, ou seja, à resolução dos conflitos de interesse entre as crianças e adolescentes, seus familiares e a instituição escolar com base em critérios subjetivos, isto é, na base do cada cabeça uma sentença. As decisões tomadas na escola devem ter por base o regimento escolar e este regimento, por sua vez, deve ser baseado na Constituição e nas leis, que, no caso, são a LDB e o ECA.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você conhece o regimento da sua escola?
2. Você já leu o capítulo do ECA que trata do Direito e Educação?
3. Qual a distinção que você faz entre conhecer a democracia e viver a democracia na escola?
4. O que você acha da afirmação de que o Regimento é a constituição da comunidade educativa?
5. Se todos não conhecem as normas regimentais que regem a vida da escola, há um risco do aumento da discricionariedade. Comente esta afirmação.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Apresente no Conselho Escolar, ou instância colegiada equivalente, a idéia de a escola eleger uma espécie de mini-constituente, com a presença de representantes de professores, direção, alunos e pais para estudar o Regimento e revê-lo à luz da LDB, do ECA e das sugestões, pleitos e necessidades dos vários segmentos da comunidade educativa.

O WALKMAN DA EDUCAÇÃO

É comum, nos meios empresariais, uma história interessante sobre a invenção do walkman. Dizem que Akio Morita, o lendário criador da SONY, e seu sócio Nobuka, certa vez, reuniram todos os cientistas e tecnólogos daquela indústria, que, naquele momento, já vitoriosa no Japão, se preparava para alçar vôos mais altos no plano internacional.

Foi então que Akio Morita desafiou toda aquela comunidade de tecnólogos e cientistas a produzir alguma coisa que mudasse o conceito de ouvir música. Seguiu-se um grande silêncio. O presidente explicou ao grupo a importância de se lançar um produto novo e inovador, que fosse capaz de posicionar a empresa como uma organização de vanguarda mundial no mercado fonográfico.

Como ninguém se manifestasse, a decisão foi no sentido de marcar uma nova reunião para algum tempo depois. Até lá os grupos iriam se reunindo e se debruçando sobre o desafio. Quem sabe nesse período não apareceria uma solução? Quando os participantes já se preparavam para levantar de seus lugares na sala de reunião e retornar aos seus postos de trabalho, uma voz se fez ouvir:

- Eu sei de alguma coisa que, se puder ser feita, mudará o conceito de ouvir música.

Todos se entreolharam entre desconfiados e surpresos, pois quem falava não era um cientista e nem um tecnólogo, mas um homem de marketing. E ele continuou:

- Por força de meu trabalho, lido o tempo todo com os consumidores do mercado musical e minha principal atividade é ouvi-los, sondá-los e conhecer suas necessidades e expectativas. Isto me permitiu desenvolver uma capacidade de colocar-me no lugar destas pessoas e, de certa forma, pensar e sentir como elas. Por isto, eu sei de alguma coisa que mudaria o conceito de ouvir música.

- O que é então? Interpelou um dos presentes. Diga logo!

E o homem de marketing prosseguiu:

- O que mudará o conceito de ouvir música, se pudermos fabricá-lo, será um aparelho que permita às pessoas escutar suas gravações preferidas, caminhando, com as mãos livres e sem incomodar quem esteja do lado.

O grupo se levantou. Cada um voltou para seu posto de trabalho. Menos de trinta dias depois Akio Morita tinha, sobre sua mesa de trabalho, o protótipo do primeiro walkman.

O mais curioso é que todas as tecnologias utilizadas para desenvolver o novo produto, já estavam no mercado há mais de dez anos: transistor, o gravador auto reverse e o fone de ouvido. Faltava apenas alguém que desenvolvesse o conceito capaz de integrá-los para responder a uma expectativa que todos sentiam, mas que ninguém percebia que, com os recursos tecnológicos então existentes, já era possível torná-la realidade.

Com a educação se passa o mesmo. Grande parte dos problemas com que hoje nos deparamos e que, cada vez com mais contundência, nos desafiam podem ser resolvidos com algumas “tecnologias”, que estão a nossa disposição há alguns séculos e, não, como no caso do walkman, há apenas uma década.

Refiro-me ao trinômio escola-família-comunidade. Se formos capazes de fazer com que a família, a escola e os programas sociais da comunidade atuem de maneira convergente e complementar em favor do desenvolvimento pessoal e social da infância e da juventude em cada bairro, vila, favela ou zona rural deste país, grande parte dos problemas com que hoje nos defrontamos poderiam ser resolvidos com grande eficiência, eficácia e efetividade.

Por que, então, isto não ocorre? Este é um dos pontos mais intrigantes de nossa formação cultural. Esse ímpeto de romper com a acomodação e de enfrentar de maneira solidária, construtiva e criativa os problemas que nos afligem está hoje emparedado por uma série de práticas culturais inibidoras, que nos impedem de usarmos o que temos de melhor em favor de nossas crianças e adolescentes.

Trata-se de nossa cultura política, que, de tão clientelista e fisiológica, não permite que se visualize com nitidez a fronteira entre os interesses público e privado. A nossa cultura administrativa, que é marcada pela burocracia e pelo corporativismo exacerbado, o que coloca os interesses das categorias funcionais acima dos interesses da população. Nossa cultura técnica auto-suficiente e formalista é, por isso mesmo, avessa a considerar o ponto de vista dos não-especialistas.

Nossa cultura cidadã, infelizmente, ainda é marcada pela passividade e pelo conformismo. Segundo o antropólogo Roberto da Matta, quando um cidadão conflita com um funcionário nos Estados Unidos, o cidadão, o contribuinte é quem pergunta: “Quem você pensa que é?” No Brasil, é o representante da burocracia estatal, que interpela o cidadão, indagando em tom inquisitorial: “Você sabe com quem está falando?”

Enquanto nós convivemos pacificamente com estas culturas e ensinarmos, pelo exemplo, a nossos alunos a fazerem o mesmo, o Brasil não sairá da pré-história de uma verdadeira cidadania.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você acredita que o caminho é mesmo o *walkman* da educação? Por que?
2. O que, como professor, você e seus colegas poderiam fazer em favor desta mentalidade?
3. Por que, na sua visão, a escola já não pode mais bastar-se a si mesma?
4. Como a nossa formação cultural prejudica a atuação convergente e complementar da escola, da família e da comunidade?
5. Você acha que é possível formar as novas gerações com uma mentalidade nova em relação a estas culturas? Como fazer isso?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Comece com os professores, a direção da escola, com seus alunos e, depois, com os pais, a difundir a idéia de trabalhar com base no trinômio escola-família e comunidade. Procure atuar no sentido de criar na sua escola um movimento permanente nesta direção.

• O EXTERMINADOR DO FUTURO

Quando a Fundação Odebrecht e o UNICEF realizaram o Prêmio O Adolescente por uma Escola Melhor eu fui convidado a escrever um texto, ou melhor, um artigo para o jornal Folha Jovem, que era o veículo para divulgação do prêmio entre estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Eu, então, escrevi sobre os cinco preços do ensino de má qualidade: o preço econômico, o preço social, o preço político, o preço ético e o preço pessoal. Vale a pena lembrar aqui o que eu escrevi naquela ocasião e tenho repetido em minhas palestras por esse Brasil afora.

A expressão mensurável da má qualidade do ensino é o índice de repetência sempre muito alto de nossas redes de ensino. Um aluno leva em média doze anos para concluir as oito séries do ensino fundamental e 40% não chegam a concluir esse nível. Se somarmos os anos a mais, gastos pelos que terminam fora de época com os anos perdidos dos que abandonam a escola na primeiras séries, sem ter aprendido o que deviam, veremos que cada aluno, que conclui o ensino fundamental, sai pelo preço de três para o sistema. Se formos traduzir isto em dinheiro, veremos que a repetência custa 2,5 a 3 bilhões de dólares para o Brasil todos os anos, dinheiro que poderia ser usado para melhorar a remuneração e as condições de ensino de nossas escolas. Este é o preço econômico da repetência.

O preço social da repetência é que cada aluno que repete uma, repete duas, repete três e sai da escola sem aprender é um brasileiro a mais despreparado para a vida. É mais um recorrente crônico dos programas assistenciais do Governo e da sociedade. Cesta básica, renda mínima, frentes de trabalho, agasalho no inverno, abrigos na época de chuva e vai por aí afora. Pessoas inteiramente vulneráveis, que precisam de ajuda para praticamente tudo nesta vida, pois vivem abaixo da linha da pobreza, sem ter acesso, a condições mínimas de bem-estar e de dignidade. A falta de educação básica mantém essas pessoas apartadas de qualquer oportunidade de trabalho nos setores dinâmicos da economia, retendo-as na triste condição de excluídas.

O preço político da repetência pode ser expresso na frase de Robert Owen, membro do parlamento britânico, que, quando a Inglaterra aprovou a lei do voto universal, assomou-se da tribuna e proclamou em alto e bom som para seus pares: “Agora, que temos o voto universal, temos de ter um ensino também universal, porque, numa democracia, o soberano é o povo. E ai do povo, que não educa o seu soberano”.

Pessoas não-educadas são as presas mais fáceis dos políticos corruptos, demagogos e oportunistas, que, a cada eleição, assumem postos de mando político e

cadeiras nos parlamentos em todos os níveis. A presença de “homens públicos” envolvidos com a corrupção, o tráfico de drogas, o contrabando e o extermínio de pessoas no parlamento brasileiro é uma prova do analfabetismo político de nosso povo, um povo que, depois de 500 anos, ainda não se mostra capaz de escolher seus mandatários e seus representantes parlamentares, entregando estes postos a elementos, que são mais caso de polícia que de política.

O preço ético da repetência é a constatação de que um país, que mantém mais de dois milhões e setecentos mil crianças e adolescentes em idade escolar fora da escola, grande parte deles trabalhando em condições desumanas e degradantes, não pode falar de ética a não ser entre aspas.

O maior de todos estes preços, porém, é o preço pessoal pago pela criança, que frequenta a escola o ano inteiro e, quando chega ao fim, é informada de que seus esforços não valeram nada. Ano que vem vai ter de começar tudo de novo. Quem, como eu, já passou pela dor e pela vergonha da reprovação, sabe o dano que ela é capaz de causar na auto-estima, no autoconceito e na autoconfiança de um ser humano cuja vida ainda está em seu começo.

Depois de elencar estes cinco preços, eu precisava de um nome, que sintetizasse para os adolescentes a mensagem do artigo de uma maneira clara e contundente. Foi então que eu, ao entrar no avião de Salvador para Belo Horizonte, deparei-me com o nome de um filme – O EXTERMINADOR DO FUTURO – e vi que não podia ser outro o nome do artigo. O ensino de má qualidade é o verdadeiro exterminador do futuro de nossas crianças, de nossos adolescentes e do Brasil. A competência técnica, como já dissemos, é uma forma de compromisso político-cidadão do educador com o futuro de seus educandos. Um compromisso de honra.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você concorda que o ensino de má qualidade é o verdadeiro exterminador do futuro de nossas crianças e adolescentes?
2. Como você vê a relação entre democracia e ensino de qualidade?
3. Como você vê a relação entre pobreza e ensino de má qualidade?
4. Quem você considera que paga o preço mais alto pela má qualidade do ensino? Por que?
5. Em uma escola onde todos sabem que o ensino é de má qualidade, é possível falar de ética? Justifique sua resposta.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Promova um debate entre professores, direção, pais e alunos sobre os Cinco Preços da Repetência. A consciência que nascer daí pode mudar muita coisa.

- **SER EDUCADOR**

Quem abraça uma profissão desenvolve um trabalho. Este trabalho tem duas dimensões: uma, pessoal, que diz respeito ao seu significado para a vida de quem o realiza. E a outra, social, que se refere à utilidade daquele trabalho para a coletividade em função da qual ele é realizado.

Cada atividade profissional tem seus requisitos técnicos e morais. Quando um trabalhador preenche estes requisitos, ele está habilitado e capacitado a exercer uma determinada atividade. Vejamos os principais requisitos técnicos para o exercício de uma profissão:

- 1) **Conhecimento:** Formação em uma determinada área devidamente comprovada, através de um título ou de um registro profissional reconhecido;
- 2) **Condições Pessoais:** Há profissionais bem formados que não têm condições físicas ou psíquicas para o exercício de uma atividade;
- 3) **Vocação:** Inclinação natural para o exercício de uma determinada profissão;
- 4) **Formação Contínua:** As inovações constantes no campo da ciência e das técnicas estão a exigir cada vez mais um processo de aquisição permanente de novos conhecimentos e habilidades.

Continuando, elenquemos algumas das condições morais requeridas para o exercício responsável de uma profissão:

- 1) **Responsabilidade:** O profissional deve ser capaz de responder pelas repercussões de suas ações ou omissões nos planos da consciência individual, das repercussões sociais e das implicações jurídicas do que fez ou deixou de fazer no exercício de sua atividade;
- 2) **Autenticidade:** Entendida por parte de quem trabalha como a busca da sinceridade no exercício profissional, colocando em suas ações o melhor do seu entendimento e da sua vontade;
- 3) **Honestidade Profissional:** Envolve o reconhecimento dos próprios limites, fazendo com que o profissional diga sim ao que sabe fazer bem e, não, àquilo de que não é capaz.

Isso se refere às profissões como um todo, quando se trata, no entanto, da profissão de educador em sua singularidade, temos de admitir que nossa profissão tem uma matriz ética singular, devido ao seu significado para a vida de pessoas em fase de formação. Por isto, além dos elementos éticos comuns a outras profissões, a educação traz algumas exigências próprias para aqueles que atuam nesta área:

1. **Coerência**, enquanto simetria entre o dizer e o fazer, recordado que o fazer é sempre mais importante que o dizer;
2. **Compromisso** com o interesse superior do destinatário de suas ações, que é o educando. Sem isto, o papel do educador simplesmente se esvazia;
3. **Afeto Pedagógico**, como aceitação de nossos educandos como são, mas sem perder de vista o que podem vir a ser, ou seja, o potencial de cada um;
4. **Responsabilidade**, que, para o educador, implica também fundamentar seus atos nos fins sociais da educação, nas exigências do bem-comum e no respeito à condição peculiar de pessoas em desenvolvimento de seus educandos;
5. **Bom Senso**, enquanto capacidade de discernimento prático na interpretação do conjunto de acontecimentos reais que, no cotidiano da ação educativa, transcorrem ante seus olhos;
6. **Atitude Crítica Permanente**, a começar pela avaliação de seus próprios atos e do modo como eles se articulam na concatenação dos acontecimentos, principalmente no que diz respeito às repercussões de seu agir sobre o desenvolvimento pessoal e social de seus educandos;
7. **Equilíbrio** frente ao desafio de atuar junto dos educandos, dos seus familiares e das autoridades escolares em situações-limite, situações de ruptura com a normalidade.

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Qual o significado da educação para você?
2. Qual o significado do seu trabalho para a sociedade?
3. Como você se sente em relação a cada um dos requisitos técnicos elencados no texto?
4. E quanto às condições morais requeridas para o exercício da profissão?
5. No que se refere às exigências morais específicas para o magistério, quais você considera as três mais importantes? Por que?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Sugira aos colegas que se interessem pelo assunto, a formação de um grupo que se reúna para refletir, debater e propor ações em favor do desenvolvimento e do avivamento da dimensão ética do trabalho educativo. Convide, se possível, pessoas também de fora da comunidade educativa para debater e aprofundar o assunto.

PALAVRA FINAL

Estas palavras não concluem este volume, ao contrário, elas nos induzem a interagir com o vasto horizonte da possibilidade de uma ação educativa de tipo novo. Mais do que um livro para o professor, este trabalho pretende ser uma oportunidade de discernimento do professor frente a si mesmo e à sua circunstância.

Na primeira parte – Quem sou eu? –, a idéia foi criar condições para que você pudesse confrontar-se consigo mesmo e com as diversas condições que emolduram sua presença neste mundo: pessoa, profissional e cidadão, buscando capturar em cada uma o seu significado e o seu sentido.

Na segunda parte – Quem são os alunos? –, a preocupação foi colocar-nos diante de uma visão daqueles que são a fonte do sentido e o suporte da significação do nosso trabalho: os educandos. A idéia foi apresentá-los em toda inteireza e complexidade presentes na dimensão pessoal e social da sua existência, apostando, acima de tudo, no potencial que cada um traz consigo e que tem o direito de desenvolver.

Anton Makarenko afirma: “Em muitas ocasiões, não são os homens que estão errados, mas as relações entre eles”. Por isso, a terceira parte – Como é minha relação com os alunos? – trata da relação professor-aluno, sem fugir dos desafios que nos são colocados pelas questões da disciplina e dos limites.

E, finalmente, na última parte – Com quem mais eu me relaciono? –, nosso desafio, ao abordar as relações estabelecidas pelo professor dentro e fora da comunidade educativa, foi o de não pensar o trabalho educativo do docente fora das molduras da escola, do sistema de ensino e do entorno sócio-familiar e comunitário da escola. Como na visão de Ortega y Gasset, pretendemos abordar o professor e a sua circunstância.

Pretendemos que este pequeno livro funcione como uma bússola para o professor, de modo a permitir-lhe chegar onde pretende na condução da sua missão, como pessoa, cidadão e profissional do magistério.

Belo Horizonte, julho de 2000.

ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Aventura Pedagógica. Modus Faciendi, Belo Horizonte, 1999.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Pedagogia da Presença. CBIA, 1992/ Modus Faciendi, 1997.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Protagonismo Juvenil. Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Educação e Vida – Um Guia Para o Adolescente. Modus Faciendi, Belo Horizonte, 1998.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Encontros e Travessias – O Adolescente Diante de Si Mesmo e do Mundo. IAS/Modus Faciendi, Belo Horizonte, 1999.

DELORS, Jacques *et alli*. Educação, um Tesouro a Descobrir. 2ª ed., Asa/UNESCO, Lisboa, 1996.

GASTALDI, Ítalo, Educar e evangelizar na pós-modernidade. Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1994.

MORIN, Edgard, Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma do ensino fundamental. EDUFRN, Natal, 1999.

PASCUAL, Antonia V., Clarificación de valores y desarrollo humano; estrategias para la escuela. Narcea, San Dalmacio (Madrid), 1995.

SAVIANI, Demerval, A nova lei da educação – LDB: trajetórias, limites e perspectivas. Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea), s.d.

TORO, José Bernardo, “Códigos da Modernidade: capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI”. Tradução e adaptação de Antonio Carlos Gomes da Costa. Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Porto Alegre, 1998.

• ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA

Pedagogo, começou sua vida de educador lecionando no ensino supletivo e, posteriormente, no ensino regular de primeiro e segundo graus. Em 1982, assumiu a cadeira de pedagogia terapêutica no Curso de Psicologia Escolar da FUMEC em Belo Horizonte. Como educador, entretanto, sua experiência mais significativa foi ter dirigido a Escola - FEBEM Barão de Camargos em Ouro Preto, junto com sua esposa, Maria José. Aqueles anos de luta e trabalho foram a base de toda sua atividade social e educativa até os dias de hoje.

Como dirigente técnico, na área das políticas públicas para a infância e juventude, sua trajetória permitiu-lhe acumular uma considerável vivência nesse campo. Foi Secretário de Administração em Ouro Preto, Presidente da FEBEM-MG, Oficial de Projetos do UNICEF, Diretor Executivo e Presidente do CBIA (Centro Brasileiro para Infância e Adolescência). Exerce as funções de Conselheiro nas Fundações ABRINQ, FNLIJ, ANDI, FUNJOBI e Instituto Ayrton Senna. Atualmente, é Diretor-Presidente da MODUS FACIENDI, sua empresa de consultoria, atuando ainda como consultor independente de vários organismos internacionais.

No plano internacional, representou o Brasil no Conselho Interamericano da Criança, organismo da OEA que funciona em Montevideu. Atuou também, como membro eleito a título pessoal (perito) no Comitê dos Direitos da Criança da ONU em Genebra.

Autor de vários livros e artigos sobre o atendimento, a promoção e a defesa dos direitos da população infanto-juvenil, publicados no Brasil e no exterior. Os principais títulos são:

Como Autor:

- Manual do Educador de Linha, FEBEM-MG, 1978
- O Que Faz a Gente? FEBEM-MG, 1979
- Educação pelo Trabalho, FEBEM-MG, 1983
- É Preciso Mudar, FEBEM-MG, 1984
- Por uma Política Social de Tipo Novo, FEBEM-MG, 1984
- Construindo Uma Supervisão de Tipo Novo, FEBEM-MG, 1984
- Orientação para o Trabalho, UNICEF/FNLIJ, 1987
- Aventura Pedagógica, Editora Columbus, 1990
- Pedagogia da Presença, CBIA, 1992/ MODUS FACIENDI, 1997
- A Criança e o Adolescente na Lei Orgânica do Município, UNICEF, 1989

- É Preciso Mudar – A Criança, o Adolescente e a Família na Política Social do Município, Editora Malheiros, 1993
- O Estatuto da Criança e do Adolescente e o Trabalho Infantil, OIT, 1994
- Trabalho Infantil – Problema ou Solução? OIT, 1995
- Trabalhando o Social no Dia-a-Dia, CIDS/ASFAS, 1995
- Mais que uma Lei, IAS, 1997
- Niños y niñas de la calle: vida, pasión y muerte, UNICEF, 1997
- Protagonismo Juvenil, Fundação Odebrecht, 2000

Como co-autor:

- Makarenko: Repensando a Questão do Menor Infrator, FUNABEM, Rio de Janeiro, 1988
- Brasil, Criança Urgente, Editora Columbus, São Paulo, 1989
- Cuadernos de Reflexión, Gurises Unidos, Montevideo, 1990
- Família Brasileira, a Base de Tudo, Editora Cortez, São Paulo, 1990
- Estatuto da Criança e do Adolescente, Estudos Sócio-Jurídicos, Editora Renovar, Rio de Janeiro, 1990
- Infância, Adolescência e Pobreza, FUNDAP, São Paulo, 1990
- A criança, o adolescente, o município – Entendendo e Implementando a Lei 8069/90
- Child Rights and UNICEF experience at the country level, UNICEF, 1991
- Ser Niño en America Latina, Editorial Galerna, Buenos Aires, 1991
- O Trabalho e a Rua, UNICEF-FLACSO-CBIA, Editora Cortez, São Paulo, 1991
- Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado, Editora Malheiros/UNICEF, São Paulo, 1992
- Lugar de Criança é na Escola – Aprendendo, UNICEF/CECIP, Rio de Janeiro, 1993
- El Hombre y la Ciudad – Promoción Humana en las Megapolis de America Latina, CELAM, 1994
- Do Averso ao Direito, Editora Malheiros/UNICEF/Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 1994
- Das Necessidades aos Direitos, Editora Malheiros, São Paulo, 1994

Como colaborador/consultor:

- Supervisão – Dimensões da supervisão na práxis educativa da FEBEM-MG, FEBEM-MG, 1985
- Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado, Editora Malheiros, São Paulo, 1990

- Todos pela Educação no Município – Um Desafio para Dirigentes, UNICEF, Brasília, 1993
- Todos pela Educação no Município – Um Desafio para Cidadãos, UNICEF, Brasília, 1993
- Das Necessidades aos Direitos, Editora Malheiros, São Paulo, 1994
- 10 Medidas Básicas para a Infância Brasileira, Fundação ABRINQ, São Paulo, 1994

Considera sua maior realização, enquanto cidadão e educador, ter participado do grupo de redação do Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como da atuação política pela sua aprovação no Congresso Nacional e posterior sanção pelo Presidente da República.

Organizações às quais tem prestado serviços: Prefeituras, Secretarias de Estado, UNICEF, OIT e outras entidades governamentais e não-governamentais, como as Fundações Odebrecht, Maurício Sirotsky Sobrinho, Acesita e o Instituto Ayrton Senna.

Atuando como consultor externo do UNICEF realizou missões de consultoria nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, El Salvador, Guatemala, Honduras e Peru, apoiando tecnicamente processos de adequação de diversas legislações nacionais à Convenção Internacional dos Direitos da Criança e de melhoria das ações de atenção direta. Em 1998 recebeu o “Prêmio de Direitos Humanos”, na categoria Livre.